NO SUPLEMENTO LITERÁRIO: VERGÍLIO FERREIRA ESCREVE SOBRE JOSÉ RÉGIO

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 15 DE JANEIRO DE 1970 N.º 16 907 ANO 49.º PREÇO 1$50

ATENÇÃO
A MOSCA
PICA AOS SÁBADOS

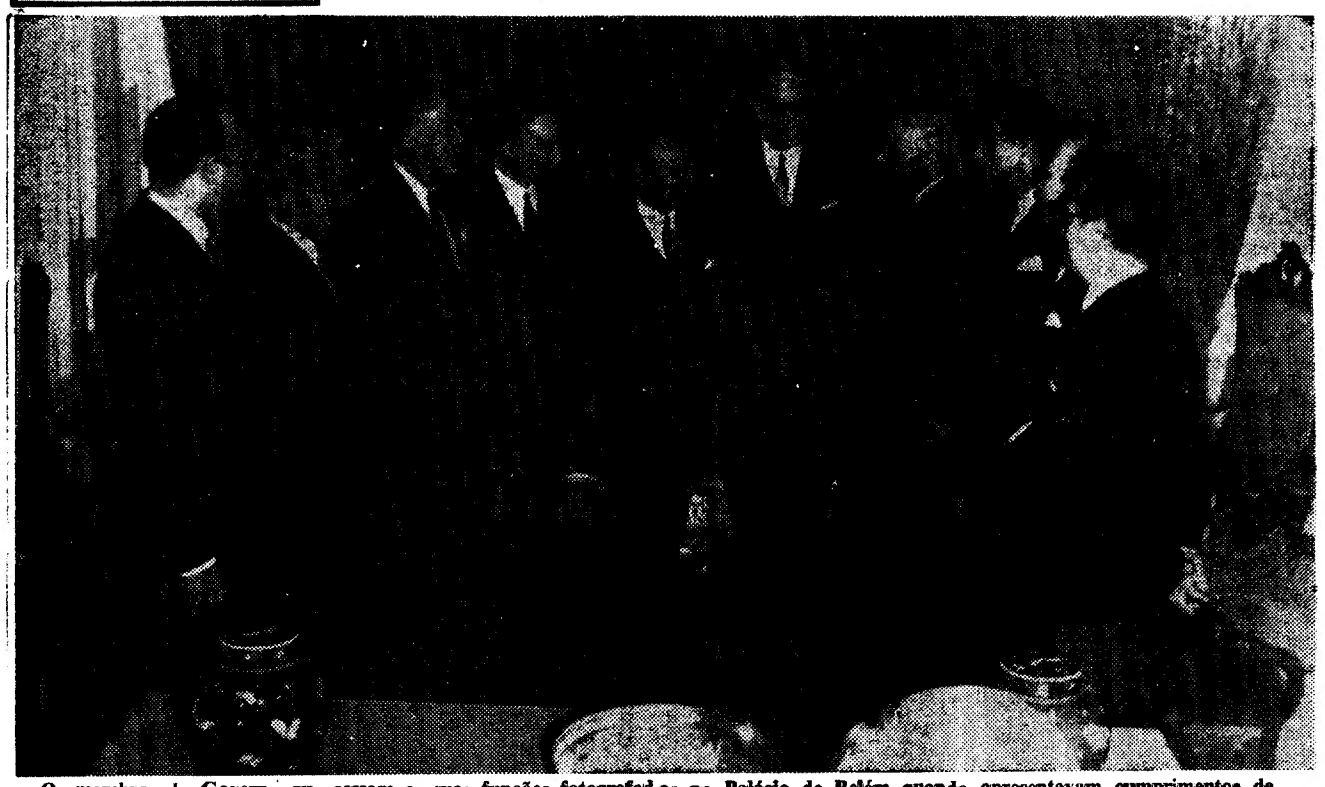
MARCELLO CAETANO:

«A política tem de se destinar fundamentalmente a encontrar as fórmulas e soluções que permitam servir o País o melhor possível.»

(Ler na pág. 16)

NOVO GOVERNO

A PRESENTE REMODELAÇÃO VISA «FACILITAR AS LIGAÇÕES ENTRE SERVIÇOS QUE TENHAM DE ACTUAR HARMONICAMENTE»



Os membros do Governo que cessam as suas funções fotografados no Palácio de Belém quando apresentavam cumprimentos de despedida ao Chefe do Estado

A CERIMÓNIA DA POSSE EFECTUOU-SE ESTA TARDE NO PALÁCIO DE BELÉM

Perante natural expectativa do País, foi ontem à noite anunciada oficialmente a esperada recomposição ministerial, que o Presidente do Conselho, em declaração ao País, explicaria como tendo por objectivo «adaptar a estrutura do Governo à situação presente, de modo a permitir uma acção cada vez mais pronta e eficaz, sem perda da reflexão e do estudo imprescindíveis e sem comprometimento da unidade de orientação indispensável».

O novo Governo, cuja composição noutro lugar publicaremos, compõe-se de dez ministros, doze secretários de Estado e sete subsecretários de Estado.

Entre outras inovações, anote-se a junção, num único, dos antigos Ministérios da Defesa Nacional com o do Exército e o das Corporações e Previdência Social com o da Saúde e Assistência. Na pasta da Defesa e Exército fica o general Sá Viana Rebelo e para a das Corporações e Saúde foi nomeado o dr. Baltasar Rebelo de Sousa.

(Continua na página central)

BIAFRA: AS CAUSAS DA DERROTA

Por STANLEY MEISLLER
(Serviço especial «Washington-Post»-«Diário de Lisboa»)

LAGOS, 15 — Biafra caiu, esta semana, no meio do caos, em parte devido á fome e ao poder bélico nigeriano, mas a arrogância e o romantismo biafrenses foram também causas da derrota.

Para um soldado, seria fácil tirar uma conclusão acerca desta guerra civil de 30 meses: o Exército nigeriano, maior e melhor apetrechado, e o seu bloqueio aos géneros alimentícios desgastaram o povo do Estado secessionista até o enfraquecer, retirando-lhe todo o ânimo de luta.

Mas um político ou um psicólogo podia tirar uma conclusão mais complexa e mais interessante: os dirigentes do Biafra podiam ter salvo alguma coisa e evitado esta derrocada, se não estivessem cegos pela sua própria arrogância e pela sua ingénua e romanesca concepção do mundo.

Dessa concepção provieram enormes erros. No começo, o povo ibo, que formava o grosso da população de Biafra, supunha que as outras tribos da Nigéria eram demasiado incompetentes para conduzir uma guerra. Os ibos formavam o povo mais educado e mais ocidentalizado da Nigéria, o que os levava, por vezes, a manifestar o seu desprezo pelos outros grupos étnicos.

O dirigente biafrense, general Odumegwu Ojukwu, diplomado por Oxford, reflectia, mais do que nin-

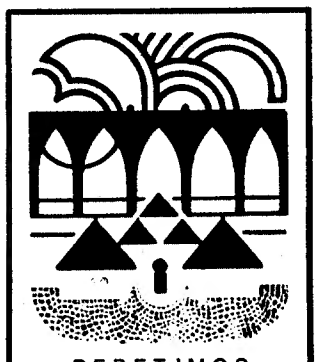
(Continua na ultima página)

«ÁLBUM DE LISBOA»

COM A COLABORAÇÃO DA CIDLA a recepção de cadernetas vai fazer-se em todos os bairros

DESDE o primeiro momento que a Cidla patrocinou a nossa iniciativa, integrando-a na campanha «Gazcidla no seu bairro». Mas não ficou por aqui a colaboração da grande empresa. Podemos hoje revelar a localização e os dias de recepção de cadernetas nos «stands» Gazcidla espalhados por várias zonas da cidade, para comodidade dos

(Continua na pág. seguinte)



REPETIMOS NA 2.ª PÁGINA AS GRAVURAS 9 e 10 DO NOSSO CONCURSO

«República»

Há cinquenta e nove anos, completados hoje, saiu o primeiro número do nosso prezado colega «República», fundado por António José de Almeida e que mantém a linha de rumo do seu ideário republicano. Aos director e director-adjunto, respectivamente, srs. Carvalhão Duarte e dr. Alfredo Guisado, e aos seus colaboradores, as nossas cordiais saudações.

HOJE 32 PÁGINAS

VISADO PELA CENSURA

instantâneos de LISBOA

A HORA DO TÉDIO

CAI UMA CHUVA incómoda, miudinha, de molha-tolos, na Rua da Voz do Operário. É ali, a S. Vicente de Fora. O trânsito faz-se cauteloso, que a calçada é traiçoeira. São seis, seis e meia da tarde. Já os candeeiros (poucos) se acenderam e projectam sua luz tímida no chão molhado.

Abrigo-me da chuva na soleira de uma porta, enquanto o eléctrico demora. Pouca gente na rua, nenhuns motivos para distrair a atenção durante a espera. De súbito, um casal e um miúdo surgem dos lados de Santa Clara. Perto, reparo que o homem (ainda novo) traz ao colo mais uma criança, possìvelmente de meses.

Aproximam-se da paragem do eléctrico e ficam ali, de pé, ignorando a chuva. Não trocam palavras. Parece-me, não sei por que motivo, adivinhar naquele silêncio algum desentendimento familiar, alguma tensão — ou, pura e simplesmente, o tédio da vida em comum, a incomodidade de quem nada tem para dizer, porque já disse tudo.

Só o miúdo (quatro, cinco anos), agarrado ás calças do pai, choraminga, porque o carro nunca mais chega. O homem manda calar a criança, numa voz ríspida e totalmente despida de ternura. A mulher está mesmo em cima da linha do eléctrico e parece-me indiferente a tudo — á chuva, á vida em redor, ao filho que choraminga.

Mas já o carro assoma lá ao alto. Desce veloz, tanto quanto o pode ser um eléctrico. O miúdo inquieta-se: «Tire-se daí, mãe, que vem o carro». É então que ouço, pela primeira vez, a voz do homem: «O que tem isso? *Infelizmente* o eléctrico pára».

Não sei que frio me percorre o corpo todo. E, como num filme, passam diante de mim dois jovens que, há cinco, seis anos, se prometeram mutuamente amor sem fim. E se detestam, agora, fartos, fartos — unidos simplesmente pelo amor dos filhos.

TORQUATO DA LUZ

ALTERAÇÕES AO RECENTE HORÁRIO EM VIGOR NA LINHA DE CASCAIS

A Sociedade Estoril tornou público o seguinte comunicado:

1. O actual horário da linha de Cascais, levantou críticas e protestos. Como, aliás sucede, sempre que há mudança de horário. No entanto, o Governo e a empresa, em perfeita coincidência de critérios, assentaram que o problema tinha de ser revisto. A sensação aparente — mesmo que não corresponda á realidade — é que o horário, tal como está, não agradou á maioria dos senhores passageiros. Será consequentemente corrigido, a partir de 19 do corrente.

2. Não será possível dar satisfação a todos os senhores utentes da linha. Por parte dos senhores passageiros, cada um quer que o comboio o leve, á hora que lhe convém, com o menor número de paragens possíveis, da estação de origem á estação do destino. E isto afigura-se-lhe de uma facilidade extrema. Por parte da empresa, o problema é outro. Tem que se atender ao somatório de todos os interesses, muitas das vezes divergentes; articular a distribuição de 301 comboios; e muitas coisas mais.

3. Nestes 17 dias houve já tempo para examinar as reclamações apresentadas e de estudar a maneira de remediá-las. Na medida do possível. Todas foram analisadas com a mesma objectividade. Independentemente da forma da sua apresentação ter sido correcta, grosseira, ou mesmo insultuosa.

4. Outro aspecto do mesmo problema, consiste em saber se a maioria dos senhores passageiros prefere: — a manutenção do horário antigo, em vigor até 28.XII.69 —como alguns pretendem;— ou o horário actual, com as correcções que lhe vão ser introduzidas, e que passará a vigorar a partir de 19 do corrente. Se a empresa quisesse esquecer o seu dever, e o seu desejo de bem servir, o seu interesse estaria no restabelecimento do horário que findou em 28.XII.69. O actual, antes ou depois de corrigido, aumenta os seus encargos. Até por esta razão, se o fizesse, nova onda de protestos surgiria.

5. Parece que a solução mais válida para o problema, será uma consulta aos senhores utentes da linha. Restrita aos senhores assinantes, anuais e mensais, por dois **motivos**: — porque, sendo aqueles que utilizam os comboios com mais frequência, serão os mais afectados pela opção de um ou outro horário; — porque como é óbvio, esta é a unica consulta que pode ser controlada.

Com a entrega dos próximos cartões das assinaturas de Fevereiro, os senhores assinantes receberão dois talões que lhes permitirão indicar a sua preferência. Os senhores assinantes que não tenham de requisitar a renovação das assinaturas para Fevereiro poderão requisitar os dois talões, mediante a apresentação da sua assinatura.

6. A empresa tenta, por esta forma, conhecer a opinião da maioria dos senhores assinantes. Não tem a mínima ilusão que se eliminem as reclamações. Ficarão sempre de pé os protestos: dos individualistas, só capazes de conhecer as suas preferências, esquecendo-se que ou-

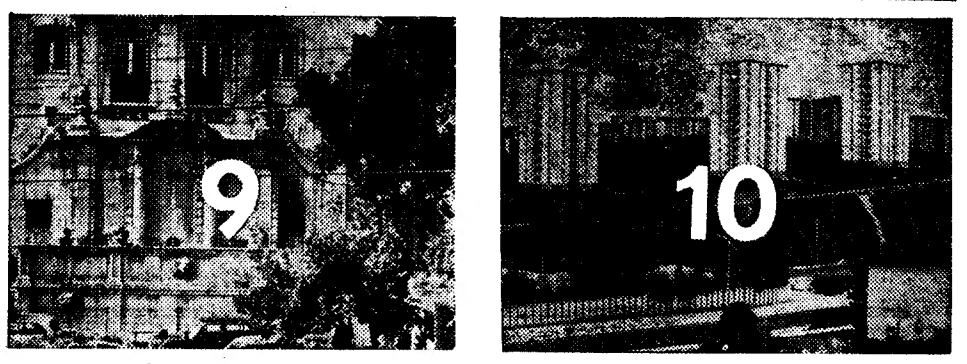
(Continua na 4.ª página)

DR. ABEL CORREIA

Seguiu para os Estados Unidos acompanhado de sua esposa, o dr. Abel Correia, distinto otorrino-assistente dos H. Civis de Lisboa, a fim de contactar com as clínicas da sua especialidade, em Nova York, Los Angeles e Boston.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

Album de Lisboa



Recorte e cole as gravuras no espaço marcado na caderneta

Todos os assuntos referentes ao Concurso deverão ser tratados na RUA CASTILHO, 185-1.º — Telefs.: 65 45 33/65 45 34

COM A COLABORAÇÃO DA CIDLA A RECEPÇÃO DE CADERNETAS VAI FAZER-SE EM TODOS OS BAIRROS

(Continuação da pág. anterior)

participantes no nosso concurso. Não devem pois, inquietar-se os concorrentes: no seu próprio bairro, sem deslocações nem demoras, vão poder entregar as cadernetas que os virão a habilitar ao sorteio de magníficas prémios.

A RECEPÇÃO PELO CORREIO

Continuamos a receber cadernetas enviadas pelo correio e vindas dos mais diversos pontos do País. Recordamos que quem pretender a devolução do boletim de identificação numerado, deve remeter junto um selo de 1$00. As cartas contendo as cadernetas serão sempre dirigidas aos nossos serviços da Rua Castilho, 185-1.º.

A entrega de cadernetas só será feita pessoalmente nos nossos serviços da Rua Castilho, 185-1.º, depois de terminada a recepção dos «stands» Gazcidla, que vai processar-se pela ordem seguinte:

Localização dos «stands» Gazcidla e dias de recepção de cadernetas

JANEIRO

26 — Rua de S. Miguel, 9 ALFAMA.
27 — R. da Esperança, 134 MADRAGOA.
28 — Rua da Atalaia, 131 BAIRRO ALTO.
29 — Largo da Graça, 63-D — GRAÇA.
30 — Rua de Campolide, 94-C — CAMPOLIDE.
31 — Rua Infantaria 16, n.º 57-A — CAMPO DE OURIQUE.

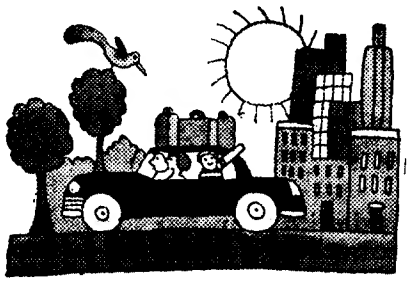
FEVEREIRO

2 — Praça Alexandre Ferreira, 32 — LUMIAR.
3 — Rua Emília das Neves, 4-B — BENFICA.
4 — Rua Cidade de João Belo, lote 88-Lj. B — OLIVAIS.
5 — Avenida Miguel Bombarda, 56-A — AVENIDAS NOVAS.
6 — Rua José Duro, 27-C ALVALADE.
7 — Avenida 24 de Julho, 94-A — 24 DE JULHO.
9 — Rua do Alecrim, 77 — ALECRIM.
10 — Praça Marquês de Pombal, 1 — MARQUÊS DE POMBAL.
11 — Largo do Calvário, 12-C — ALCANTARA.
12 — Largo Mendonça e Costa, n.º 9-C — ARROIOS.
13 e 14 — Praça D. João I, 28-3.º — PORTO.
16 — Rua Mário Pais, 16 — COIMBRA.

Pensámos, pois, na comodidade dos concorrentes que, assim, sem deslocações nem demoras, poderão, rápidamente, entregar as suas cadernetas e habilitar-se a óptimos prémios. Recordamos: só depois de 16 de Fevereiro próximo (após a recepção em Coimbra) se procederá á entrega pessoal nos nossos serviços da Rua Castilho, 185-1.º. Até lá, os que desejarem remeter as suas cadernetas só o devem fazer pelo correio.

Este é o «stand» Gazcidla da Madragoa, onde também se fará a recepção de cadernetas. Situa-se na Rua da Esperança, 134, e ali encontra material de queima, assistência técnica eficiente e resposta imediata aos seus pedidos de gás

Para fim-de-semana
vai melhor com Hertz



De sexta-feira à tarde a segunda-feira de manhã, poderá ter um Ford Escort ou um Volkswagen 1.300, por **490$00** (quilometragem ilimitada) ou **360$00** (incluindo 100 kms. grátis).

Escolha a modalidade que lhe convier e reserve o seu carro Hertz pelos telefones — Lisboa 32 82 47 ou Porto 33 4 55.

vai melhor com Hertz

Hertz

A CRISE ENTRE OS LIBERAIS ALEMÃES NÃO PARECE AFECTAR A COLIGAÇÃO GOVERNAMENTAL

BONN — A nova coligação governamental centro-esquerda da Alemanha Ocidental e a sua imaginativa política para com o Leste e a Europa não correm risco devido á crise que afecta o partido liberal (F. D. P.). Esta foi, pelo menos, a opinião recentemente expressa, pelo ministro dos estrangeiros e «chairman» do F. D. P., Walter Scheel, depois de um encontro crítico dos «naders» do Partido em Stutgarda. Apesar dos claros sinais de nervosismo por parte dos democratas-sociais de Willy Brandt, Scheel afastou a sugestão de que a crise poderia causar dano á coligação.

Os democratas livres, cujo voto nacional baixou de 9,5% para 5,8 % nas eleições de Setembro, e estão a ser atacados, tanto pelos elementos conservadores como pelos jovens radicais no seio do Partido. A questão de saber se o partido resistirá intacto é de importancia vital para o regime de Brandt dado que o seu 30 lugares no «Bundestag são a margem decisiva entre o S. P. D. (que tem 24) e os cristãos-democratas (que têm 242).

Sob a chefia de Scheel, o Partido virou para a esquerda, deslocando-se da sua posição centrista tradicional. Foi esse o factor-chave na eleição do candidato S. P. D., Gustav Heinemann, para Presidente federal nas eleições do ano passado, e na eleição de Brandt, como primeiro chanceler social-democrata que a Alemanha Federal conheceu.

No entanto, com essa vilhos sairam do partido que agora tem poucas centenas de milhar entre a sua existência como partido e a sua dissolução legal (um partido com menos de 5 % de votos nacionais parlamento).

As perspectivas sombrias do F. D. P. aborreceram não pode ter assento no imenso os socias-democratas. A credibilidade do novo Governo com as suas ambiciosas aberturas para Leste e para a politica da Comunidade Europeia, começou a ser posta em duvida. A estreita margem maioritária no Bundestag (6 votos) causa grande nervosismo ao Governo. Na Câmara Alta (Bundesrat) os cristãos-democratas têm uma margem de um voto e já conseguiram protelar dois importantes documentos legislativos. O Governo espera modificar isto em cinco eleições de Estado este ano.

A figura-chave da crise do F. D. P. é o antigo «chairman» do Partido, Erich Mende, um conhecido conservador.

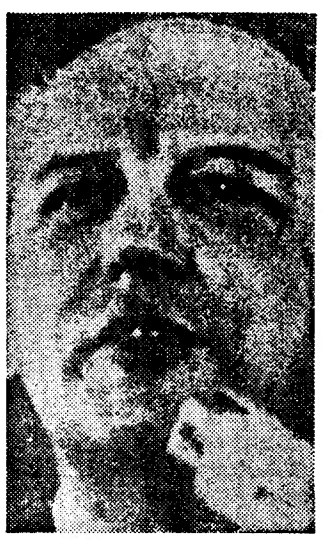
Mende, que foi ministro em diversas coligações com os sociais-democratas, dirigiu alguns deputados que se opuseram á coligação com o S. P. D. e insistiu numa coligação com os cristãos-democratas.

Desde então, Mende tem vindo a travar uma guerra contra a chefia do Partido,

Por JOE ALEX MORRIS

(Exclusivo «The Los Angeles Times»-«D. L.»)

acusando-o de alinhar em posições inaceitáveis de conciliação com potências comunistas tais como o reconhecimento da Alemanha do Leste e da fronteira



Walter Scheil

Gustav Heinemann

Oder-Neisse com a Polónia. Ignorou os avisos de Scheel, convidando á disciplina do Partido e ameaçou sair das suas fileiras, se tal fosse necessário.

O F D. P. foi também enfraquecido pela demissão de dois funcionários superiores do Partido em Badeu-Wertemberg, Sshleswig-Holstein (onde o executivo resignou todo) e noutros locais. Eram todos membros da ala direita, mas os jovens democratas ameaçaram também abandonar o Partido se não se adoptassem medidas contra os membros da ala direita.

A crise chegou ao ponto culminante em Stutgard. O problema de Mende ficou fora da agenda, em obediência ás exigências de unidade do Partido.

Mende declarou que não retiraria as suas opinições, mas acrescentou que concordava em não voltar a dar publicidade aos seus diferendos com o Partido.

Scheel acusou Mende de estar a auxiliar os adversários do Governo, fazendo afirmaçeõs de mau gosto e criando grande paixão á volta de conflitos que não existem, mas declarou que não se pensava sequer em expulsar Mende: este é que devia decidir se queria ficar ou não no Partido.

Scheel admitiu que este ano seria o ano da «prova de fogo» para o F D. P. Mas acrescentou que a longevidade da actual coligação «certamente não seria vitima de franco-atiradores politicos» e apelou para a lealdade e cooperação de todos os membros do Partido.

Matemáticamente seria difícil que os cristãos-democratas se aproveitassem da presente cisão do F. D. P. para derrubar o Governo, três dos 30 deputados F. D. P. incluindo Mende, são tidos por incertos, e se abandonassem a facção e se juntassem aos cristãos-democratas reduziriam a maioria governamental a três. Muitos observadores ocnsideram esta maioria inoperante, mas, segundo a constituição alemã, um Governo só pode cair no caso de uma maioria de deputados concordar em novo Governo.

Scheel está a tentar obviar aos males da presente crise, esperando que a participação do Patrido num Governo novo e cheio de imaginação lhe restitua os votantes perdidos, agora nas próximas eleições em cinco estados. O N. D. P. — que escapou por pouco, nas eleições de Setembro, a uma votação crítica de menos de 5 % — precisa desesperadamente de um novo voto de confiança publica na sua viragem para a esquerda, para que possa sobreviver — e com ele, talvez, o actual Governo.

Nota do dia

E PARA A FRENTE COMO É?

TEMOS NOVO GOVERNO. Dizer-se o que é que se pensa de um novo Governo é tão difícil como falar duns noivos. Uns dizem que sim, outros dizem que não, outros dizem que talvez. O que é que diz a noiva? O que é que dizem os pais da noiva, os que vão ser padrinhos, os amigos da família, os que acham que a noiva coitadinha merecia, todos esses o que é que dizem? Sabe-se como é. As pessoas conformam-se e acabam por achar que até pode ser que venham a ser felizes. Os noivos, claro. Com os Governos é uma coisa parecida, as pessoas de boa vontade conformam-se também e confiam.

Na sua comunicação ao País o prof. Marcello Caetano não falou em novo Governo, mas apenas em remodelação, o que pode traduzir o propósito de circunscrever as dimensões do acontecimento. Na sua maneira de pôr o problema, viu-se o cuidado correcto e polido de um aceno de simpatia aos colaboradores de quem se separa, porquanto, «não se trata de substituir pessoas», mas de dar mais alguns passos no sentido de uma política que foi definida e vem, naturalmente, à procura da sua concretização. Essa política, dentro da estrutura ministerial que veio a constituir-se, é a de um certo propósito de coordenação.

Recordou o Presidente do Conselho que foi há meses, quando se revelou oportunidade para isso, que se deu em tal sentido o primeiro passo, juntando na mesma pessoas as pastas das Finanças e da Economia. É nessa senda que se prossegue, reunindo agora Corporações e Previdência com Saúde e Assistência, Defesa com Exército e Obras Públicas com Comunicações. Cria-se assim, embora sem a pompa das grandes designações, uma espécie de superministros responsáveis pela coordenação por sectores, passos que se entendem no sentido de uma articulação que se julga cada vez mais necessária perante problemas que o dia-a-dia vai oferecendo na sua dimensão nova.

Sobre o sentido da remodelação disse o prof. Marcello Caetano que o Governo se reorganizou para se fortalecer nas diferentes frentes onde tem de travar a sua luta, enumerando quais elas são. Esses pontos são efectivamente nós de acção, dos quais aponta a defesa (quadros, homens e meios), a frente económica (com as respectivas linhas mestras traçadas no III Plano de Fomento), a acção social (onde apontou a opinião de que fizemos nos últimos anos enormes progressos no melhor aproveitamento dos valores existentes) e finalmente na educação (onde os problemas como tais toda a gente os vê).

Ver os problemas não é todavia, não o poderá ser sempre, ter na algibeira a solução mais pronta e mais perto do que se requer. Mas entre os seus novos colaboradores, o prof. Marcello Caetano poderá encontrar alguns a quem chame em conjunto a sua «jovem equipa» e que neles ponha o acelerador da sua própria esperança. O triângulo que veio de Moçambique, com provas dadas e uma certa coesão aprendida na acção, tem muito que fazer e tem evidentemente uma grande oportunidade diante de si. A sua própria presença comum pode ser, como agora se diz, um desafio a algumas realidades que é preciso defrontar.

Estas são as esperanças. O reverso tem um nome que já aqui temos chamado e que o Presidente do Conselho teve, entre outros, o merecimento corajoso de não pretender escamotear. **É o risco da inflação.** Desse risco é que parece indispensável ir formando consciência, o que é a mecânica de salários e preços, o valor real do dinheiro que se tem na algibeira ou que se tem para receber, não deixar que se fomentem ilusões que sejam apenas ilusões. «O Governo está consciente do perigo da inflação e disposto a fazer-lhe face», diz o Presidente do Conselho. De acordo, mas preciso é que essa consciência se forme também por baixo, por baixo e por cima, fora das esferas oficiais mas onde estiver a vida viva da gente que todos somos.

RECTÂNGULOS DA VIDA

OS URSOS

Por MARIA JUDITE DE CARVALHO

O tempo que levámos para nos convencer — a coisa, digam lá os espíritos científicos o que disserem, não era fácil, e mesmo alguns não católicos achavam muito maior dignidade no velho parentesco com Adão — o tempo que levámos, portanto, e agora vem um sábio italiano dizer que Darwin não senhores, que não temos nada a ver com o macaco, que estamos, sim, é relacionados com o urso porque tivemos um antepassado comum. São eles, os ursos, os nossos primos direitos.

Verdade seja dita, nunca nutrimos pelo macaco uma simpatia por aí além. Mesmo na linguagem, ele só nos serve para ridicularizar as pessoas, féras como um macaco, com macaquinhos no sótão, macaqueadoras, fazedoras de macaquices, etc. O urso, vendo bem, sempre foi melhor tratado. Não que houvesse familiaridade com ele, não. Uma certa cortesia distante em todo o caso. É urso o melhor aluno, é urso quem não dá confiança a qualquer, são ursas duas constelações, a Maior e a Menor. A criança vai para a cama agarrada ao seu urso de pelo como se ele a protegesse, da noite. Como se houvesse no fundo dela, da criança, uma vaga, esquecida recordação?

O macaco dava-nos má consciência. Tinhamos vergonha de um tal parentesco, que nos inquietava, negávamo-lo em todos os nossos actos, apesar de Darwin. E no Jardim Zoológico ficávamos sempre perturbados ao olhá-lo, sentiamo-nos mal,, pouco à vontade, riamos para disfarçar, que engraçados que são, que giros, não é? Parecem gente, não parecem? Nada disso com o urso. A parecença não existe, podemos sorrir abertamente, pensar que estes sábios... Têm cada ideia estes sábios, os ursos, vejam lá...

Uf, que alívio! Podemos olhar sem complexos para os macacos e pensar que os ursos... Bem, pensar que daqui por uns anos talvez se descubra que somos primos é do golfinho.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

HORÁRIOS DA LINHA DE CASCAIS

(Continuação da 2.ª página

tros também as têm; dos contestatárias, cujo objectivo é apenas reclamar; e dos que, por princípio, serão sempre contra o serviço público que utilizam, ou seja contra a empresa. Ao contrário dos horários, sempre susceptíveis de correcção, para estes estados de espíritos não se encontrou ainda remédio.

7. A empresa recorda ter anunciado que o horário era posto em vigor a título de observação e estudo. Como transição para o horário definitivo, a estabelecer após o recebimento das 30 novas carruagens que se encontram em fabrico. As primeiras devem ser entregues no próximo mês de Abril, como estipula o respectivo contrato de fornecimento. Só a posse deste material permitirá a organização de um horário que dê plena satisfação ás exigências do serviço público por que a empresa é responsável, o que constitui a sua máxima preocupação.

Alterações ao recente horário

A partir de 19 de Janeiro de 1970, o Cartaz-Horário H. 87, em vigor neste Caminho-de-Ferro, sofre as seguintes alterações; — Passam a efectuar paragem em:

a) — SANTOS os comboios n.os 621, 321, 811, 623, 323, 813, 325, 625, 213, 327, 627, 215, 329, 629, 233, 631, 331, 815, 633, 333, 817, 635, 335, 819, 637, 337, 821, 639, 339, 823, 641, 341, 825, 643, 343, 827, 645, 345, 829, 647, 347, 831, 649, 349, 833, 651, 351, 835, 235, 353 e 653, no sentido de Lisboa-Cascais; e n.os 602, 302, 604, 304, 606, 306, 608, 308, 610, 310, 612, 312, 802, 314, 614, 804, 316, 616, 806, 318, 618, 620, 230, 622, 322, 624, 324, 626, 326, 222, 628, 238, 630, 330, 632, e 332, no sentido de Cascais-Lisboa.

b) — C. QUEBRADA, CAXIAS, PAÇO DE ARCOS e SANTO AMARO, os comboios n.os 617 e 621, no sentido Lisboa-Cascais; e n.º 618, no sentido Cascais-Lisboa.

c) — CARCAVELOS e PAREDE, os comboios n.os 307, 311 e 315, no sentido Lisboa-Cascais; e n.os 342 (aos sábados, 344) e 346 (aos sábados, 348), no sentido Cascais-Lisboa.

d) — CARCAVELOS, PAREDE e S. PEDRO, o comboio n.º 709, no sentido Lisboa-Cascais; e n.º 802, no sentido Cascais-Lisboa.

e) — S. JOÃO, ESTORIL, MONTE e CASCAIS, os comboios n.os 621, 645, 647 e 649, no sentido Lisboa-Cascais; e n.os 632 e 636, no sentido Cascais-Lisboa.

— Acrescenta-se o comboio n.º 828, partindo de Oeiras ás 13.25, com paragem em Santo Amaro, Paço de Arcos, Caxias, Cruz Quebrada, Algés, Alcantara e Santos, e chegada ao Cais do Sodre ás 13.48.

As principais modificações

Segundo este comunicado passam a efectuar paragem em Santos os comboios que partem do Cais do Sodré ás 12 e 5, 12 e 10, 12 e 12, 12 e 20, 12 e 25, 12 e 27, 12 e 40, 12 e 42, 12 e 56, 13 e 10, 13 e 12, 13 e 28, 17 e 10, 17 e 12, 17 e 26, 17 e 35, 17 e 40, 17 e 42, 17 e 50, 17 e 55, 17 e 57, 18 e 5, 18 e 10, 18 e 12, 18 e 20, 18 e 25, 18 e 27, 18 e 35, 18 e 40, 18 e 42, 18 e 50, 18 e 55, 18 e 57, 19 e 5, 19 e 10, 19 e 12, 19 e 20, 19 e 25, 19 e 27, 19 e 35, 19 e 40, 19 e 42, 19 e 50, 19 e 55, 19 e 57, 20 e 5, 20 e 10, 20 e 12, 20 e 28, 20 e 40 e ás 20 e 42, além dos que partem de Cascais ás 6 e 37, 6 e 52, 7 e 7, 7 e 22, 7 e 37, 7 e 52, 8 e 9, 8 e 24, 8 e 39, 8 e 52, 9 e 7, 9 e 22, 13 e 22, 13 e 35, 13 e 52, 14 e 7 e ainda 14 e 22, dos que partem de São Pedro do Estoril ás 6 e 41, 6 e 56, 7 e 11, 7 e 26, 7 e 41, 7 e 56, 8 e 19, 8 e 34, 8 e 49, 8 e 56, 9 e 11 e 9 e 26, dos que partem de Oeiras ás 8 e 16, 8 e 31 e 8 e 46.

Passam a efectuar paragens nas estações da Cruz Quebrada, Caxias, Paço de Arcos e Santo Amaro de Oeiras os comboios que saem ás 8 e 35 e ás 12 e 5 do Cais do Sodré e o que parte de São Pedro do Estoril ás 8 e 49.

Passam a efectuar paragens nas estações de Carcavelos e Parede os comboios que saem do Cais do Sodré ás 7 e 25, 7 e 55 e 8 e 25, e também os que partem de Cascais ás 18 e 39 e 19 e 9.

Passa a parar nas estações de Carcavelos, Parede e São Pedro do Estoril o comboio que sai do Cais do Sodré ás 7 e 30 e começa a iniciar a marcha em S. Pedro do Estoril o comboio que até aqui partia de Oeiras ás 8 e 16.

Também por este comunicado fica estabelecido que param nas estações de S. João, Estoril, Monte e Caiscais os comboios que partem ás 12 e 5, 19 e 20, 19 e 35 e 19 e 50 (do Cais do Sodré). Por seu lado os comboios que saíam de São Pedro do Estoril ás 14 e 26 e 18 e 4 passam a iniciar a marcha na estação de Cascais.

DE ONTEM PARA HOJE

«O TEATRO ROMANO DE LISBOA»

Esta Lisboa de outras, daquelas eras em que tudo se esfuma na incerteza de brumas mais ou menos densas e que só á força de picareta e investigações bem orientadas se vão desfazendo, teve grandeza. Se teve! Nasceu já grande e formosa porque a imensa e incomparável foz do rio, atraiu os primeiros moradores. Terá sido Ulisses o fundador? E que interessa se foram realmente os deuses que bem a dotaram com as águas, o sol e as colinas e, bem junto, o mar! Depois de Ulisses, outros e outros, nomes grandes ou miuçalha, mas que a distancia foi nivelando e igualando no esquecimento, enquanto a cidade se ia tornando maior e mais tentacular á medida que as gerações se sucediam. Restos dessa grandeza pretérita há-os numerosos e ainda ontem a conhecida arqueóloga que muito tem estudado certos recantos de Lisboa, dr.ª Irisalva Moita, antiga assistente da Faculdade de Letras e hoje conservadora dos Museus Municipais, falou do grande teatro romano existente ali ao Caldas. A conferência efectuou-se no teatrinho do Palácio Foz e a dr.ª Irisalva Moita historiou a evolução que sofreram na sua planta o teatro grego e romano até se fixarem na forma ideal, concebida por Pollion, nos fins do século I antes de Cristo. Depois expôs o significado da cidade romana de «Olisipo Felicitas Julia» e referiu-se á descoberta das ruínas de um teatro romano na conjunção das Ruas de S. Mamede, ao Caldas, e da Saudade, em 1798, e sublinhou as grandes transformações por que a cidade passou depois do cataclismo de 1755. Falou, a seguir, da redescoberta das ruínas, a partir de 1965, e da acção e interesse manifestados pelo presidente do Mumcipio de Lisboa. As escavações, a que os Serviços Culturais da mesma Camara procederam, mereceram larga dissertação de louvor. Antes de terminar, a dr.ª D. Irisalva Moita, fez uma resenha histórica do desenrolar dos trabalhos, falou das suas dificuldades e salientou a importancia das ruínas já hoje a descoberto.

A LOCOMOTIVA POR CIMA...

Tem 31 anos a sr.ª D. Lodomila Alzira Contreiras Filipe, solteira, funcionária das Caixas de Previdência de Setubal, moradora no Pinhal Novo, que ontem ficou sob o comboio. O maquinista, apercebendo-se que algo de estranho se passara accionou os freios e parou a composição. Aquela senhora caíra do cais devido a doença subita, ficou estendida no meio da linha. Ao ser retirada da situação crítica, apresentava apenas um ferimento, devido á queda, mais nada. A vida essa mantem-na até um dia!

INSTITUTO DE ODIVELAS

Ao passar o 70.º aniversário da sua fundação pelo infante D. Afonso, irmão de D. Carlos, o Instituto de Odivelas comemorou a data, em cerimónia presidida pela directora dra. D. Deolinda Santos. As alunas receberam também as visitas de familiares e amigos.

ATROPELAMENTO DE MORTE

No Hospital de S. José faleceu o operário corticeiro sr. Ramiro Barros dos Santos Ferreira, de 27 anos, atropelado na Marginal de Cacilhas por uma camioneta, ao recuar, quando a vítima reparava uma motocicleta.

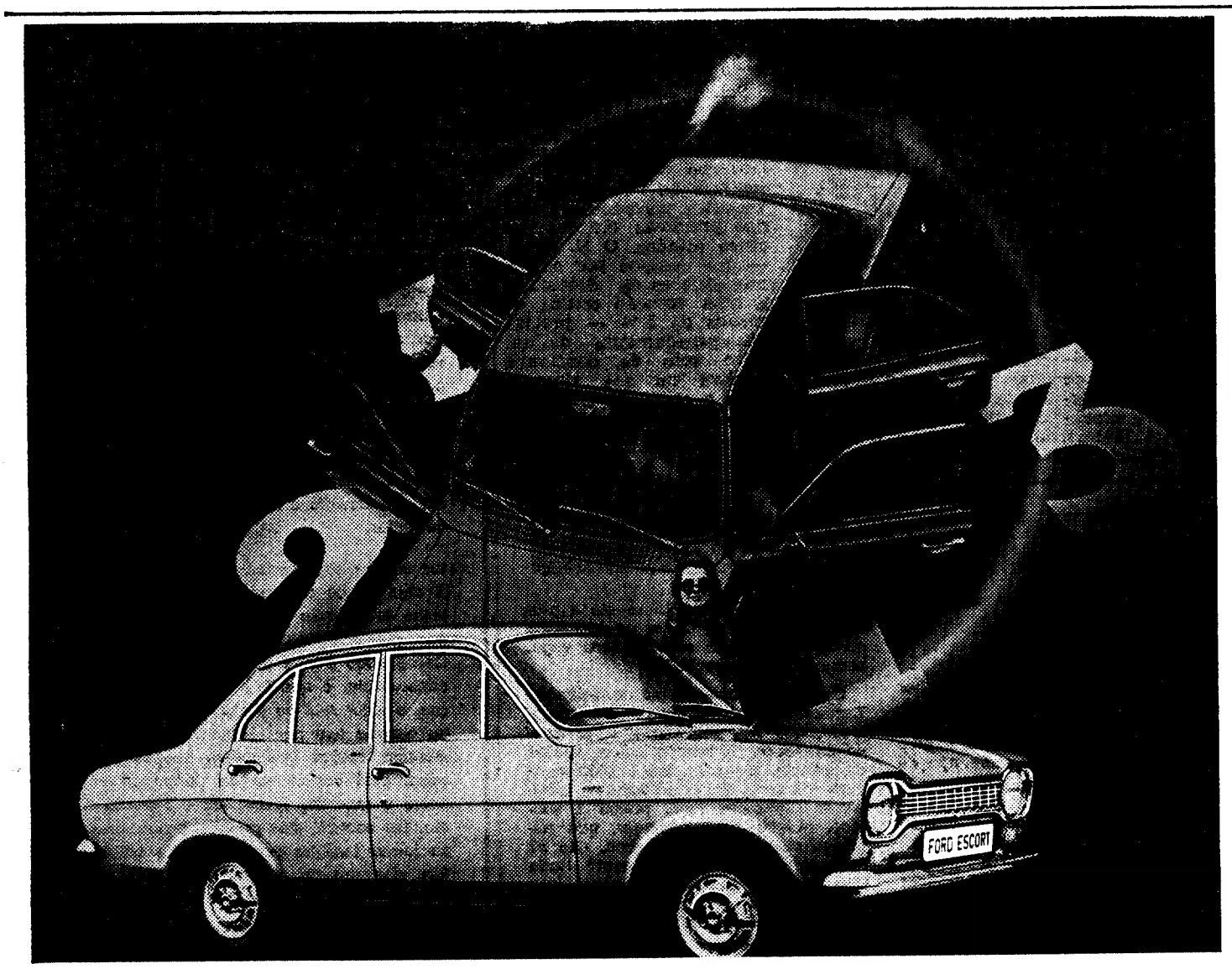
DIRECÇÃO-GERAL DE SEGURANÇA

O director-geral de Segurança, major Silva Pais, deu no seu gabinete posse ao novo inspector superior daqueles serviços Rogério de Morais Coelho Dias. Salientou o major Silva Pais o significado de ter sido criado novo lugar de inspector superior para os serviços no Ultramar e enalteceu as qualidades profissionais do empossado, com uma comissão de serviço já prestada em Moçambique.

O LADRÃO ACABOU PRESO

O marítimo cabo-verdiano Mário Angelino Lima, de 32 anos, saiu de uma ourivesaria e foi abordado por dois indivíduos que o convidaram para uma bebida. Não quis. Quiseram impingir-lhe o vigésimo premiado, mas não foi nisso. Então atacaram-no e roubaram-lhe a carteira. Mas ele atirou-se aos meliantes e apanhou um, entregando-o á Polícia.

Tornou a haver a carteira e o meliante ficou preso. É Carlos Alberto Amancio Pinto, de 30 anos, vendedor ambulante, morador na Rua 1.º de Maio.



Abra a porta,
a porta, a porta,
a porta para uma vida
mais excitante

A Ford apresenta
o Escort 4 portas

O Escort conquistou a Europa
e a simpatia dos Europeus.
Porque é uma raça diferente
de carro pequeno. Tem o espaço.
(cabem nele 4 a 5 pessoas
e ainda toda a bagagem)
e a performance de um carro grande.
Mas tem o preço de um carro pequeno.
O carro que tinha tudo excepto 4 portas,
agora tem mesmo tudo.
Demos-lhe, portanto, mais duas razões
para olhar o Escort com olhos de ver.
Repare nos motores: De 1100 e 1300 cc.
Ambos com cabeça do motor plana
e câmara de combustão na coroa dos pistões.
Uma concepção avançada
que reduz substancialmente o consumo.
Repare nos assentos. E nos acabamentos.
O Escort está ao nível
dos carros grandes e mais caros —
— tanto em conforto, como em estilo
Ele significa uma vantagem para si!
Repare nos 4 modelos:
Escort, Escort DeLuxe,
Escort GT, Escort Estate Car.
Agora também com 4 portas
— ao Escort já não lhe falta nada.

Ford à frente

Ford

A FORD VENCEU O CAMPEONATO EUROPEU DE RALIS EM 1969 – CONSTRUTORES

A SUA DISPOSIÇÃO NOS CONCESSIONÁRIOS FORD
AUTO BOAVISTA, LDA. R. da Boavista, 81-B - Telef. 66 91 41
EM LISBOA
J. MENDES COELHO, LDA. R. Alexandre Herculano, 6-A - Telef. 4 61 47
AUTO RALI, S. A. R. L. Av. Almirante Reis, 130-A - Telef. 4 18 32
Av. Eng.º Frederico Ulrich - Telef. 28 05 37 - Cascais

CIESA-NCK-ADAPT.-E-20

NOVO CASINO ESTORIL

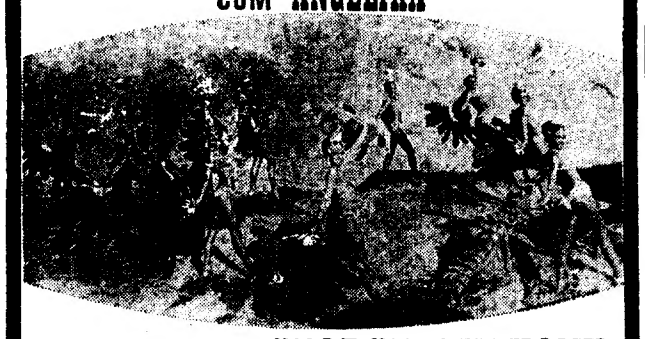
SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

Annie Bright
VEDETA INGLESA DA CANÇÃO

The Kims
ORIGINAIS FANTASISTAS

LIDIA RIBEIRO

STARLIGHT SHOW
COM ANGELIKA



PRODUÇÃO DE GEORGE ANTHONY

CONJUNTO
JUAN DE AIZA
com TITICA

FILARMÓNICA FRAUDE
FERRER TRINDADE e sua orquestra
no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21 anos

NO CINEMA, ás 17 e 21.30
ATAQUE À MURALHA DO ATLÂNTICO
M. 12 anos

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO ODEON

TÍTULO — «Maria Isabel» («Maria Isabel»).
REALIZAÇÃO — Federico Curiel, 1969 (México).
INTÉRPRETES — Silvia Pinal, José Suarez, Norma Lazareno, Tito Junco, Irma Lozano, etc.

A história é assim:

Maria Isabel é uma menina índia que vive no México, num rancho de um senhor muito rico e muito mau, que tem uma filha que tem uma boneca que ofereceu á Maria Isabel de quem é muito amiga. Mas o dono do rancho que é rico e mau não gosta que a filha ande com uma índia e tira a esta a boneca que aquela lhe havia dado. Mas a filha do senhor que tinha um rancho e era muito rico e muito mau não se resigna e resolve fugir e ir entregar á Maria Isabel, que era índia e para mais pobre, a boneca prometida. Mas o senhor que tinha o rancho e era muito rico e muito mau não se resignou, por seu turno, com o mau carácter da filha e manda-a para um colégio interno.

Os anos passam.

A menina rica vem do colégio muito espigadota e vem encontrar a Maria Isabel já feita Silvia Pinal (estão a ver?...). São ainda muito amigas e o dono do rancho continua a ser muito rico (drama social) e muito mau (melodrama). Resolve casar a sua filha com um tipo que toda a gente via que não tinha «chances» nenhumas com aquela cara de pau embalsamado. Vai daí a menina rica desmaia e encontra um engenheiro que lhe faz respiração antificial e por quem se apaixona. Vai daí o pai não deixa. Vai daí a filha quer. Vai daí e o engenheiro, farto de esperar, faz um filho á filha do dono mau do rancho rico que fica (compreensivelmente) pior que uma barata. Vai daí há uma providencial explosão na mina do engenheiro que o *amanda* para os anjinhos.

(— *Há filho que ficas sem pai!* — pensa o espectador nesta altura, e é verdade).

Entretanto, que é feito da Maria Isabel? Ora a índia espigadota (Silvia Pinal, estão a ver?...) resolve não partuar mais com a má sorte e dá um enxerto de pancada na velha criada que a andava a framar desde o início desta triste história. Não contente com a bofetada, cavalga a velhota e acaba mesmo por tentar sufocá-la com um pé na barriga, ló índia, percebem?... Este jeito característico de cavalgar toda a sela fica-lhe a matar e daí em diante não dá tréguas a ninguém.

Entretanto, que é feito da outra? Tem a criança, morre, treespassa a criança e eis a Maria Isabel que aparece de filho ao peito sem saber como, o que é nitidamente uma injustiça. Filho esse que, dizem-no as próprias legendas, é bem bonitinho, até parece *«um tomatinho»*.

Entretanto... Qual entretanto, qual carapuça. Arre que isto é mesmo chato!

LAURO ANTÓNIO

• NO OLÍMPIA

TÍTULO — «Zorro, o rebelde».
REALIZAÇÃO — Piero Pierotti, 1969 (Itália).
INTÉRPRETES — Dina de Santis, Charles Bor-

(Continua na pág. seguinte)

Da autoria do maestro brasileiro Mário Mascarenhas (na gravura) foi apresentada, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, a ópera infantil «O Milagre das Rosas», que teve interpretação dos «Pequenos cantores de La Salle» e do «ballet» Juliana Yanakieva

O êxito de «O Vison Voador»

Todos os adultos devem ir ao Teatro Villaret, onde encontrarão «O Vison Voador»: a história de um «vison que terá de escolher entre duas candidatas, qual delas a mais apropriada, que aguardam as magníficas peles.

Há um intervalo a meio da comédia para que todos possam repousar alguns momentos. Logo que o pano sobe no segundo acto, está em cena Raul Solnado que já na primeira parte movimentara as operações dizendo e fazendo as divertidas coisas que os autores Ray Conney e John Chapman atribuiram ás personagens. Surgem também, logo a seguir, outros atractivos que, no momento da interrupção, deixaram o público na maior expectativa, ou sejam Io Apoloni, Fernanda Borsatti, Yola, Georgina Cordeiro e Maria. Com elas estarão Artur Semedo, Vasco de Lima Couto, David Silva e Rolando Alves. Colabora ainda Maria Paula.

Dirigida por Paulo Renato, em cenário de Pedro Leitão, esta alegre comédia que Vasco Morgado apresenta em versão portuguesa de Marina de Moraes, está todas as noites em duas sessões no Villaret, ás 21 e ás 23 horas, e aos domingos, também, em «matinée», ás 16 horas.

Teatro Maria Matos
AV. FREI MIGUEL CONTREIRAS (a av. ROMA) TELEF. 717017
(Maiores de 17 anos)
HOJE ÀS 21.45
SÓ ATÉ DOMINGO
a preços baixissimos
Balcão: 10$ e 25$
Plateia: 30$, 40$ e 50$
a peça de
AQUILINO RIBEIRO
TOMBO NO INFERNO
Dirigida por
IGREJAS CAEIRO
BREVEMENTE
em teatralização de
Sttau Monteiro e Artur Ramos
«A RELÍQUIA»
de EÇA DE QUEIROZ
(Adultos)
Bilhetes à venda

Teatro Capitólio
A Empresa
Rey Colaço-Robles Monteiro
HOJE, ás 21.45 horas
ESTREIA
« O CRAVO ESPANHOL »
de Romeu Correia
SÁBADO e DOMINGO: Tarde, ás 16 horas
M 17 anos Tel. 320379

COLISEU
AMANHÃ às 21.30
(Maiores de 12 anos)
ESTREIA
GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO DE 1970
As maiores atracções
Números de sensação
ELEFANTES, URSOS, CÃES-JOCKEYS, ETC.

UM DESAFIO AOS SEUS NERVOS!
UMA AVENTURA NO TOPO DO MUNDO

FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme MGM
Missão no Ártico
(ICE STATION ZEBRA)
PANAVISION 70 m/m METROCOLOR
Com
Rock Hudson, Ernest Borgnine, Patrick McGoohan, Jim Brown, Tony Bill, Lloyd Nolan
Argum. de Douglas Heyes · História de Harry Julian Fink · Realiz. de John Sturges · Produção de Martin Ransohoff · MGM
Baseado no livro de Alistair MacLean
HOJE, ESTREIA
EM DOIS GRANDES CINEMAS DE LISBOA!
CONDES ROMA

No BOMBARRAL o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Garrudo & Ramos.

Em SESIMBRA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por DE LISBOA» vende-se no Café-Restaurante Lusitano.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

UM FILME PARA LAVAR E DURAR

(Continuação da pág anterior)

romel, Arturo Dominici, etc.

Numa pequena aldeia fronteiriça, entre o Texas e o México, vivem-se dias tumultuosos. Como sempre em filmes deste teor, a opressão é a mais negra e a injustiça cruel até á chegada de Zorro, o máscara negra, que se alia aos oprimidos contra os opressores. Daí em diante é tudo a direito até ao triunfo final da justiça e do amor, ou seja: os malvados (ali chamados D. Alvarez e Luís) vão parar á choça; os bons (ali denominados para os devidos efeitos Zorro e Isabel casam-se, por entre os vivas mais enérgicos que os esfomeados méxico-texanos conseguem expelir dos seus fracos pulmões.

Para quem pense que a história é um vê se te avias, não é não senhor: tem cruzamentos por todo o lado e em nenhum a direcção é proibida. Donde não ser de estranhar vermos Isabel penetrar na gruta de Hilon, sempre perseguida pelos malvados opressores que também a querem oprimir. Um dos malvados chama-se mesmo «Cobra» e é mau como as ditas. Por seu turno, Zorro, como diz (e muito bem) a publicidade, tem um sorriso bárbaro: «o seu sorriso é tão mortal como a sua espada». O que, bem vistas as coisas, é uma arma mais poderosa que qualquer isqueiro lança-chamas de um Bond de pacotilha.

Resumindo: o Olímpia tem filme para lavar e durar. Entretanto, continua anunciada para muito breve a estreia de «A Máscara do Demónio», de Mario Bava, um filme de terror considerado um clássico do género que a vizinha Espanha exibe em circuito de salas de arte e ensaio e aqui se destina ao velho (e sempre agradável) Olímpia.

L. A.

VASCO MORGADO APRESENTA SÓ PARA ADULTOS

HOJE, 2 SESSÕES às 21 h. e às 23 h.

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa

A ALEGRE E PICANTE COMÉDIA

O VISON VOADOR

COM

RAUL SOLNADO

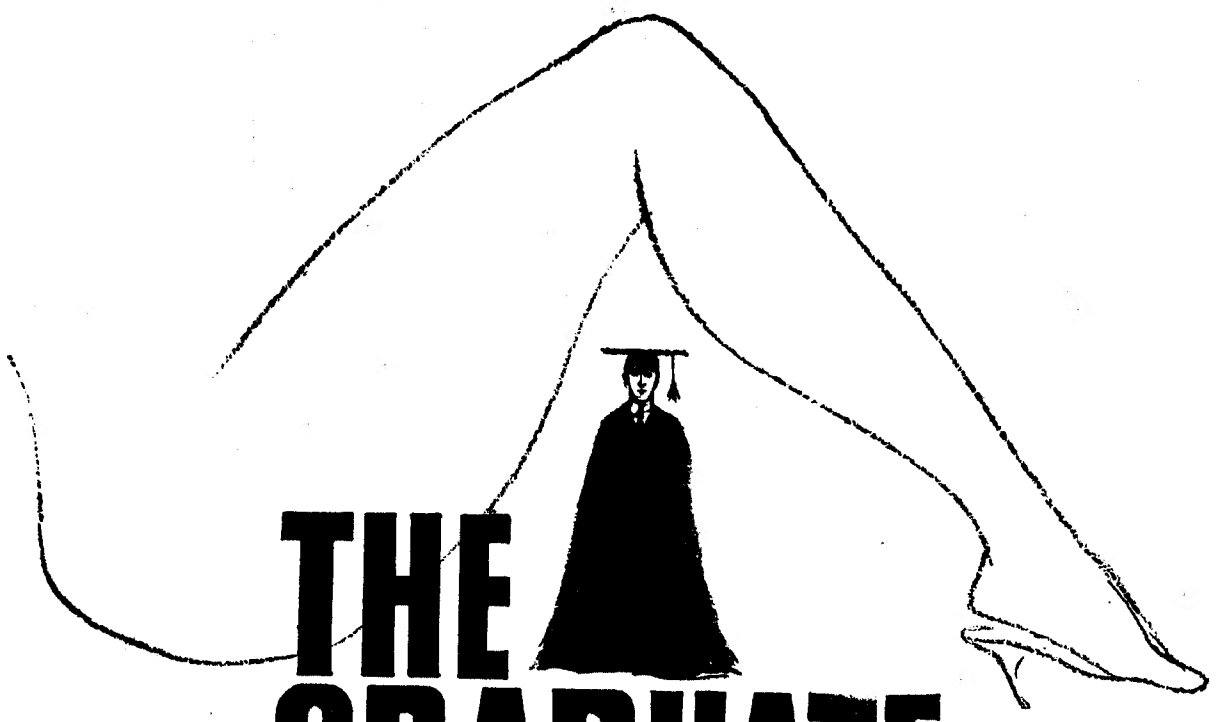
Io Apoloni ● Artur Semedo ● Fernanda Borsatti ● Vasco de Lima Couto ● Yola ● David Silva ● Georgina Cordeiro ● Rolando Alves ● Maria e a colaboração de Maria Paula

UMA GARGALHADA PEGADA!

OSCAR PARA O MELHOR REALIZADOR

MIKE NICHOLS

UMA PEDRADA NO CHARCO DA HIPOCRISIA!



THE GRADUATE

A PRIMEIRA NOITE

ANNE BANCROFT E DUSTIN HOFFMAN · KATHARINE ROSS

argumento CALDER WILLINGHAM E BUCK HENRY canções PAUL SIMON

por SIMON E GARFUNKEL produção LAWRENCE TURMAN

realização MIKE NICHOLS TECHNICOLOR® PANAVISION®

United Artists Entertainment from Transamerica Corporation

AMANHÃ ÀS 21.30

ESTREIA

DUM FILME

SENSACIONAL

RANK FILMES

SÃO JORGE PROGRAMAÇÃO RANK

ADULTOS

MARIA VITÓRIA

● HOJE, às 20.45 e 23 horas

ENORME ÊXITO DA COLOSSAL REVISTA

ESPERTEZA SALOIA

COM

● SALVADOR ● JOSÉ VIANA
● MARIEMA ● BARROSO LOPES
● DORA LEAL
● VÍTOR MENDES ● DINA MARIA
● CRISTINA CASSOLA e um gentil grupo de jovens actrizes, com as atracções
● HELENA TAVARES
● «THE MELODIES»

● DOMINGO, «Matinée», ás 16 h. ●

ADULTOS

JOSÉ VIANA, no hilariante numero «Palavras inuteis»

NO TEATRO VARIEDADES T. 32 60 37

HOJE e todas as noites ás 20.45 e 23 h.
DOMINGO: «matinée» ás 16 horas

(Adultos)

A REVISTA POPULAR DE GRANDE ESPECTÁCULO
2.º MÊS

PEÇO A PALAVRA!

RIA COM
AIDA BATISTA ● CARLOS COELHO
ELOINA ● SPINA
MAX ● ANITA GUERREIRO
V. ESPADINHA ● M. FRANCO
A GRANDE ATRACÇÃO NACIONAL
ANTÓNIO CALVÁRIO
À frente de um grande elenco
Um sensacional «BALLET» internacional

MAX no hilariante «INTRIGUISTA DO PÁTIO»

Uma produção de GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO

Cápida

HOJE

— Grande Feira —
em
Tecidos de Lã para Casacos e vestidos de Senhoras a 70 e 90 escudos o metro
Rua Augusta, 275 - A

«O CRAVO ESPANHOL»
(DE ROMEU CORREIA)
LOGO NO CAPITÓLIO

Esta noite, o Teatro Nacional D. Maria II, apresentará em estreia, a peça de Romeu Correia, «O Cravo Espanhol», com encenação de Pedro Lemos e um cenário do artista Luís Suarez, mais um homem de teatro a ser lançado pela empresa Rey Colaço-Robles Monteiro.

ROMEU CORREIA

O elenco é constituído pelos artistas Rogério Paulo, Varela Silva, Pedro Lemos, Cecília Guimarães Henriqueta Maya, Rui Pedro, Carlos Santos, João Lopes Glória de Matos, Luís Filipe e Luís Pinhão.

Trata-se de uma obra inspirada nas antigas e cheias de pitoresco cégadas populares. Os espectáculos efectuam-se às 21 e 45 No sábado haverá a primeira «matinée» a preços reduzidos e, no domingo, ás 16 horas, primeira tarde especialmente dedicada a estudantes.

CARMO CANAS

A cançonetista Carmo Canas encontra-se, durante alguns dias, a actuar no «Bico Dourado», interpretando fado, folclore e música sul-americana. Em fins do próximo mês de Fevereiro, logo após uma breve temporada no Porto, Carmo Canas partirá para o Ultramar, onde contratos já firmados estabelecem a sua apresentação em Angola e Moçambique

REGRESSOU LAURA ALVES

A bordo do «Príncipe Perfeito» regressou hoje ao continente a actriz Laura Alves que após reallizar uma «tournée» por Angola e Moçambique permaneceu alguns dias na África do Sul.

A aguardar aquela intérprete estavam muitos colegas dos palcos e admiradores.

ora diga-nos...

— Qual o seu provérbio preferido?

Há dezenas e dezenas de provérbios sobre os mais diversos assuntos e nos mais diversos tons. E, de provérbios, há quem perceba muito. O que não é o caso, pelos vistos, dos nossos entrevistados de hoje...

● — Não me lembro de nenhum provérbio — *logo nos declarou António César Proença Granadeiro, estudante de artes gráficas.*

— Não se lembra ou não conhece?

— Não sei. Essas coisas não servem para nada.

— Que sabe então?

— Estou a ver se consigo saber alguma coisa de artes gráficas...

● *Maria da Graça Migueis Anão, que é aluna de cursos de dactilografia e decoração, disse-nos, por sua vez:*

— Conheço vários provérbios. O que acho mais piada talvez seja aquele «água mole em pedra dura tanto dá até que fura»

— Outros...

— «Mais vale tarde que nunca». E não me recordo de mais nenhum. Não ligo muito a essas coisas.

● — Sei lá de provérbios! — *exclamou António Rodrigues Martins, empregado de escritório.*

— Mas faça um esforço a ver se se lembra de algum...

— Deixe ver... «de hora a hora Deus melhora»

— É o que acha mais interessante.

— Não. Talvez antes aquele: «quanto mais prima mais se lhe arrima»...

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

MÚSICA BARROCA PARA ÓRGÃO

GRANDE AUDITÓRIO		SÉ CATEDRAL
24 de Janeiro	PIERRE COCHEREAU em colaboração do trompetista ROGER DELMOTTE	25 de Janeiro
31 de Janeiro	JEAN COSTA	1 de Fevereiro
5 de Fevereiro	GERTRUD MERSIOVSKY	8 de Fevereiro
21 de Fevereiro	GRETHE KROGH	22 de Fevereiro
7 de Março	A. SIBERTIN-BLANC	8 de Março

Todos os recitais se realizam as 16.30 h, com excepção do de 5 de Feveriero, que terá lugar às 18.30 h

PREÇOS: **Grande Auditório** — avulso 20$00 e 10$00, assinatura 90$00 e 45$00
Sé Catdral — avulso 10$00 e 5$00, assinatura 45$00 e 22$50 ● 50 % de desconto a estudantes

CONCERTOS DO AUDITÓRIO DOIS

23 de Janeiro
COLIN TILNEY cravo

13 de Fevereiro
ALBERTO PORTUGHEIS, piano

27 de Fevereiro
QUARTETO DE INSTRUMENTOS ANTIGOS DO CONSERVATÓRIO NACIONAL

6 de Março
TRIO CHECO

13 de Março
NELLA MAISSA, piano

20 de Março
ELSA SAQUE, soprano
OLGA PRATS, piano

31 de Março
JEAN-PAUL SEVILLA, piano

8 de Abril
MARIA JOÃO PIRES-NÖTH, piano
RUDOLF METZMACHER, violoncelo

Todos os concertos se realizam às 18.30 h

PREÇOS: avulso 20$00, assinatura 140$00 ● 50 % de desconto a estudantes

CALENDÁRIO DA BILHETEIRA, COMUM PARA OS RECITAIS DE ÓRGÃO E OS CONCERTOS DO AUDITÓRIO DOIS

Janeiro — dias 19 e 20: venda de assinaturas
— dia 21: início da venda de bilhetes para todos os espectáculos

A Bilheteira está aberta todos os dias úteis, das 13 às 20 horas, na Fundação Gulbenkian, Avenida de Berna

Espectáculo para maiores de 6 anos

TITULO DE OCUPAÇÃO

TORRALTA é uma sociedade para todos e a todos dá a possibilidade de aplicar o seu capital de uma forma útil e rentável. Ao comprar TÍTULOS DE OCUPAÇÃO você adquire um bem real que lhe garante 8 a 12 % de rendimento. INFORMAÇÕES Av. Duque de Loulé, 66-A LISBOA Telefs. 5 44 79 55 56 81 - 5 17 48

8 a 12 %

O POETA, O PINTOR E O LEILÃO

O «FERNANDO PESSOA» DO ALMADA ENTROU POR 30 CONTOS NOS IRMÃOS UNIDOS E VAI SAIR DE LÁ POR 1350 CONTOS!

Ontem, ali na Baixa — onde não é costume — falou-se de um Poeta e de um Pintor. Unidos ambos, por aquele quadro de parede — em que muitos, sempre, repararam poucas vezes — que estava (e ainda está) nos Irmãos Unidos, que vão deixar de estar no Rossio.

Misturado a coisas que se aproveitam sem pensar (tachos, colheres, armários, a máquina registadora, um bengaleiro para toalhas (!) e, até, os dois letreiros luminosos que dizem «Homens» e «Senhoras»), um quadro foi a leilão.

Não era mais do que um quadro, mas era um quadro desses que têm uma realidade por dentro (o modelo pintado) e uma realidade por fora (o artista que o pintou). Tudo isso, numa só peça foi o que, ontem, foi a leilão.

Bem na tela, vivo, lúcido, arrogante, violento, tão isolado na vida, tão com uma metafísica nos lábios, tão desassocegado no pensar, tão desdobrado de invenções e de personalidades: Fernando Pessoa.

Bem no que levou á tela, visível, complexo, enérgico, trágico, absoluto, concreto, consciente, nervoso, agitado, dinâmico, singular: Almada Negreiros.

Ontem, ali, na Baixa e ainda por cima num leilão (que é onde a oferta mata o que nasce do amor) falou-se do Poeta e do Pintor.

Chega de dizer coisas! Vamos lá contar como aquilo foi.

Há quinze, para dezasseis anos, encomendaram, a Almada Negreiros, um quadro para uma das paredes laterais dos Irmãos Unidos.

O Pintor fez um primeiro estudo que não lhe agradou. Era uma composição com gente e cidade. Uma e outra não lhe pareceram capazes de dar obra. Fez um segundo estudo. Com outra gente e noutro ponto da cidade.

Também não lhe pareceu ir bem por aí. Então, como uma ideia que durante algum tempo, não o largou mais, pensou fazer o retrato verdadeiro do Fernando Pessoa. Ali, á mesa de uma casa como aquela e que era, até, aquela mesmo, como ela era quando o Poeta lá ia.

Almada Negreiros, por esse tempo, tinha acabado as duas gares marítimas. Tinha os olhos e as mãos cheias de outra gente, mas gente que também tinha andado pelos versos do Pessoa: catraeiros, calafates, embarcadiços; gente de cais, de amurada, de convés; homens tatuados e de âncoras e bandeiras cruzadas e bordadas no peito.

Ainda hoje, Fernando Pessoa, no quadro do Almada, fala de tudo isso que o Pintor deixou, de outra maneira, junto ás «saudades de pedra» do Poeta.

Pois, Almada pintou, entregou o quadro e recebeu por ele 30 contos — isto foi há 15 anos. Foi preciso o leilão, de ontem, para se perceber que o tempo dá, á Arte, outra Matemática. A História tem uma Tabuada diferente da dos Artistas.

O quadro que entrou, por 30 contos, nos Irmãos Unidos, saiu (ou vai sair) de lá por 1350 contos!

Pois chegámos á altura de dizer quem ficou com o quadro. Em termos de leilão: quem o arrematou. Foi um antiquário, Português, filho de russo (branco) há muito fixado em Lisboa. Homem muito dedicado á pintura de (reconhecido) valor (histórico): Joachim Mitnitzky.

Claro que não arrancou a peça sem luta — mas essa é a história do leilão.

Pregoeiro, o sr. Mendonça (da casa Soares & Mendonça). Licitantes, vários, até uma senhora.

A base, 300 contos. (Esteve para ser mil, depois quinhentos e, por fim, trezentos).

Ràpidamente, em lances de 50 contos, as ofertas chegaram a 550 contos. Aí, desistiu a senhora e mais um antiquário, diz-se, de S. Mamede.

Até aos mil contos, as ofertas foram cobertas de trinta em trinta.

A partir daí, pesadamente, os lances desceram a dez contos. Mil e dez. E vinte. E trinta. Mais dez. Outros dez. Mil isto. Mil aquilo. Mil duzentos e noventa. Mil e trezentos. Quem dá mais? Dou-lhe uma, duas, três. A peça é do sr. Mitnitzky!

Uns perceberam *Miquenikques*. Outros entenderam *Mintniquesky*. Que tem isso? Era 1300 contos (com a percentagem, vai a 1350 contos).

Por fora, há os comentários:

— *O Russo vem pela Gulbenkian.*

— *O gajo trabalha para um estrangeiro.*

— *Vão levar o quadro para fora do País.*

Talvez o primeiro comentário tenha alguma razão de ser. Os outros não. Um despacho ministerial não deixa sair o quadro das nossas fronteiras. E mais: o Estado tem opção na compra.

— *Mas há o contrabando!* — diz alguém.

— *Há a fuga! Há processos!*

Há isto! Há aquilo! Há aqueloutro! Há um nunca-acabar de conversas sobre o quadro (e os mil-e-tal contos) enquanto o leilão prossegue. Para muitos, porém, ele tinha acabado ali mesmo — com o mais alto preço do quadro de um Artista português.

Quer pouco: terás tudo.
Quer nada: serás livre.
O mesmo amor que tenham
Por nós, quer-nos, oprime-[-nos.

(Ricardo Reis, 1930)

Já depois de tudo acabado (tudo o que se podia prender com ele, naquele leilão) o pintor Almada Negreiros entrou nos Irmãos Unidos.

Uma ultima, franca, frontal, saudosa, olhadela ao «seu» Fernando Pessoa.

— *Já sabe...?*

— *Mil e trezentos contos, disseram-me ali fora.*

— *Mil e trezentos contos!* — confirma a mulher do artista, a pintora Sara Afonso que o acompanha. — *Os artistas servem mais do que são servidos...*

— *Mil e trezentos contos!* indica Almada Negreiros. — *Parece-me ter assim uma prova de ter servido a Pintura portuguesa.*

— *Qual a sua opinião, exactamente, sobre esta sua obra?*

— *Tinha muito de emoção para ter sido só pintura. Na reprodução, a outras dimensões, que está na Gubbenkian, aí, sim, não há emoção, há só pintura.*

— *O que representou este quadro no todo da sua obra?*

— *O que representaram todas: uma transição entre o que está antes e o que fiz depois.*

— *Já sabe, por certo, que o seu quadro pode ser vendido, mas não pode sair de Portugal?*

— *Está certo. Este quadro pertence-nos mais a nós do que ao cosmopolitismo.*

— *Esperou, alguma vez, ver um quadro seu atingir este preço?*

— *Nunca esperei nada, porque não sei nada disso. Mas, se fosse de saber, agora já sabia o que podia pedir por um quadro.*

— *Nunca nada seu atingiu este preço?*

— *Nada.*

— *Nem a gare marítima?*

— *Aí, sim, se se juntarem as duas gares.*

— *Quanto lhe pagaram, há quinze anos, por este quadro?*

— *Trinta contos. Mas há uma coisa que a História tem que saber: encomendaram-me um quadro, não me pediram o Fernando Pessoa.*

E acrescentou:

— *Eu é que o fiz. Era necessário.*

Uma ultima pergunta, um tanto inesperada:

— *Por que razão, embora em obras tão diferentes e de épocas tão distantes, o olhar o «seu» Fernando Pessoa nos lembra sempre o «Retrato Clássico do Arlequim»?*

Almada não hesitou e diz:

— *É que no Arlequim e no Poeta há a mesma culpa de serem Artistas.*

E pronto. Para quê ir mais longe ou mais para trás?

Como diz a primeira veladora de «O Marinheiro» do Pessoa:

— **Falar no passado — isso deve ser belo, porque é inutil e faz tanta pena...**

Os beneficiários da Previdência passam a poder escolher médico

Está para publicação no «Diário do Governo» um diploma dimanado do Ministério das Corporações e subscrito pelo prof. Gonçalves de Proença, pelo qual se institui, a título experimental nas cidade de Lisboa e do Porto o regime de livre escolha de médico pelos beneficiários da Previdência, em termos semelhantes ao da A. D. S. E. (Assistência na Doença aos Servidores do Estado», para vigorar a partir do dia 1 de Março próximo.

Actualização do abono de família

Também por despacho do prof. Gonçalves de Proença será uniformizado, com referência a 1 do corrente, em 100$00 mensais, o abono de família concedido pelas instituições de previdência com abono de família integrado e pelas caixas de abono de família.

Anteriormente o abono de família concedido pela Previdência era de 100$00 mensais por descendente ou equiparado e 60$00 mensais por ascendente ou equiparado.

BORBOLETAS EM CAIXAS DE FÓSFOROS

A Fosforeira Portuguesa, S. A. R. L., lançou agora nos mercados do continente e ilhas uma novo tipo de fósforos de choupo, em caixinhas de cartão, com a marca «Sol», ilustradas com reproduções de borboletas, constituindo uma série de 24 desenhos.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	—	518$
Consolidado 3%	580$	—	580$
Consolidado 3 1/2%	—	—	620$
Centenários 4%	1.480$	1.480$	—
Obrigs Tesouro 5%	1.000$	—	1.000$
Externo 1.ª Série	—	600$	700$
Externo 1.ª Série c.	825$	820$	830$
Externo 3.ª Série	—	720$	—
Externo 3.ª Série c.	—	780$	870$
Cautelas 3.ª Série	—	—	160$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5 %	—	—	—
A. P. T. 5% 56	—	920$	930$
A. P. T. 5% 58	—	920$	—
C. P. 4 1/2% 65	—	—	900$
C. P. 5 1/2% 67	1.000$	1.001$	1.005$
C. U. F. 6%	997$	997$	1.000$
C. U. F. 6% 68	—	—	995$
Gás Elect 4% 48	—	780$	800$
Gás Elect 4 1/2% 51	810$	810$	820$
Gás Elect 5% 52	—	890$	—
Gás Elect 5% 58	—	890$	—
Gás Elect 5% 59	—	890$	—
Gás Elect 5% 62	—	910$	—
Gás Elect 5% 63	—	910$	—
Gás Elect 5% 65	—	900$	—
Gás Elect 5% 67	996$	—	996$
H. E. A. Alentejo 5%	810$	810$	—
H. E. Cávado 5%	810$	—	810$
H. E. Cávado 6%	1.000$	—	—
H. E. Douro 5%	810$	—	810$
H. E. Douro 6%	—	—	—
H. E. Norte Port 5%	—	—	—
H. E. S. Estrela 6%	—	—	995$
H. E. Zêzere 5% 55	—	—	835$
H. E. Zêzere 5% 57	—	820$	—
Lisnave 6%	—	995$	998$
Metropolitano 4%	—	—	—
Metropolitano 5 3/4%	—	—	—
Moçambique 5%	—	—	—
Nac. Electr. 5%	—	—	—
Nitratos 5%	—	855$	—
Nitratos 5% 60	—	—	820$
Petroquímico 5%	—	865$	—
Port. Celul. 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	920$	—
Sacor 5% 60	—	850$	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	805$	820$
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonefe 5%	—	—	840$
T. A. P. 4%	—	—	—
Termoelect. Port. 5%	810$	800$	810$
U. E. P. 3 3/4%	—	84$	—
U. E. P. 4%	—	84$	—
U. E. P. 4 1/2%	—	—	—
U. E. P. 5%	—	81$	—
U. E. P. 5% 60	—	—	—
U. E. P. 5% 63	—	—	—
AÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.320$	2.320$	2.322$
Alentejo	1.115$	1.112$	1.115$
Angola	3.550$	3.500$	3.600$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	3.650$	3.650$	5.680$
E. Santo	—	18.800$	19.500$
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	20.000$	—
Fomento Nacional	2.410$	2.400$	2.420$
L. G. Açores p.	—	7.100$	7.150$
L. G. Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	5.830$	5.800$	5.850$
Portugal n.	3.300$	3.280$	3.320$
Portugal p.	—	4.200$	4.400$
Totta Aliança	—	6.300$	6.600$
Ultramarino n.	3.590$	3.570$	3.600$
Ultramarino p.	3.870$	3.870$	3.890$
Seguros			
Alentejo	—	105$	—
Douro	—	—	—
Mundial	860$	850$	865$
Sagres	—	1.060$	2.060$
Tranquilidade	—	60.000$	65.000$
Ultramarina	—	18.000$	30.000$
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	—	820$	850$
Ag. Cassequel	805$	800$	810$
Ag. Incomati	—	—	—
Ag. Neves	500$	490$	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	—	—
Boror	—	160$	185$
Buzi	—	86$	88$
Cabinda	—	200$	238$

Ultramarinos	Efec.	Compra	Venda
Diamantes Angola	2.450$	2.440$	2.455$
H. E. Revué	690$	680$	700$
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	—	175$	180$
Sonefe n.	—	425$	—
Sonefe p.	—	440$	444$
Zambézia	86$5	86$	87$
Angolana	—	—	—
Diversos			
Cidla	7.900$	7.850$	7.950$
Cim Leiria	5.200$	5.150$	5.300$
Cim Tejo	7.100$	7.050$	—
Col. Navegação	—	1.460$	1.470$
C. U. F.	1.600$	1.590$	1.610$
Ind. Alianço	—	600$	—
Nac. Navegação	3.950$	3.920$	4.000$
P-troquímico	2.080$	2.080$	2.100$
Port. e Colónias	—	1.480$	—
Port. Celulose	—	4.350$	—
Port. Pesca	—	—	1.200$
Port. Tabacos	787$	786$	787$
Socor	—	4.730$	4.780$
Siderurgia Nac.	—	1.830$	1.850$
Socel	3.500$	3.495$	3.520$
Tabacos de Portugal	—	1.850$	1.950$
Tabaqueira	7.950$	7.850$	7.950$
U. F. Azoto	885$	880$	885$
Agua. Elect. e Gás			
Aguas Lisboa p.	—	400$	—
Aguas Lisboa 34	—	420$	—
Aguas Lisboa 36	—	390$	—
Eléct. Beiras	1.650$	1.645$	1.680$
Gás Electr.	442$	441$	442$
H. E. Alto Alentejo	160$5	160$	161$
H. E. Cávado	—	1.262$	1.265$
H. E. Douro	1.262$	1.261$	1.263$
H. E. Norte Portugal	—	315$	320$
H. E. S. Estrela	—	—	1.700$
H. E. Zêzere	—	1.270$	1.275$
Nac. Electricidade	—	1.265$	—
Termoeléctr. Port.	—	1.250$	1.265$
U. E. P.	—	191$	194$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F. Atlântico	—	205$6	211$8
F. D. E.	—	1026$4	1805$2

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	8-1-70	14-1-70	15-1-70
GERAL	151,6	153,1	153,3
METRÓPOL.	143,5	144,7	144,9
ULTRAM.	211,2	214,6	215,0

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rands	36$50	38$50
América:		
— Dollars de 1 a 2	28$00	28$50
— Dollars de 5 a 1000	28$30	28$70
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$55	7$85
Austria — Schilling	$05	$08
Argentina — Peso	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$00	7$00
Espanha — Peseta	$39,2	$40,7
Holanda — Florim	7$65	7$95
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,4	$04,65
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$70	5$10
Suiça — Franco	6$50	6$70
Marrocos — Dirham	4$80	5$30
Dinamarca — Coroa	3$60	3$90
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	295$00	315$00
Inglaterra — 1/2 Libra	260$00	280$00
Ouro fino — Barra	34$70	36$70

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

Grupo de Estudos de História Marítima

O Grupo de Estudos de História Marítima, a que preside o almirante Sarmento Rodrigues, começa hoje a sua actividade com uma conferência pelo comandante Teixeira da Mota sobre «A viagem de António Saldanha em 1503 e a rota de Vasco da Gama no Atlântico Sul».

A conferência será pronunciada ao fim da tarde, no Museu da Marinha, em Belém, e à sessão presidirá o almirante Pereira Crespo, que foi o criador daquele instituto cultural.

Quando costuma pagar a renda de casa?

Há dias, na secção «Ora diga-nos...», escreveu-se: «Hoje, 8, é o ultimo dia para o pagamento das rendas de casa — embora, em face do Código Civil de 1966, já se tenha defendido que o último dia passou a ser o 9». Nesta afirmação existem dois pontos que o nosso consultor jurídico, dr. A. J. Vasconcelos de Carvalho, teve a amabilidade de esclarecer na carta que, a seguir, transcrevemos:

«O Código Civil, embora aprovado por Decreto-Lei de Novembro de 1966, só entrou em vigor em 1 de Junho de 1967, pelo que se chama Código Civil de 1967.

O ultimo dia do pagamento da renda não é, por tal Código, o dia 8, como também o não era na vigência da legislação anterior, neste ponto em nada alterada.

E' vulgaríssima, tanto da parte de senhorios como de inquilinos, a ideia de ser o dia 8 o ultimo dia, mas erradamente, pois foi e é no dia 9, e até pode ser mais tarde, como adiante se verá.

Aquela lei actual, talqualmente a anterior, estabelece, no seu art. 1090, que a renda é paga «no primeiro dia *útil* do mês imediatamente anterior áquele a que diga respeito». Pelo que, e desde já, se o primeiro dia for domingo ou feriado, a renda deverá ser paga *no dia 2*.

Mas o art. 1041 do mesmo Código actual diz que «se o locatário fizer cessar a mora no prazo de oito dias a contar do seu começo».

O que significa que o inquilino pode pagar ou depositar a renda *num dos oito dias seguintes*.

Logo, 1 mais 8 igual a 9 (ultimo dia, como regra), ou, naquela hipótese de o primeiro dia ser domingo ou feriado (caso deste mês de Janeiro, dia 1 feriado), 2 mais 8, igual a 10.

Falámos do primeiro dia util. Mas como pode acontecer que o *ultimo dia* seja domingo ou feriado, igualmente passa para o dia seguinte, 10, ou, se o forem o primeiro e o ultimo, ainda passa para o dia 11 E acontecendo seguir-se um feriado ao domingo, pode mesmo acontecer ser 12 o ultimo dia do pagamento da renda.»

Isto o que resulta, inequivocamente, da let. Mas o mesmo nosso advogado acrescenta que a boa cautela manda pagar a renda num dos primeiros dias de cada mês. Pelo que acertadamente nos respondeu o nosso terceiro entrevistado naquele «Ora diga-nos» — A porteira logo no principio do mês. Não gosto de deixar as coisas para a ultima hora...

Artes plásticas

João Reis expõe na S. N. B. A.

Como todos os anos, João Reis, herdeiro de um nome ilustre nas artes portuguesas, expõe na S. N. B. A. E dos artistas que se mantêm fieis á sua profissão e ás salas onde primeiro expuseram suas obras.

A exposição deste ano é inaugurada amanhã, ás 15 e 30 horas, pelo sr. Presidente da República.

Actividade da Estoril-Sol no ano de 1969

No sábado, ás 19 horas, efectua-se no Casino do Estoril, a inauguração da exposição Actividades da Estoril-Sol no ano de 1969.

A exposição fica patente ao publico até o dia 27 do corrente.

ESCOLAS DE ENFERMAGEM

Está para publicação no «Diário do Governo» uma portaria do ministro da Saude e Assistência que aprova o novo Regulamento Geral das Escolas de Enfermagem, o qual, para já, é aplicável ás Escolas Dr. Angelo da Fonseca, de Coimbra; Artur Ravara e do Hospital de Santa Maria, de Lisboa, e do Hospital de S. João, do Porto.

O novo diploma, para além de conceder ás escolas plena autonomia técnica e administrativa, dá-lhes responsabilidades de ambito nacional, assegurando a representação nos respectivos órgãos directivos ás entidades interessadas na preparação do pessoal de enfermagem.

A portaria ministerial introduz, ainda, alterações no processo de selecção e integração escolar dos alunos, a quem confere o direito de participação na vida activa da escola.

O Museu Militar visitado (em 1969) por 242 mil pessoas

O Museu Militar fechou o ano de 1969 com 242 000 visitantes. As numerosas novas espécies adquiridas nestes últimos oito anos documentam bem a constante renovação do Museu, um dos mais categorizados da Europa, já com fama internacional.

Situado perto do centro de Lisboa, o Museu Militar é diàriamente visitado por muita gente e, aos domingos, a afluência conta-se por mais de um milhar de pessoas, ansiosas de apreciar o variado recheio. Além das peças de carácter histórico e militar, existem ali centenas de preciosas pinturas de autores consagrados, a par da invulgar estrutura artística da maioria das suas 37 salas.

Como complemento e para distracção do público, o Museu Militar proporciona ainda, aos domingos, sessões de cinema, com filmes militares, documentários e outros culturais e recreativos de grande metragem.

O novo VW 411

O carro mais rápido, mais luxuoso e mais confortável, criado até hoje pela Volkswagen!
Tem pràticamente o mesmo chassis do Porsche 911 — um eixo traseiro com barras de suspensão transversais, de articulação dupla e amortecedores telescópico-helicoidais à frente.
Pneus radiais.
Tem um espaço interior amplo e 4 portas.
Os bancos individuais são ajustáveis para diante, para trás e em altura.
O seu sistema de aquecimento é regulado por termostato e funciona mesmo com o carro parado.
O sistema de ventilação não origina correntes de ar e tem um dispositivo para renovar o ar viciado.
A sua carroçaria é monobloco, à prova de choques e de torção. A coluna do volante, no caso de impacto, é compressível.
O sistema de travões é de duplo circuito.
Um novo VW. Um Volkswagen de excepcional presença. Robusto, económico e ... de longa vida!

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L. — Av. da Liberdade, 12 — Telefs. 36 67 51/7 • 37 61 71/5 • Lisboa

FILIAIS OU AGENTES EM: ARRIFANA, AVEIRO, BEJA, BRAGA, CASTELO BRANCO, CHAVES, COIMBRA, COVILHÃ, ELVAS, ESTREMOZ, ÉVORA, FARO, GUARDA, LEIRIA, LISBOA (AV. PADRE MANUEL DA NÓBREGA — R. DA ESCOLA POLITÉCNICA), MIRANDELA, PONTE DE SOR, PORTALEGRE, PORTO, SANTARÉM, SANTIAGO DO CACÉM, SETÚBAL, TOMAR, TORRES VEDRAS, VIANA DO CASTELO, VILA REAL, VISEU, ANGRA DO HEROÍSMO, BISSAU, FUNCHAL, HORTA, PONTA DELGADA, S. TOMÉ

Actualidade internacional

Negoceiam-se na capital nigeriana as condições de um armistício

LAGOS, 15 — (R.) — Uma delegação biafrense chegou hoje a Lagos de avião vinda de Port Harcourt para negociar um armistício com o Governo federal nigeriano.

Entretanto, os Governos e organizações estrangeiras que se ofereceram para enviar auxílio ás vítimas da guerra continuam a aguardar instruções de Lagos para poderem entrar em acção.

A delegação biafrense que veio negociar o armistício é chefiada por «sir» Louis Nbanefo, que foi presidente do Supremo Tribunal do regime separatista, e inclui ainda o procurador-geral de Biafra, Ememboiu, o professor Eni Nijoku, antigo vice-reitor da Universidade de Lagos, e outros dois dirigentes menos conhecidos.

Os biafrenses chegaram ao aeroporto desta cidade no meio de rigorosas medidas de segurança, tendo entrado, depois, para automóveis que os aguardavam. Escoltados por três «jeeps» militares com soldados armados, os automóveis partiram com destino desconhecido.

O general Effiong, novo comandante supremo das forças biafrenses, anunciou já que esta delegação está preparada para negociar uma solução pacífica do conflito com base nas condições postas pelo Governo federal.

AUXÍLIO REJEITADO

A Nigéria anunciou ontem á noite que não aceitará qualquer auxílio da França, de Portugal, da África do Sul e da Rodésia.

A emissora oficial disse que não será aceite qualquer auxílio dos Governos estrangeiros que se mostraram sistemáticamente hostis á Nigéria.

O Governo rejeitou também qualquer auxílio da organização religiosa Joint Church Aid, da Caritas, da Cruz Vermelha nórdica e de outras organizações que, segundo disse, efectuaram voos directos para Biafra sem autorização da Nigéria.

Os funcionários do Governo federal explicaram ontem, porém, que o general Gowon não rejeitou todo e qualquer auxílio estrangeiro ás vítimas da guerra.

Segundo esses funcionários, o general Gowon aceita o auxílio humanitário internacional com excepção daquele que for proveniente de organizações ou países que ajudaram as forças separatistas, contribuindo assim para prolongar a guerra.

OJUKWU: DESTINO DESCONHECIDO

Entretanto, o coronel Obasanjo, comandante da Terceira Divisão federal, falando ontem pela Rádio de Biafra, agora em poder das suas tropas, disse que acabou toda a resistência organizada dos biafrenses, pelo que ordenou a suspensão do avanço das forças sob o seu comando, encarregando a Polícia de manter a ordem em toda a região.

Continua a não haver qualquer informação oficial sobre o paradeiro do general Ojukwu, o antigo governador militar da região oriental da Nigéria que chefiou o movimento separatista declarando a independência de Biafra a 30 de Maio de 1967.

Ojukwu partiu de avião com destino desconhecido no sábado passado quando a derrota se tornou evidente com o colapso da máquina militar biafrense.

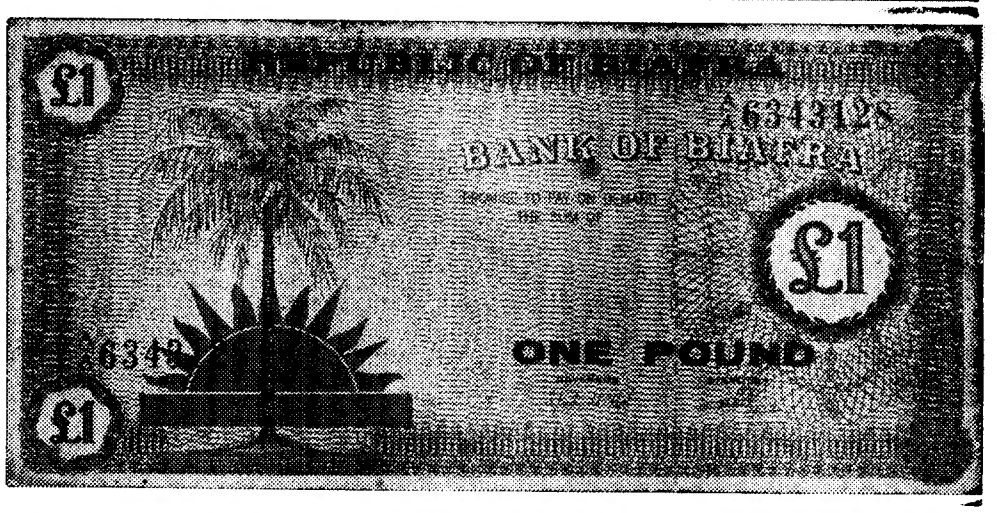
APELO A GOWON

LEEDS (Inglaterra), 15 — (R.) — Uma jovem biafrense, que afirma ter estado noiva do dirigente nigeriano general Yakubu Gowon, fez-lhe um apelo para autorizar voos de socorro a partir da Grã-Bretanha.

Edith Ike, de 25 anos, enviou um telegrama afirmando que «todo o povo britânico está ansioso por ver concretizadas imediatamente as vossas promessas de amizade para com o povo biafrense.

Conhecendo-vos, como vos conheço, estou certa de que respondereis a este apelo» Edith Ike, estudante de ciências numa Faculdade desta cidade.

Edith Ike revelou que estivera noiva do general Gowon em 1965, mas que o noivado se desfizera quando a guerra civil estalou. O dirigente federal casou-se depois.



DINHEIRO BIAFRENSE, criado após a secessão. Segundo algumas fontes, notas para Biafra foram impressas na Europa

«PEDRAS LUNARES»: VIGARICE

FRANKFURT, 15 — (F. P.) — Foram postas à venda «pedras lunares», a um dólar por quilate, num anúncio publicado em inglês num jornal desta cidade.

A surpreendente oferta despertou imediatamente a atenção da Polícia, que entrou em contacto com as autoridades norte-americanas competentes. Estas confirmaram que as amostras lunares não eram para venda e que se tratava de uma vigarice.

O anúncio indicava que as pedras seriam entregues contra reembolso, numa conta postal da Califórnia. A Polícia alemã preveniu a população.

Lançado o satélite Intelsat-3

CAPE KENNEDY, 15 — (R.) — O Intelsat-3, o novo satélite comercial de comunicações, seguiu hoje finalmente para uma órbita estacionária sobre o Atlântico, após o cancelamento de cinco lançamentos.

Condições atmosféricas más e avarias afectaram o foguetão de lançamento delta neste centro de ensaios, obrigando aos sucessivos cancelamentos.

O lançamento da noite passada — por volta das 0 e 15 T.M.G. de hoje — esteve prestes e ser de novo cancelado quando se registou uma avaria num receptor de radar nas Bermudas. Contudo, funcionários da N.A.S.A. alargaram por seis minutos a hora do disparo e o satélite foi lançado finalmente para o espaço.

O Intelsat-3, parte de uma nova rede global de satélites de comunicações, será colocado eventualmente numa órbita sincrónica a 35 400 quilómetros no espaço, de forma a que pareça pairar sobre o Equador.

Existem já a funcionar com êxito três satélites Intelsat-3 em órbita sobre os oceanos Atlântico, Índico e Pacífico. Há mais quatro Comsats em órbita, o Early Bird, lançado em 1965, que se encontra agora inactivo, e três da série Intelsat-2, lançados em 1967, um em serviço sobre o Atlântico e dois sobre o Pacífico.

Outro satélite Intelsat-3 deverá ser lançado no próximo mês.

Recrudesce a luta na fronteira entre o Cambodja e o Vietnam

SAIGÃO, 15 — (R.)—Uma poderosa força do Vietcong disparou cerca de 100 granadas de morteiro contra um posto avançado americano e, em seguida tentou assaltá-lo durante novo recrudescimento da luta que ocorreu hoje ao longo da zona dafronteira do Cambodja com o Vietnam.

Travou-se luta durante hora e meia á volta do posto Carolyn, a cerca de oito quilómetros da fronteira, antes dos guerrilheiros retirarem, abandonando 19 cadáveres.

Forças sul-vietnamianas e americanas, que defendiam o posto avançado, pediram o apoio de artilharia e de helicópteros para repelir o ataque, desencadeado por uma força do Vietcong, cujos efectivos foram calculados numa companhia, após a barragem de fogo de morteiros.

AUXÍLIO A BIAFRA

HAVERÁ PONTE AÉREA MESMO SEM ACORDO

— DIZ UM ÁS DA AVIAÇÃO

LONDRES, 15 — (R.) — O «ás» da aviação durante a guerra, Leonard Cheshire, afirmou a noite passada que mobilizaria uma ponte aérea de 20 aviões para alimentar Biafra esfomeada se continuasse o ponto morto acerca dos voos de socorro.

O herói das esquadrilhas de bombardeiros britânicos em tempo de guerra declarou á Televisão que os aviões arrostariam com o fogo da D.C.A. para largarem alimentos se não se chegasse, até ás 15 horas T.M.G. de hoje, a qualquer acordo sobre voos para a faixa aérea de Uli.

O comandante de esquadrilha, de 52 anos, a quem lhe foi conferida a medalha Cross, a mais alta condecoração da Grã-Bretanha, por bravura em 1944, tornou claro que agia individualmente.

CERCA DE 20 AVIÕES AGUARDAM EM SÃO TOMÉ E NO GABÃO

Cheshire disse que cerca de 20 aviões aguardavam em São Tomé e no Gabão.

«Os aviões encontram-se ali. Há dinheiro. Tudo está pronto», acrescentou na entrevista.

Ao ser-lhe chamada a atenção para os riscos envolvidos, Cheshire declarou: «Como podem comparar esses riscos com os de mil vidas por dia?»

O comandante Cheshire, muitas vezes condecorado por dezenas de bombardeamentos, aperfeiçoou o sistema de bombardeamento exacto que arruinou, na origem, as bombas voadoras de Hitler.

Foi o observador oficial britânico durante o ataque em que foi largada uma bomba atómica em Nagasaki em 1945.

GISÈLE TOUZET

Jacques Touzet, sua mulher e filhos, Roger Lévy e família, Odette Grasset e família, Maurice Reynaud e família, têm o profundo desgosto de participar o falecimento de sua querida mãe, sogra, avó, irmã e tia, ocorrido em 16 de Dezembro de 1969.

Será celebrada missa pelo seu eterno descanso no dia 16 de Janeiro de 1970, ao meio-dia, na Igreja de São Luís.

GISÈLE TOUZET

M. et Mme. Jacques Touzet et leurs enfants, M. et Mme. Roger Lévy, M. et Mme. Jacques Grasset, M. et Mme. Maurice Reynaud et leus familles, ont la douleur de faire part du décès de Mme. Gisèle Touzet, survenu le 16 Décembre 1969.

Une messe sera célébrée à son intention le 16 Janvier 1970, à midi, en l'Eglise Saint Louis.

OS EXÉRCITOS DA NOITE

NORMAN MAILER

a oposição, dentro dos Estados Unidos, à intervenção americana no Vietname

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
RUA LUCIANO CORDEIRO, 119

BIAFRA

um livro indispensável para conhecer os dados fundamentais do conflito entre o BIAFRA E A NIGÉRIA.

Entrevistas com

Ojukwu (presidente do Biafra), Gowon (presidente da Nigéria) e o filósofo Arnold Toynbee; artigos de Lloyd, Garrison e outros.

Colecção CADERNOS DOM QUIXOTE
Volume 9 (2.ª edição)
— 25$00
PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
R. Luciano Cordeiro, 119
LISBOA

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

CHRISTIAN BELON (entre os guardas), o francês que assaltou um avião norte-americano e que obrigou o aparelho a aterrar em Beirute. Segundo se anunciou ontem, a Justiça libanesa chegou à conclusão que Belon não cometeu qualquer delito em território libanês e por isso limitar-se-á a impor-lhe que abandone o Líbano com urgência

UMA ENTREVISTA DE OVANDO CANDIA PROVOCA PÂNICO

LA PAZ, 15 — (F. P.) — Uma acção comum da Bolívia, do Peru e de Cuba contra o «imperialismo» é «imperativa» — acha o general Alfredo Ovando Candia, presidente da República boliviana, numa entrevista concedida a um jornalista uruguaio e reproduzida ontem por dois jornais bolivianos.

O chefe de Estado expõe a política que o seu Governo de civis e de militares, formado em Setembro, para «tirar a Bolívia, conjuntamente com outros Estados latino-americanos do seu estado de dependência». O presidente anuncia em substância que a Bolívia deseja reatar relações com Cuba, que está pronta a deixar a O.E.A. (Organização dos Estados Americanos), para criar um novo bloco latino-americano, no caso desta organização não sofrer uma modificação de forma a que a hegemonia dos Estados Unidos fique neutralizada.

Mais tarde, o ministro da Informação, Alberto Bailey, disse que o Governo não tenciona formar um bloco anti-imperialista. Bailey sublinhou ainda que o seu Governo não quer nacionalizar o comércio exterior e os bancos e eliminar o sector privado — como dava a entender a entrevista. Pelo contrário, ás empresas particulares seria confiado um papel importante no desenvolvimento do país.

O chefe do Estado — declarou o ministro — «não falava num futuro imediato», mas tinha-se referido ao sistema socialista como a uma das possibilidades susceptíveis de surgir na América Latina no caso de insucesso do «modelo nacional revolucionário».

A entrevista do general Ovando causou pânico em certos meios comerciais de La Paz.

OVANDO CANDIA, chefe do Estado boliviano

Raptado um jovem de Palermo para fins matrimoniais

PALERMO, 15 — (F. P.) — Raptado, seduzido, casado... a toque de caixa: um jovem de Palermo, de 25 anos, Giuseppe Riggio, foi vítima do primeiro rapto de homem para fins matrimoniais praticado na Sicília.

Giuseppe resistia obstinadamente, já há meses, aos olhares da bela Anna Guaracci. Despeitada, mas não desencorajada, Anna convidou Giuseppe a tomar café em casa de um tio dela. Este ultimo, de combinação, deixou Giuseppe entrar e fechou a porta á chave.

A família de Giuseppe queixou-se. Mas Giuseppe, finalmente seduzido, consentiu em levar Anna ao altar. O magistrado, a quem o processo foi confiado considerou que não era um delito raptar um homem para depois casar com ele e pronunciou a absolvição.

A Nigéria não aceitará ajuda de quatro países

LAGOS, 15 — (F. P.) — O Governo federal nigeriano anunciou a noite passada que não aceitará qualquer oferta de socorros da França, de Portugal, da África do Sul ou da Rodésia, visto estes países terem tido «durante toda a crise, uma atitude resolutamente hostil á causa federal».

Numa declaração difundida pela Rádio nigeriana, o Governo federal anunciou também que considerava «personnae non gratae» todos os estrangeiros que trabalharam nas operações de socorro em território biafrense. O Governo afirmou ainda não poder aceitar assistência de organizações que ajudaram Biafra ou «operaram ilegalmente em território biafrense, a partir de certos aeródromos».

As organizações visadas por estas medidas são a Joint Church Aid, a organização canadiana Canair Relief, a Caritas Internacional, a Cruz Vermelha Francesa, as Cruzes Vermelhas escandinavas e todas as organizações que operaram a partir de Abidjan, Libreville, São Tomé, ou ainda de Portugal continental, da África do Sul e da Rodésia.

O mesmo comunicado anunciou que o ministro do Desenvolvimento Económico nigeriano, Y. Gusau, passa a ser responsável pelas operações de socorro, de reconstrução e restauração do território rebelde.

Recusa de Willy Brandt em reconhecer a Alemanha Oriental

BONN, 15 — (R.) — O chanceler Willy Brandt, com o seu discurso de ontem no Bundestag, parece ter deixado momentâneamente a oposição democrata-cristã sem munições para o atacar, ao mesmo tempo que respondeu com um «não» categórico á proposta da Alemanha Oriental exigindo o reconhecimento diplomático internacional.

O antigo chanceler Kiesinger, comentando o discurso de Brandt, declarou que ele veio confirmar a política seguida pelo seu próprio Governo. Acrescentou, porém, que havia nele algumas passagens pouco claras.

Os observadores pensam, no entanto, que após a firme atitude tomada por Brandt os seus adversários políticos dificilmente poderão hoje, durante o debate no Parlamento, acusá-lo de estar a transigir com os comunistas sobre a questão da reunificação alemã.

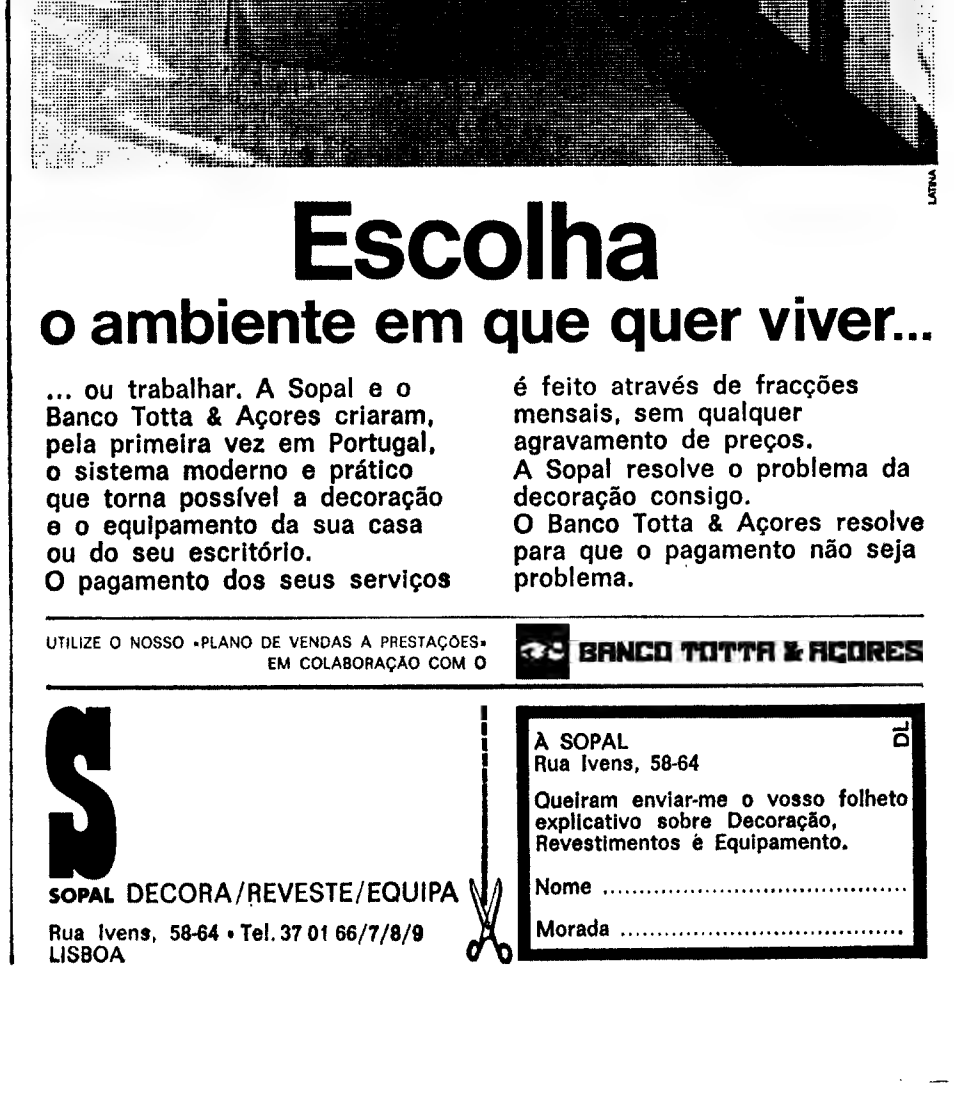
Além de rejeitar a proposta de dez pontos apresentada por Walter Ulbricht, Willy Brandt apresentou uma contraproposta para que as duas Alemanhas iniciem negociações sobre um pacto de não-agressão.

Essas negociações seriam acompanhadas pelo compromisso tomado por ambas as partes de trabalharem no sentido da reunificação da Alemanha, o que não parece estar dentro dos projectos de Berlim-Oriental.

No entanto, o próprio Brandt rejeitou a possibilidade de uma reunificação a curto prazo, dizendo: «Entre o nosso sistema e aquele que vigora na Alemanha Oriental não pode haver qualquer mistura ou compromisso».

Gowon agradece à URSS

LAGOS, 15 — (F. P.) — O general Gowon convocou na segunda-feira Alexandre Romanov, embaixador da União Soviética em Lagos, a fim de lhe agradecer o apoio dado pelo Governo e pelo povo soviético durante toda a crise nigeriana. E agradeceu ao representante soviético não só os fornecimentos de armas, mas também o apoio constante da URSS no plano internacional.



Escolha
o ambiente em que quer viver...

... ou trabalhar. A Sopal e o Banco Totta & Açores criaram, pela primeira vez em Portugal, o sistema moderno e prático que torna possível a decoração e o equipamento da sua casa ou do seu escritório.
O pagamento dos seus serviços é feito através de fracções mensais, sem qualquer agravamento de preços.
A Sopal resolve o problema da decoração consigo.
O Banco Totta & Açores resolve para que o pagamento não seja problema.

UTILIZE O NOSSO «PLANO DE VENDAS A PRESTAÇÕES» EM COLABORAÇÃO COM O BANCO TOTTA & AÇORES

SOPAL DECORA/REVESTE/EQUIPA
Rua Ivens, 58-64 • Tel. 37 01 66/7/8/9
LISBOA

À SOPAL
Rua Ivens, 58-64
DL
Queiram enviar-me o vosso folheto explicativo sobre Decoração, Revestimentos e Equipamento.
Nome .....
Morada .....

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

Em ALMADA, o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por Amadeu & Verissimo, Praça da Restauração, 12.

O NOVO GOVERNO

(Continuação da 1.ª página)

Também o ministro das Obras Publicas, eng.º Rui Alves da Silva Sanches, passa a gerir agora as pastas reunidas das Obras Publicas e das Comunicações.

Por outro lado, o dr. João Augusto Dias Rosas permanece na pasta das Finanças e Economia; o dr. António Manuel Gonçalves Rapazote na do Interior; o prof. Mário Julio Brito de Almeida Costa na da Justiça; o almirante Manuel Pereira Crespo na da Marinha, e o prof. Joaquim Moreira da Silva Cunha, na do Ultramar.

Novos ministros são, portanto, três: o da Educação, o prof. José Veiga Simão; o das Corporações e Saúde, o dr. Baltasar Rebelo de Sousa, e o dos Estrangeiros, o dr. Rui Patrício, que vinha desempenhando interinamente o cargo de subsecretário da mesma pasta, após a saída do dr. Franco Nogueira.

Outra característica do novo Governo, em parte resultante da referida concentração, é o aumento do numero de secretários de Estado. Assim, foram nomeados os seguintes: do Exército, o general José de Oliveira Vitoriano; das Obras Publicas, o eng.º José Adolfo Pinto Eliseu; das Comunicações e Transportes, o eng.º João Maria Leitão de Oliveira Martins; do Trabalho e Previdência, o dr. Joaquim Dias da Silva Pinto; e o da Saúde e Assistência, o prof. Francisco Gonçalves Ferreira.

Entram também para o Governo os seguintes subsecretários de Estado, da Administração Ultramarina, o capitão-de-fragata Leão do Sacramento Monteiro; do Fomento Ultramarino, o dr. Rui Martins dos Santos; da Administração Escolar, o dr. Justino Mendes de Almeida; da Juventude e Desportos, o dr. Augusto de Ataíde Soares de Albergaria; do Comércio, o dr. Alexandre de Azeredo Vaz Pinto; e do Trabalho e Previdência, o dr. José Luís Nogueira de Brito.

Os novos ministros, secretários e subsecretários de Estado tomaram posse esta tarde, pelas 15 e 30, no Palácio de Belém. A posse foi-lhes conferida, com o protocolo habitual, pelo Chefe do Estado, que ao fim da manhã já recebera os cumprimentos de despedida dos membros do Governo cessantes.

(Continua na 14.ª página)

UM JOVEM DE 28 ANOS NO NOVO GOVERNO

A média de idades dos novos membros do Gabinete anda pelos 44 anos. Não poderá, talvez, falar-se em «rejuvenescimento do Governo» com inteira propriedade. Mas também se não poderá dizer o contrário.

Há até um facto relativamente inédito entre nós: fazer parte do Governo um jovem de 28 anos, o dr. Augusto de Ataíde Soares de Albergaria, agora nomeado subsecretário da Juventude e Desportos.

General Oliveira Vitoriano

Eng.º Pinto Eliseu

Eng.º Oliveira Martins

Dr. Silva Pinto

Prof. Gonçalves Ferreira

MORADIA E TERRENOS

Vendem-se: Moradia em Carcavelos, preço 850 contos — Andar a 50 metros da praia de Carcavelos, local maravilhoso, preço 420 contos — Quintinha perto do Estoril, preço 420 contos — Terreno para indústria ou armazéns no Casal do Marco, á saída da auto-estrada da ponte sobre o Tejo — Lotes de terreno para moradias, com deslumbrantes vistas e nos melhores locais da Costa da Caparica, Caxias, Parede e Cascais, vendemos os terrenos ou construímos por encomenda ao gosto do comprador. Os preços são sujeitos a oferta e facilita-se pagamento em tudo e dão-se rigorosas referências de pessoas para quem construímos por encomenda. Trata a firma proprietária e construtora Tecnicimento, Av. 5 de Outubro, 31-r/c., Lisboa-1, Tels., 539773 e 539774 escritório e 771664 residência.

QUEM SÃO OS NOVOS MEMBROS DO GOVERNO

Prof. VEIGA SIMÃO ministro da Educação Nacional

É natural da Guarda e tem 40 anos de idade, o novo ministro da Educação Nacional, prof. José da Veiga Simão, que preenchia desde Dezembro de 1962 as funções de reitor dos E. G. U. M. e mais tarde da Universidade de Lourenço Marques.

Aluno do Liceu em Coimbra (concluiu o curso com 19 valores), fez os preparatórios de Engenharia na mesma cidade e transitou depois, também ali, para o curso de Ciências Físico Químicas, li-

General Sá Viana Rebelo, ministro da Defesa Nacional e do Exército

Dr. Rui Patrício, ministro dos Negócios Estrangeiros

Eng.º das

OS QUE SAÍRAM DO MINISTÉRIO

Deixaram de fazer parte do Governo os seguintes ministros: eng.º Alfredo de Queirós Ribeiro Vaz Pinto, que assumira o cargo de ministro de Estado Adjunto á Presidência do Conselho, em 26 de Setembro de 1968; brigadeiro José Manuel de Bettencourt Rodrigues, que tomara posse da pasta do Exército em 17 de Agosto de 1968; dr. José Hermano Saraiva, que desempenhava as funções de ministro da Educação Nacional, em 17 de Agosto de 1968; brigadeiro Fernando Alberto de Oliveira, que desempenhara, sucessivamente, as funções de secretário de Estado da Aeronáutica (a partir de 3 de Maio de 1967) e de ministro das Comunicações (a partir de 27 de Março de 1969); prof. José João Gonçalves de Proença, que era o ministro mais antigo, pois era o titular da pasta das Corporações e Previdência Social a partir de 3 de Maio de 1961; dr. Lopo de Carvalho Cancela de Abreu, que assumira as funções de ministro da Saúde e Assistência em 29 de Setembro de 1968.

Também deixaram o ministério os seguintes subsecretários: coronel João António Pinheiro, que fora nomeado subsecretário do Exército em 3 de Dezembro de 1962; dr. José C. de Almeida Cotta, que desempenhava as funções de subsecretário da Administração Ultramarina desde 19 de Março de 1965; e dr. Francisco Elmano Martinez da Cruz Alves, que fora nomeado subsecretário da Juventude e Desportos em 17 de Agosto de 1968.

Transitaram de funções as seguintes personalidades: o dr. Joaquim Dias da Silva Pinto, de subsecretário das Obras Públicas para secretário de Estado do Trabalho e Previdência; e o dr. Rui Manuel de Medeiros d'Espiney Patrício de subsecretário do Fomento Ultramarino e interino dos Estrangeiros para ministro dos Negócios Estrangeiros.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

PAQUETE «MOÇAMBIQUE»

Informamos os senhores passageiros de que a saída do paquete «Moçambique» está marcada para as 12 horas do dia 19 do corrente, da Estação Marítima de Alcântara.

A bagagem de porão é recebida no Cais da Fundição em Santa Apolónia nos dias 17 até às 12 horas e 18 até às 20 horas.

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Ourivesaria da GUIA
...GARANTIA DE PROBIDADE E COMPETÊNCIA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)
Fundada em 1875

As remodelações d de Marcello Ca

Na noite de 26 de Setembro de 1968, isto é, vinte dias após se ter manifestado a doença do Presidente Salazar, o Chefe do Estado dirigiu ao País, através da Rádio e da Televisão, uma importante comunicação, na qual anunciava ter exonerado o Doutor António de Oliveira Salazar do cargo de Presidente do Conselho de Ministros e nomeado, em sua substituição o Doutor Marcello José das Neves Caetano.

O prof. Marcello Caetano tomou posse no dia seguinte, pelas 15 e 30. Um quarto de hora depois eram empossados quatro novos ministros e dois subsecretários.

Os novos ministros eram: o eng.º Vaz Pinto (Ministro de Estado), general Sá Viana Rebelo (Defesa), eng.º Rui Sanches (Obras Publicas) e dr. Lopo de Carvalho (Saude). Os novos subsecretários eram o dr. César Moreira Baptista (da Presidência do Conselho) e dr. Silva Pinto (das Obras Publicas).

Deixavam, assim, o Governo, o dr. Motta Veiga, que era ministro de Estado adjunto do Presidente do Conselho desde 19 de Março de 1965; o general Gomes de Araujo, que era ministro da Defesa Nacional desde 3 de Dezembro de 1962; o eng.º Machado Vaz, que era ministro das Obras Publicas desde 12 de Abril de 1967 (e desempenhara interinamente as funções de minitro das Comunicações, desde 16 de Agosto até á nomeação do eng.º Canto Moniz para aquela pasta); o dr. Joaquim de Jesus Santos, que era ministro da Saude desde 19 de Agosto; e dr. Paulo Rodrigues, que desempenhava as Estado da Presidência desde 3 de Dezembro de 1962.

Portanto, o primeiro Gover no presidido pelo prof. Marcello Caetano, composto de 28 elementos (15 ministros, 4 secretários de Estado e 9 subsecretários de Estado) era fundamentalmente constituido pelas mesmas personalidades que já faziam parte do ultimo gabinete do Presidente Salazar, embora com algumas alterações.

As remodelações do primeiro Ministério

A primeira remodelação do Governo da presidência do prof. Marcello Caetano efectuou-se a 27 de Março de 1969. Nessa altura saíram: dr. José Gonçalo Correia de Oliveira, que permanecera 14 anos no governo (subsecretário do Orçamento, secretário do Comércio, ministro de Estado e ministro da Economia); eng.º Canto Moniz, que fora nomeado ministro das Comunicações em Agosto de 1968 (sete meses no Governo); prof. Vitória Pires, que ocupava o lugar de secretário de Estado da Agricultura desde 1965, e fora subsecretário da mesma pasta de 1950 a 1958; e dr. Alves Machado, nomeado secretário de Estado do Comércio em Março de 1965.

Para substituir os dois lugares vagos de ministro não entrou gente nova. O dr. Dias Rosas continuava com a pasta das Finanças e ficava também encarregado da pasta da Economia e o brigadeiro Fernando de Oliveira assumia a pasta das Comunicações, deixando vago o lugar de secretário de Estado da Aeronáutica.

Aquela remodelação com-

Eng.º Rui Sanches, ministro das Obras Publicas e das Comunicações

Prof. Veiga Simão, ministro da Educação Nacional

Dr. Baltazar Rebello de Sousa, ministro das Corporações e da Saude

O último Governo do prof. Salazar

do primeiro Ministério Caetano

A 17 de Agosto de 1968 era anunciada uma remodelação ministerial, tendo os novos ministros e subsecretários tomado posse dois dias depois. Ficava, assim, constituído o novo Governo, que seria o último presidido pelo prof. António de Oliveira Salazar.

Os ministros empossados nessa segunda-feira, 19 de Agosto de 68, foram o dr. Gonçalves Rapazote (Interior), dr. Dias Rosas (Finanças), brigadeiro Bettencourt Rodrigues (Exército), dr. José Hermano Saraiva (Educação, dr. Joaquim de Jesus Santos (Saude) e comandante Pereira Crespo (Marinha).

Os subsecretários foram o dr. Costa André (Tesouro), dr. Vítor Coelho (Orçamento), dr. Elmano Alves (Juventude e Desportos) e dr. Justino de Almeida (Administração Escolar).

Saíam do Governo sete ministros: dr. Ulisses Cortês (ministro das Finanças desde 13 de Junho de 1965), dr. Santos Junior (ministro do Interior desde 3 de Maio de 1961); almirante Quintanilha Mendonça Dias (ministro da Marinha desde 13 de Agosto de 1958); coronel Luz Cunha (ministro do Exército desde 3 de Dezembro de 1962); prof. Galvão Teles (ministro da Educação Nacional desde 3 de Dezembro de 1962); eng.º Carlos Ribeiro (ministro das Comunicações desde 13 de Agosto de 1958); dr. Neto de Carvalho (ministro da Saude desde 23 de Novembro de 1963); e quatro subsecretários: dr. Faria Blanc (subsecretário de Estado do Tesouro desde 27 de Fevereiro de 1962); dr. Tarujo de Almeida (subsecretário do Orçamento desde 27 de Março de 1963); dr. Alberto Brito (subsecretário da Administração Escolar desde 3 de Dezembro de 1962); e eng.º Pinto Serrão (subsecretário da Juventude e Desportos desde 7 de Novembro de 1964)

A pasta das Comunicações era assumida, interinamente, pelo então ministro das Obras Publicas, eng.º Albino Machado Vaz.

Este gabinete duraria, porém, pouco mais de um mês.

pletou-se com novos secretários de Estado da Aeronáutica, Comércio, Agricultura e Indústria e, ainda, o preenchimento de duas novas secretarias de Estado (Tesouro e Orçamento, preenchidas com os antigos subsecretários) e das duas subsecretárias recentemente criadas (Planeamento Económico e Trabalho e Previdência).

Assim, passavam também a fazer parte do Governo: brigadeiro Pereira do Nascimento, como secretário da Aeronáutica; dr. Costa André, como secretário do Tesouro; dr. Vítor Coelho, como secretário do Orçamento, eng.º Vasco Leónidas, como secretário da Agricultura; dr. Xavier Pintado, como secretário do Comércio; eng.º Rogério Martins, como secretário da Industria; dr. João Salgueiro, como subsecretário do Planeamento Económico e dr. Nogueira de Brito, como subsecretário do Trabalho e Previdência.

Esta composição manteve-se até ao presente, com uma unica e importante excepção: a 5 de Outubro do ano passado, em plena campanha eleitoral, deixou o Ministério dos Negócios Estrangeiros o **sr.** dr. Alberto Franco Nogueira, que havia entrado para aquele cargo em 3 de Maio de 1961.

A pasta dos Estrangeiros passou então a ser gerida pelo prof. Marcello Caetano, auxiliado pelo novo subsecretário dos Estrangeiros, dr. Rui Patrício, que manteve, cumulativamente, o cargo de subsecretário do Fomento Ultramarino.

O ANTERIOR GOVERNO DO PROF. MARCELLO CAETANO

A constituição do anterior Governo era, portanto, a seguinte:

- **Presidente do Conselho e Ministro dos Negócios Estrangeiros**—prof. dr. Marcello Caetano.

MINISTROS

- **Ministro de Estado Adjunto á Presidência do Conselho** — eng.º Alfredo de Queirós Ribeiro Vaz Pinto.
- **Ministro da Defesa Nacional** — general Horácio José de Sá Viana Rebelo.
- **Ministro do Interior** — dr. António Manuel Gonçalves Rapazote.
- **Ministro da Justiça**—prof. Mário Julio Brito de Almeida Costa.
- **Ministro das Finanças e encarregado da gerência da pasta da Economia** — dr. João Augusto Dias Rosas.
- **Ministro do Exército** — brigadeiro José Manuel de Bettencourt Rodrigues.
- **Ministro da Marinha** — almirante Manuel Pereira Crespo.
- **Ministro das Dbras Publicas** — eng.º Rui Alves da Silva Sanches.
- **Ministro do Ultramar** — prof. Joaquim Moreira da Silva Cunha.
- **Ministro da Educação** — dr. José Hermano Saraiva.
- **Ministro das Comunicações** — brigadeiro Fernando Alberto de Oliveira.
- **Ministro das Corporações e Previdência Social** — prof. José João Gonçalves de Proença.
- **Ministro da Saúde e Assistência** — dr. Lopo de Carvalho Cancela de Abreu.

SECRETÁRIOS DE ESTADO

- **Informação e Turismo** — dr. César Henrique Moreira Baptista.
- **Aeronáutica** — brigadeiro José Pereira do Nascimento.
- **Tesouro** — dr. João Luís da Costa André.
- **Orçamento** — dr. Augusto Vítor Coelho.
- **Comércio** — dr. Valentim Xavier Pintado.
- **Agricultura** — eng.º Vasco Pinho Leónidas.
- **Industria** — eng.º Rogério Martins.

SUBSECRETÁRIOS DE ESTADO

- **Exército** — coronel João António Pinheiro.
- **Planeamento Económico** — dr. João Fernandes Salgueiro.
- **Obras Publicas** — dr. Joaquim Dias da Silva Pinto.
- **Trabalho e Previdência** — dr. José Luís Nogueira de Brito.
- **Administração Ultramarina** — dr. José Coelho de Almeida Cotta.
- **Fomento Ultramarino e dos Negócios Estrangeiros** — dr. Rui Manuel de Medeiros d'Espinay Patrício.
- **Administração Escolar** — dr. Justino Mendes de Almeida.
- **Juventude e Desportos** — dr. Francisco Elmano Martinez da Cruz Alves.

O muito é feito de poucos. Ganhando menos consegue-se mais.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

«Não abandono a causa publica» — disse-nos, esta manhã, o subsecretário cessante da Administração Ultramarina

DESPEDIDA DO MINISTRO DE ESTADO

Eram 10 horas quando o eng.º Vaz Pinto, ministro de Estado adjunto do Presidente do Conselho, se despediu de todos os seus colaboradores.

Em palavras muito breves, agradeceu uma «colaboração prestimosa e inteligente».

Em nome dos funcionários da Presidência do Conselho, falou o prof. Leite Pinto, presidente da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, que, a dada altura, disse:

«Hoje, depois de uma colaboração que muito nos honra, todos nós vemos partir um amigo. Cada um de nós vê partir uma amigo digno de amizade imaculada, pois sem mácula se revelou o seu carácter e a sua acção.»

O sr. eng.º Vaz Pinto, abraçando o prof. Leite Pinto, confessou que as suas palavras o tinham «sensibilizado muito».

«Não abandono a causa pública» — disse-nos o dr. Almeida Cotta

«Não abandonarei a causa pública — disse-nos no seu gabinete, o sr. dr. Almeida Cotta, subsecretário da Administração Ultramarina — *Para já, continuo como deputado á Assembleia Nacional...»*

O sr. dr. Almeida Cotta, ás 10 e 55, recebia os cumprimentos de despedida do director-geral da Segurança.

Posteriormente apresentaram-lhe cumprimentos de despedida vários directores-gerais daquele departamento do Estado.

Avistou-se, também, com o subsecretário cessante aquele que, a partir de hoje, desempenhará as mesmas funções, comandante Sacramento Monteiro.

O eng.º Vaz Pinto despede-se dos colaboradores que o acompanharam durante as funções de Ministro do Estado

A CONSTITUIÇÃO DO GABINETE

PRESIDENTE DO CONSELHO — Prof. António de Oliveira Salazar

Ministros

MINISTRO DE ESTADO ADJUNTO DO PRESIDENTE DO CONSELHO — Dr. António Jorge da Mota Veiga
MINISTRO DA DEFESA NACIONAL — General Manuel Gomes de Araújo
INTERIOR — Dr. António Manuel Gonçalves Rapazote.
JUSTIÇA — Prof. Mário Júlio de Brito de Almeida Costa
FINANÇAS — Dr. João Augusto Dias Rosa
EXÉRCITO — Brigadeiro José Manuel Bettencourt Rodrigues
MARINHA — Comodoro Manuel Maria Crespo
NEGÓCIOS ESTRANGEIROS — Dr. Alberto Gorjão Henriques Franco Nogueira
OBRAS PÚBLICAS — Eng.º José Albino Machado Vaz
ULTRAMAR — Prof. Joaquim Moreira da Silva Cunha
EDUCAÇAO — Dr José Hermano Saraiva
ECONOMIA — Dr José Gonçalo da Cunha Sottomayor Correia de Oliveira
COMUNICAÇÕES — (interino) — Eng.º José Albino Machado Vaz
CORPORAÇÕES E PREVIDÊNCIA SOCIAL — Prof. José João Gonçalves de Proença
SAÚDE E ASSISTÊNCIA — Dr. Joaquim de Jesus dos Santos

Secretários de Estado

AERONAUTICA — Brigadeiro Fernando Alberto de Oliveira
AGRICULTURA — Prof. Domingos Rosado Vitória Pires
COMÉRCIO — Dr Fernando Manuel Alves Machado
INDÚSTRIA — Eng.º Manuel Rafael Amaro da Costa

Subsecretários

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO — Dr. José Venâncio Pereira Paulo Rodrigues
ORÇAMENTO — Dr. Augusto Vítor Coelho
EXÉRCITO — Tenente-coronel João António Pinheiro
ADMINISTRAÇAO ULTRAMARINA — Dr. José Coelho de Almeida Cota
FOMENTO ULTRAMARINO — Dr. Rui Manuel de Medeiros d'Espinay Patrício
ADMINISTRAÇAO ESCOLAR — Dr. Justino Mendes de Almeida
JUVENTUDE E DESPORTOS — Dr. Francisco Elmano Martinez da Cruz Alves

CHOCOLATES TAGIDE
EMPREGO · LEALDADE · QUALIDADE

OS NOVOS MEMBROS DO GOVERNO

(Continuação da pág. central)

cenciando-se em 1959 com 18 valores. Posteriormente doutorou-se em Física pela Universidade de Cambridge, onde igualmente lhe foi conferido o grau de «Doctor of Philosophy», e em Ciências Físico-Químicas pela Universidade de Coimbra (com 20 valores). Em 1959 era, sempre em Coimbra, aprovado por unanimidade professor extraordinário de Física, grau que veio na sequência de uma carreira docente iniciada oito anos antes. Entre outras cadeiras regeu as de Física Geral e Elementos de Física Atómica, e é desde 1969 professor catedrático.

Como reitor da Universidade de Lourenço Marques o prof. Veiga Simão tomou recentemente algumas medidas inovadoras, como a constituição de um Conselho Consultivo para actividades Pedagógicas e de Gestão Universitária, no qual tomam assento, conjunta e paritáriamente representantes eleitos dos professores e dos estudantes. Numa recente e importante entrevista no jornal universitário «Tempo», ao ser-lhe observado que o carácter consultivo daquele Conselho não correspondia ao que se considera co-gestão, o novo ministro da Educação Nacional respondeu:

«Sim, mas a entrada de estudantes no Senado Universitário não pode ser posta em prática por simples iniciativa de um reitor. Implicaria a promulgação de medidas que, no estado actual da Universidade, não são infelizmente da minha competência».

Em outro passo o prof. Veiga Simão afirmou que os estudantes de Lourenço Marques eram iguais aos da Metrópole (dando a entender que aqui se poderia portanto aplicar o mesmo esquema). E acrescentou:

«Desde já sinto-me na obrigação de respeitar todos os acordos a que tenho chegado com os estudantes, pois todo o reitor que assim não proceda perde a autoridade. E eu criei este Conselho para ser eficaz. Tentar enganar os jovens é destruir a Universidade»

Dr. BALTAZAR REBELO DE SOUSA
ministro das Corporações e Previdência Social e da Saúde e Assistência

O novo ministro das duas pastas das Corporações e Previdência Social e da Saude e Assistência, dr. Baltazar Leite Rebelo de Sousa, nasceu em Lisboa há 48 anos e já anteriormente (1955-1961) fizera parte do Governo como subsecretário de Estado da Educação Nacional, sendo ministro o prof. Leite Pinto. Agora exercia desde Julho de 1968 as funções de governador-geral de Moçambique (e fora anteriormente vice-presidente do Conselho Ultramarino, de que era vogal desde 1963).

Licenciado em Medicina e Cirurgia pela Universidade de Lisboa, tendo também os cursos superiores de Medicina Sanitária e de Medicina Tropical (no primeiro dos quais obteve o Prémio Ricardo Jorge), desenvolveu actividade clínica e exerceu as funções de subinspector e inspector-chefe dos Serviços Médico-Sociais. Na juventude distinguiu-se ao serviço da M. P., de que viria mais tarde a ser Comissário Nacional, e ainda da Associação dos Escuteiros de Portugal e de Juventude Católica.

Professor do Instituto de Serviço Social e membro da direcção da Associação do Serviço Social e da Liga Portuguesa contra o Cancro, interessou-se de longa data, pela problemática médico-social e educativa. Neste último domínio presidiu á secção de Educação Moral e Cívica da Junta Nacional de Educação e ao grupo de trabalho constituído para o estudo da Acção Social Escolar.

Foi deputado á Assembleia Nacional, em duas legislaturas, pelos círculos de Évora e de Braga.

O dr. Rebelo de Sousa é ainda autor de vários trabalhos, na maior parte consagrados a questões sociais de educação e de cultura popular, bem como a problemas ultramarinos, como os que ultimamente publicou em Moçambique com doutrinação sobre o «Estado Social»

Entre outras condecorações possui a grã-cruz da Ordem do Infante D. Henrique e os grandes oficialatos das Ordens de Cristo, da Instrução Pública, do Cruzeiro do Sul e de Cisneros.

General OLIVEIRA VITORIANO
secretário de Estado do Exército

Natural de Montemor-o-Novo, tem 59 anos o general José de Oliveira Vitoriano, novo secretário de Estado do Exército. A sua carreira militar começou com a frequência do curso de Infantaria da antiga Escola Militar, prosseguindo com as sucessivas promoções a alferes (1932), tenente (1936), capitão (1943), major (1947), tenente-coronel (1953), coronel (1958), brigadeiro (1963) e general (1967). Em 1943, concluído o respectivo curso, ingressou no Corpo do Estado-Maior.

Expedicionário a Cabo Verde (1943-1945), onde desempenhou o lugar de chefe do Estado-Maior das Forças em Operações ali destacadas, foi posteriormente subchefe e chefe do Estado-Maior do Q. G. do Governo Militar de Lisboa, chefe do Gabinete do ministro do Exército e adido militar e aeronáutico junto da Embaixada de Portugal em Madrid, cargo que abandonou a fim de frequentar o curso de Altos Comandos de 1962-1963, no Instituto de Altos Estudos Militares. Entretanto, frequentara em França (1965), na Escola da Defesa e Organização do Tratado do Atlantico Norte, o curso «NATO Defense College Orientation».

Já brigadeiro, foi subchefe do Estado-Maior do Exército e, em Angola, chefe do Estado-Maior da R. M. A. e posteriormente segundo-comandante da mesma região (1965-1967). De 1967 a 1969 foi director do Serviço de Pessoal e era agora ajudante-general do Exército.

Tem numerosos louvores na sua folha de serviços. Muito condecorado, possui nomeadamente a Ordem Militar de Avis (grande oficial), três medalhas de Serviços Distintos (duas de prata e uma de ouro com palma) e veneras espanholas e brasileiras.

Eng.º PINTO ELISEU
secretário de Estado das Obras Públicas

Natural da Madeira e deputado á Assembleia Nacional na presente legislatura pelo círculo do Funchal, o eng.º José Adolfo Pinto Eliseu concluiu o curso de Engenharia Civil no Instituto Superior Técnico há 28 anos e logo iniciou a sua actividade profissional na Secção de Melhoramentos de Águas e Saneamento da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos. Em 1942 foi chamado ás fileiras do Exército, prestando serviço na arma de Engenharia. Dois anos volvidos ingressava na Repartição de Estudos Hidráulicos da mesma Direcção-Geral, onde foi nomeadamente engenheiro-chefe da Brigada de Estudos do Sistema Cávado-Rabagão

Membro da Missão Técnica dos Aproveitamentos Hidráulicos enviada ao arquipélago dos Açores em meados de 1945, passou depois a exercer as funções de engenheiro-chefe da Brigada de Estudos do Rio Douro, para em Agosto de 1946 tomar posse do lugar de engenheiro civil de terceira classe do quadro permanente da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos. No ano seguinte era designado, em comissão de serviço, engenheiro-adjunto do director-delegado da Comissão Administrativa dos Aproveitamentos Hidráulicos da Madeira, ascendendo á segunda classe em 1952 e á primeira classe em 1960. De 1953 até hoje foi director-delegado daquela comissão administrativa.

Em Janeiro de 1963 foi designado, por despacho do ministro do Ultramar, para assistir ao grupo de trabalho encarregado de proceder ao estudo e elaborar os projectos da regulamentação do arrendamento da propriedade rustica e das obras de fomento hidroagrícola em Cabo Verde, e em Outubro de 1965, integrado na representação portuguesa, participou na visita a Espanha do Grupo de Trabalho para o Estudo da Electrificação Rural do «Comité» de Energia Eléctrica da Comissão Económica para a Europa. No ano seguinte participava, como elemento da comissão portuguesa, na IV Reunião Regional do Grupo Europeu da CIID.

O eng.º Pinto Eliseu é engenheiro civil chefe do quadro da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos desde Setembro de 1968. Eleito procurador á Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal para o quadriénio 1955-1958, foi sucessivamente reeleito. Muitos louvores constam da sua folha de serviço. É condecorado com as comendas das Ordens Militar de Cristo e do Infante D. Henrique.

Eng.º OLIVEIRA MARTINS
secretário de Estado das Comunicações e Transportes

O novo secretário de Estado das Comunicações e Transportes, eng.º João Maria de Oliveira Martins, entra para o Governo depois de uma carreira técnica e administrativa feita fundamentalmente na C. P., onde era desde há pouco administrador director-geral.

Natural de Esposende, tem 35 anos de idade. Estudou em Braga (liceu) e no Porto (Faculdade de Engenharia), aqui se licenciando em Engenharia Civil com 17 valores e a obtenção de quase todos os prémios escolares do seu curso

A carreira profissional iniciou-a na Administração-Geral dos Portos do Douro e Leixões, como engenheiro, de onde veio para o Gabinete do então ministro das Comunicações, eng.º Carlos Ribeiro. Em Junho de 1963 passou a exercer as funções de administrador da C. P

O eng.º Oliveira Martins foi também, de Abril de 1966 a Dezembro de 1967, vogal do Conselho Directivo do Gabinete de Estudos e Planeamento dos Transportes Terrestres, e desde 1964 fazia parte da delegação portuguesa á Conferência Europeia dos Ministros dos Transportes, em cujos trabalhos participou activamente, nos comités da política geral de transportes e dos caminhos-de-ferro, tendo presidido, neste ultimo, ao grupo de relatores sobre o serviço publico ferroviário.

Representante do ministro das Comunicações na Comissão de Financiamento da Ponte sobre o Tejo, presidiu ainda á Comissão de Estudo dos Transportes Colectivos da mesma ponte Era vogal do Conselho Superior dos Transportes Terrestres e do Conselho Geral da Corporação dos Transportes e Turismo, tendo sido recentemente eleito, por este Conselho como procurador á Camara Corporativa.

Dr. Alexandre Vaz Pinto

Comandante Sacramento Monteiro

Dr. Martins dos Santos

Dr. Justino Mendes de Almeida

Prof. GONÇALVES FERREIRA
secretário de Estado da Saúde e Assistência

Vem de Moçambique, onde era há quinze meses secretário provincial de Saúde, Trabalho, Previdência e Assistência, o novo secretário de Estado da Saude e Assistência, prof. Francisco Gonçalves Ferreira, de 57 anos de idade, natural de Dornelas, Aguiar da Beira.

Licenciado em Medicina pela Universidade de Coimbra (1936) com 19 valores, aqui se doutorou oito anos depois. Possui os cursos de Fisiologia Social, Medicina Sanitária, Medicina Tropical e Climatologia e Hidrologia.

Na Faculdade de Medicina de Coimbra, foi assistente da cadeira de Higiene e Epidemiologia, professor do curso de Medicina Sanitária e primeiro-assistente de Higiene e Epidemiologia. Bolseiro do Instituto de Alta Cultura para assuntos de nutrição, em França (1951), foi médico nutricionista e director da delegação no Porto do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge e director deste organismo. Foi também, professor da Escola Nacional de Saúde Publica e de Medicina Tropical.

O prof. Gonçalves Ferreira fez parte da comissão de instalação do Laboratório de Análises Clínicas do Hospital de Santa Maria, da comissão de estudo e plano de instalação do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge e do grupo de estudo do projecto da Escola Nacional de Saude Publica. Colaborou no programa de Planificação Social e Sanitária do Ultramar e foi membro do Conselho de Orientação Pedagógica da Escola de Enfermagem de Saude Publica. Representou o Ministério da Saude e Assistência na Comissão de Coordenação para a Investigação Científica e Tecnológica, fez parte do juri de selecção dos professores da Escola Nacional de Saude Publica e representou, ainda, o Ministério da Saude na execução do III Plano de Fomento.

Autor de muitos trabalhos científicos da sua especialidade, o prof. Gonçalves Ferreira visitou vários serviços universitários e de Saude Publica em Espanha, França, Itália, Jugoslávia, Alemanha, Polónia, Bélgica, Holanda e Inglaterra, e é membro de diversas sociedades científicas, nomeadamente a Société Scientifique d'Hygiéne Alimentaire e a Royal Society of Health.

Comandante SACRAMENTO MONTEIRO
subsecretário de Estado da Administração Ultramarina

O novo subsecretário de Estado da Administração Ultramarina, capitão-de-fragata Leão Maria Tavares Rosado do Sacramento Monteiro, completou anteontem 50 anos de idade e entra para o Governo vindo de Cabo Verde, onde era governador desde Novembro de 1962 (reconduzido em Novembro de 1966).

Promovido sucessivamente a guarda-marinha (1942), se-

(Continua na pág. seguinte)

Cinco dos actuais ministros pertenciam já ao Governo do Presidente Salazar

O novo Governo da presidência do prof. Marcello Caetano compõe-se apenas de dez ministros, numero espectacularmente reduzido que se não verificava já há longos anos. Isto resultou da anunciada concentração, nas mãos do mesmo ministro, de pastas até aqui separadas, como é o caso da Defesa Nacional e Exército, Obras Publicas e Comunicações, Corporações e Saúde.

Desses dez ministros, cinco pertenciam já ao último Gabinete do Presidente Salazar: o dr. António Manuel Gonçalves Rapazote, ministro do Interior; o prof. Mário Julio Brito de Almeida Costa, ministro da Justiça; o dr. João Augusto Dias Rosas, ministro das Finanças e Economia; o almirante Manuel Pereira Crespo, ministro da Marinha; e o prof. Joaquim Moreira da Silva Cunha, ministro do Ultramar.

OS NOVOS MEMBROS DO GOVERNO

(Continuação da pág. anterior)

gundo-tenente (1943), primeiro-tenente (1953), capitão-tenente (1959) e capitão-de-fragata (1966), foi capitão dos portos de Timor de 1950 a 1955, comandante dos N. R. P. «Salvador Correia», «Príncipe», «Sal» e «Santa Luzia», e ajudante-de-campo do ministro da Marinha de 1959 a 1962, tendo desempenhado interinamente, entre Junho e Dezembro de 1960, as funções de seu chefe de gabinete.

Possui vários louvores na sua folha de serviço e é condecorado com a medalha de Mérito Militar (2.ª classe), comendas das Ordens Militar de Avis e do Infante D. Henrique, grande oficialato da Ordem do Império, cruz de Mérito Naval de 2.ª classe (com distintivo branco), de Espanha e oficialato da Ordem de Mérito Naval do Brasil. É ainda cavaleiro da Legião de Honra de França.

DR. MARTINS DOS SANTOS
subsecretário de Estado do Fomento Ultramarino

Natural de Lisboa, o dr. Rui Jorgé Martins dos Santos, de 36 anos de idade, é licenciado em Economia pelo I. S. C. E. F. e acumulava neste momento, ao entrar para o Governo como subsecretário de Estado do Fomento Ultramarino, os lugares de director dos Serviços de Estudos Económicos do Banco de Fomento Nacional (departamento de que fora subdirector e onde fez quase toda a sua carreira de técnico) e de auditor da Secretaria-Geral da Assembleia Nacional e da Camara Corporativa.

A sua licenciatura (1958) fê-la o dr. Martins dos Santos com a mais alta classificação do curso, tendo então obtido, entre outros galardões escolares, o Prémio Henrique de Mendonça. Frequentou posteriormente o curso de Altos Estudos Ultramarinos, que interrompeu por ter sido convidado para assistente do I. S. C. E. F., onde regeu a cadeira de Economia II.

Entre outros lugares exerceu os de colaborador da Associação Industrial Portuguesa e vogal do Grupo de Trabalho n.º 5 (Energia) da Comissão Interministerial de Planeamento e Integração Económica, membro de delegações portuguesas a algumas reuniões internacionais (nomeadamente das Comissões Económicas para a África e para a Europa, das Nações Unidas, e da Assembleia Geral da mesma organização), e vogal do Grupo de Trabalho para o Zambeze, do Ministério do Ultramar, participando a esse nível na apreciação das propostas do concurso para a execução do empreendimento de Cabora-Bassa e mais tarde em negociações com a África do Sul e o adjudicatário da obra para a celebração dos respectivos acordos e contratos. Conhece todos os territórios portugueses de África e chefiou temporàriamente a delegação do Banco de Fomento em Moçambique.

Autor de livros e artigos sobre temas económicos, sobretudo africanos, tem participado em vários colóquios, seminários e jornadas de estudo, e é membro da Sociedade de Geografia de Lisboa.

DR. AUGUSTO DE ATAÍDE
subsecretário de Estado da Juventude e Desportos

O dr. Augusto de Ataíde Soares d'Albergaria, novo subsecretário de Estado da Juventude e Desportos, tem 28 anos. Há três meses fora contratado como segundo-assistente de Direito Administrativo da Faculdade de Direito de Lisboa depois de exercer idênticas funções no I. S. C. E. F.

Natural de Ponta Delgada, licenciou-se em Direito pela Universidade de Lisboa (1964) e completou ali seguidamente o Curso Complementar de Ciências Políticas e Económicos com a classificação de 17 valores, encetando então a carreira docente: segundo-assistente do I. S. C. E. F., onde a partir de 1967 regeu a cadeira de Direito Constitucional e Direito Administrativo e a partir de 1968 também a de Direito Internacional Publico, e posteriormente segundo-assistente da Faculdade de Direito de Lisboa.

Deve-se ao dr. Augusto de Ataíde o primeiro estudo global do regime jurídico da intervenção publica na Economia feito no nosso País, resultado, aliás, das suas lições de Direito Administrativo no I. S. C. E. F., que o levaram a apresentar um programa de reforma do ensino da cadeira a economistas. Antigo consultor jurídico do Gabinete do Ministro da Economia, participante do estudo sobre agricultura portuguesa encomendado pela Sacor ao Stanford Research Institute (Califórnia), membro fundador da associação internacional de juventude CERI, é colaborador da *Enciclopédia Verbo* e membro do Instituto Português de Ciências Administrativas.

DR. ALEXANDRE VAZ PINTO
subsecretário do Comércio

Tem 30 anos o dr. Alexandre de Azeredo Vaz Pinto, que era desde Setembro de 1968 director do Banco Nacional Ultramarino e entra para o Governo como subsecretário de Estado do Comércio. Natural de Espinho, licenciou-se em Economia pelo I. S. C. E. F. (1961) e foi, durante a sua vida escolar, dirigente associativo no mesmo I. S. C. E. F. e dirigente da J. U. C.

Antigo técnico da Divisão de Economia Industrial do I. N. I. I. (colaborou ali na construção da primeira matriz portuguesa de Relações Internacionais), esteve também ligado á preparação e elaboração de Planos le Fomento, nomeadamente do terceiro, ao nível do Secretariado Técnico da Prsidência do Conselho, e foi ainda técnico da Corporação da Industria e consultor da Corporação de Transportes e Turismo.

No sector privado a Companhia Portuguesa de Petróleos BP contou com ele como membro do seu serviço de Planeamento e mais tarde como chefe da Divisão de Estudos e Coordenação.

Dr. Augusto de Ataíde

Dr Nogueira de Brito

Definição legal da competência dos secretários e subsecretários

Foi enviado ao «Diário do Governo» o seguinte diploma para ser publicado simultaneamente com os referentes á remodelação ministerial:

A necessidade de adaptar a organica do Governo ás exigências de maior celeridade e rendimento da administração publica aconselha a pôr de lado a rigidez da fixação do numero dos departamentos ministeriais.

Torna-se sobretudo indispensável que a especialização das funções no Governo não prejudique a coordenação eficaz nem crie obstáculos á resolução pronta e á execução imediata.

A passagem, porém, de estruturas antigas para outras novas deve ser feita sem sobressalto, sem improvisos nem precipitações. Por isso se julga mais conveniente adoptar fórmulas transitórias flexíveis e a tal se destina o presente diploma.

Nestes termos:

Usando da faculdade conferida pela 1.ª parte do n.º 2.º do artigo 109.º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º — 1. Quando um ministro seja nomeado para gerir cumulativamente dois ou mais departamentos ministeriais poderá encarregar-se do despacho de um ou mais dos departamentos acumulados, com o auxílio de subsecretários de Estado, ou confiá-lo a secretários de Estado, que serão, se necessário, coadjuvados por subsecretários de Estado.

2. Havendo secretários de Estado, incumbe ao ministro definir, de acordo com o Presidente do Conselho, a política comum, coordenar a acção por eles desenvolvida e referendar os decretos-leis dos ministérios a seu cargo.

3. Os secretários de Estado têm competência para referendar decretos e alvarás expedidos dentro das suas atribuições.

Art.º 2.º — Não estando provido o lugar de Ministro de Estado adjunto do Presidente do Conselho, poderá ser nomeado um subsecretário de Estado com a competência que nele for delegada pelo Presidente.

Art.º 3.º — 1. A presidência dos conselhos restritos de ministros será exercida, nas faltas e impedimentos do Presidente do Conselho, pelo Ministro que este designar.

2. Nos casos em que o Presidente do Conselho se ache temporàriamente impedido de exercer as funções do seu cargo, a sua substituição compete ao Ministro que ele propuser ao Presidente da Republica ou, quando não haja sido formulada a proposta, ao que para tal efeito for designado pelo Chefe do Estado.

Art.º 4.º — 1. O Presidente do Conselho designará quais os membros do Governo que devem ser convocados para o Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos e outros conselhos restritos.

2. O Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos pode delegar no Presidente do Conselho ou, sob proposta deste em qualquer dos Ministros que dele façam parte, a competência para a resolução de assuntos correntes de administração publica que por lei lhe seja cometida.

Art.º 5.º — 1. Quando um Ministro tenha a seu cargo a gerência de dois ou mais departamentos ministeriais, receberá os seus vencimentos pela dotação orçamental do que tiver prioridade no Orçamento Geral do Estado, sem direito a qualquer abono por virtude da acumulação.

2. Os secretários de Estado nomeados nos termos do artigo 1.º serão abonados pela verba destinada ao Ministro do departamento ministerial, quando esta se ache disponível; não havendo verba disponível, serão pagos por conta de dotação a inscrever na Presidência do Conselho sob a rubrica — «Para pagamento a membros do Governo e pessoal dos seus gabinetes, cujos cargos não estejam incluídos nas tabelas respectivas».

3. Da mesma forma se procederá quanto aos subsecretários de Estado cujos lugares não estejam especialmente dotados no Orçamento Geral do Estado.

Art.º 6.º — Este decreto-lei entra imediatamente em vigor.

A criação da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Japonesa

Em seguimento das diligências que o Banco Português do Atlântico e o Banco Nacional Ultramarino têm vindo a efectuar para a constituição da Camara de Comércio e Industria Luso-Japonesa, realiza-se, hoje ao fim da tarde, uma reunião de trabalhos, na Associação Comercial de Lisboa, presidida pelo sr. prof. Cruz Vidal, presidente daquela Associação A reunião servirá para se prestarem esclarecimentos sobre diversos pontos relativos á elaboração e aplicação dos estatutos daquela Camara de Comércio e Industria, á designação da respectiva comissão organizadora, etc.

PAGAMENTO DE PROPINAS

O pagamento da segunda prestação de propinas de inscrição e de indemnização por trabalhos relativos ao ano lectivo de 1969-70 será efectuado nos dias a seguir indicados, neste mês, na secretaria da Universidade de Lisboa: Faculdades de Letras, 19 e 22; de Direito, 22 e 23; de Medicina, 26 a 28; de Farmácia, 29 e 30.

As propinas dos alunos da Faculdade de Ciências podem ser pagas nos dias 19 a 24, na secretaria daquela Faculdade.

FRANCISCO LUÍS GOMES

Foi adiada para data a marcar oportunamente a sessão de homenagem á memória do sábio Francisco Luís Gomes, cujo centenário este ano se comemora, a qual estava anunciada para esta noite, na Sociedade de Geografia.

O CRIME DE MORTE NA CIDADE UNIVERSITÁRIA

Deve terminar hoje o julgamento do caso do crime de morte praticado há 15 meses nos terrenos da Cidade Universitária, de que foi vítima o ajudante de motorista Salvador dos Santos Ginjeira, de 44 anos. A sentença será conhecida provàvelmente ao princípio da noite.

Julgado no II Tribunal Militar Territorial (Santa Clara), o processo, movido contra o antigo agente de uma corporação policial — e ajudante de motorista, como a vítima — Belchior Monforte de Pinho, um trasmontano de 36 anos, continuou esta tarde com a audição de dois declarantes a requerimento do dr. Varela Cid, patrono do arguido. Seguem-se, ao fim da tarde, as alegações, reunindo depois o tribunal para deliberar.

TRIBUNAIS

No 2.º Juizo Criminal da Boa-Hora, sob a presidência do corregedor dr. Lopes de Melo, tendo como acessores os juízes drs. Augusto Pais de Almeida e Silva e Angélico de Carvalho e representante do Ministério Público o dr. Antero Dinis, prosseguiu ontem à tarde o julgamento dos 23 arguidos no caso do assalto á filial do Banco de Portugal na Figueira da Foz, ocorrido em 17 de Maio de 1967.

Na audiência de ontem, que se prolongou por mais de quatro horas, foram ouvidos os réus que ainda o não tinham sido: Luís Teixeira, António Sousa Cunha, Domingos Veigas, Aníbal Queiroga Pires e Joaquim da Silva Ramos. Foram também lidas as declarações prestadas por estes arguidos na Polícia Judiciária, tendo alguns deles aclarado ou rectificado alguns pontos dessas declarações.

Intervieram na sessão de ontem o dr. Mário Pais de Sousa, patrono do Banco de Portugal, assistente no processo, e os advogados de defesa drs. Correia do Amaral, Vasco da Gama Fernandes, Joaquim Mestre, António de Sousa e José Carlos de Vasconcelos.

O julgamento continua amanhã, às 14 horas, devendo ser ouvidas as testemunhas de acusação.

VENDEDORES DE AUTOMÓVEIS REUNIDOS EM ASSEMBLEIA

Arrastam-se há 13 anos (começaram em 1957) as diligências empreendidas pelo Sindicato Nacional dos Caixeiros do Distrito de Lisboa, no sentido de celebrar, com o Grémio dos Importadores, Agentes e Vendedores de Automóveis e Acessórios do Sul, um contrato colectivo de trabalho que defenda os direitos dos vendedores de automóveis.

Entretanto, o ministro das Corporações determinou que o contrato colectivo de trabalho em vigor entre diversos sindicatos e o Grémio dos Importadores, Agentes e Vendedores de Automóveis e Acessórios do Norte, fosse extensivo ás empresas filiadas no Grémio do Sul, sòmente com a ressalva de que a cláusula 29.ª desse contrato ficaria temporàriamente suspensa de obrigatoriedade, embora a respectiva concessão fosse recomendada ás entidades patronais.

Sucessivas duvidas na aplicação do referido contrato têm obrigado á intervenção da Comissão Corporativa Central. Agora soube-se que existe no Ministério das Corporações um novo parecer emanado da Comissão Corporativa Central, o qual estabelece dois sentidos de acordo com a sua citação em duas cláusulas diferentes do contrato colectivo, para o termo «ordenado». Aguarda-se despacho sobre esse parecer, que, a ser homologado, viria legitimar uma situação menos justa. Atenta aos interesses dos seus associados, a direcção do Sindicato Nacional dos Caixeiros do Distrito de Lisboa está preparando a convocação, tão rápida quanto possível (dado que o referido parecer pode ser homologado, entretanto, por despacho oficial), de uma assembleia geral extraordinária para debater o instante assunto.

A minha preocupação foi adaptar a estrutura do Governo à situação presente

explicou o Presidente do Conselho na sua comunicação ao País

É do seguinte teor a comunicação ontem dirigida ao País pelo Presidente do Conselho, prof. dr Marcello Caetano:

«Acaba de ser anunciada uma remodelação ministerial. Quero explicar as razões a que obedeceu.

Não se trata de substituir pessoas. Todos os ministros que saem serviram no Governo com grande dedicação e competência e em íntima comunhão com o seu chefe.

Devo mesmo dizer publicamente que poucas vezes terá havido neste País um Ministério tão unido nos seus propósitos e tão vivamente animado todo ele de espírito de colaboração e de desejo de eficiência.

Então por que se fez a mudança?

Não foi também para satisfazer o gosto de certas pessoas para quem a vida política é uma constante agitação e mutação. A política tem de se destinar fundamentalmente a encontrar as fórmulas e soluções que permitam servir o País o melhor possível. E a maior parte do trabalho que ela implica para ser honesto e profícuo, tem de ser contínuo, persistente e em grande parte discreto. Faz-se em ligação permanente com a administração. Traduz-se na resolução, dia a dia, hora a hora, dos problemas, das dificuldades, dos acidentes que inevitàvelmente surgem na existência de uma Nação. Há que perscrutar amplos horizontes no tempo e no espaço, que prever com largueza, que planear com arrojo, há que fazer opções difíceis que empenham o papel de Portugal no Mundo e o futuro dos Portugueses, mas tudo isto a par de mil casos concretos que de todo o lado surgem, coisas pequenas, por vezes, para quem decide, mas essenciais para quem as pretende e cujo despacho foram rimas de papéis nas repartições que informam e sobre a mesa dos ministros que resolvem.

Isto é o Governo, e por muito boa vontade que se tenha, por muito afinco que se ponha no trabalho, por muita diligência com que se ande, nunca se conseguirá estancar a torrente de assuntos que continuamente cai sobre o Estado, nem evitar que essa torrente engrosse cada vez mais.

Ora a minha preocupação, a preocupação das pessoas que sobre estes problemas se têm debruçado e que eu ouvi, é a de adaptar a estrutura do Governo á situação presente, de modo a permitir uma acção cada vez mais pronta e eficaz, sem perda da reflexão e do estudo imprescindíveis e sem comprometimento da unidade de orientação indispensável.

Para caminharmos mais depressa nos domínios da acção social e, particularmente, na assistência na doença a toda a população, reuniram-se os dois Ministérios das Corporações e da Saúde. A Previdência corporativa fez nos últimos anos enormes progressos em todos os domínios a que foi sendo estendida, e entre eles no da habitação económica e no do seguro contra a doença. Seria injusto não pôr em destaque o papel desempenhado nesta grande obra pelo dr. Gonçalves de Proença. Mas a cada passo se apontava a necessidade de melhor coordenação entre a acção médico-social da Previdência e a dos serviços sanitários e assistenciais dependentes do Ministério da Saúde. A unidade de comando espera-se que permita melhor aproveitamento de recursos financeiros, maior rendimento das instalações existentes, mais profícuo emprego do pessoal. E que tudo redunde em proveito do público, sindicalizado ou não, pois é ao público que se destina o nosso esforço, é para benefício do público que os serviços têm de trabalhar cada vez melhor.

Quanto às casas económicas, a recente criação do Fundo de Fomento de Habitação já se destinou a coordenar e disciplinar aquilo que estava em marcha, ampliando as realizações, pela concentração e pelo reforço dos recursos a tal destinado. Esperamos que dentro em pouco se comecem a ver os frutos desta nova orgânica, que será levada até onde as necessidades aconselharem para que cheguemos o mais breve possível a um ritmo satisfatório de realizações em matéria de habitação e urbanismo.

«Temos de nos ocupar agora especialmente do ensino superior»

Refiro-me, por fim, a um ponto que todos sabem estar na primeira linha das minhas preocupações: a educação. Também aqui temos uma batalha travada. Uma grande batalha, que tem de ser combatida com ardor e ganha com honra. Desde que vim para o Governo nela me tenho empenhado, e para ela encontrei o mesmo entusiasmo da parte dos colaboradores que têm trabalhado comigo. Aqui as dificuldades são múltiplas, porque aos defeitos das estruturas, ás carências que não podemos remediar de um dia para o outro, se juntam estados de rebeldia ou de inconformismo e, em certos sectores, mesmo de obstrução sistemática, que dificultam a acção dos governantes.

Tem sido feito um esforço muito grande em todos os graus do ensino, esforço que importa desenvolver ainda mais. Mas temos de nos ocupar agora particularmente do ensino superior, onde se forma o escol do País, donde saem os mestres do ensino secundário e médio, donde deve brotar orientação para toda a pedagogia escolar e, até, para a obra de educação permanente que importa lançar e manter.

E eis aqui como, homens desejosos de paz, estamos a falar uma linguagem de guerra. O Governo reorganizou-se para lutar mais eficazmente nas várias frentes de combate a que tem de atender. As frentes da defesa militar no Ultramar. As frentes do desenvolvimento económico. A frente da luta contra a inflação. A frente da melhoria das condições sociais do povo português. E a da grande, urgente e decisiva batalha da educação.

É um povo inteiro que tem de ganhar estes combates. E para isso temos de nos mobilizar com espírito de acção que remove montanhas e a resoluta vontade de arrancar uma vitória total.»

«É dentro do conjunto da reforma administrativa que a remodelação (das estruturas do Governo) há-de fazer-se»

Para andarmos depressa, e bem, torna-se necessário facilitar as ligações entre serviços que tenham de actuar harmónicamente, eliminando ou reduzindo zonas de atrito, procurando suprimir divergências ou sobreposições, abrindo largos canais de comunicação horizontal, facilitando a coordenação dos esforços e o concerto das actividades.

Foi por isso que depois de, há meses, ter reunido as pastas das Finanças e da Economia, agora dei um passo adiante, juntando o Exército á Defesa Nacional, as Comunicações ás Obras Públicas e a Saúde e Assistência ás Corporações e Previdência Social.

Pode observar-se que esse passo é tímido, uma vez que me limitei a reunir dois Ministérios na pessoa de um mesmo ministro, deixando intactas as estruturas antigas.

Fi-lo muito pensadamente. Talvez, na verdade, se desejasse que fosse anunciada desde já a criação, por exemplo, do Ministério da Coordenação Económica, do Ministério do Equipamento e Transportes ou do Ministério dos Assuntos Sociais.

Em meu entender a remodelação das estruturas exige estudo aprofundado e cuidadoso, para não ser precipitada e não originar embaraços muito maiores do que os actuais, frustrando por completo a simplificação almejada.

É dentro do conjunto da reforma administrativa que essa remodelação há-de fazer-se, com o impulso dos actuais ministros coordenadores e implicando transformação de órgãos, de quadros, de métodos e de processos de trabalho.

Uma tarefa enorme que vai agora começar, apenas, e há-de demorar algum tempo para se poder observar atentamente a experiência em curso, mas sem descansos, nem vagares.

E esta reorganização de estruturas administrativas não pode também fazer esperar, pelo contrário, tem de ser factor de aceleração da obra em que o Governo está empenhado.

Em primeiro lugar, a Defesa Nacional, na qual se encontram envolvidos muitos milhares de homens, quadros preciosos, e recursos materiais tão avultados, e que é sobretudo vontade tenaz de levar a cabo a missão de valorização da terra e da gente do Ultramar, protegendo-as nos planos diplomático e militar das ameaças que perturbam a paz, ceifam vidas e comprometem o trabalho criador.

Depois, o fomento económico que tem as suas linhas mestras traçadas no Plano que estamos a executar. A ofensiva para incrementar a riqueza nacional está lançada, com desafio á iniciativa privada para que invista capitais inactivos em industrias produtivas e com a afirmação do propósito do Estado de avançar resolutamente nos campos onde a sua presença se torne necessária.

Esta política de desenvolvimento económico, implicando o estímulo dos sectores deprimidos e das regiões atrasadas, tem o perigo de animar a inflação.

«A melhoria de nível de vida só é efectiva quando a mais salário ocrresponde maior poder de compra»

A inflação, como se sabe, traduz-se na alta contínua dos preços, devida em grande parte á abundância de dinheiro no mercado relativamente á quantidade dos bens e das aplicações disponíveis. Se há mais dinheiro do que coisas a comprar, o preço destas tende a subir.

O Governo está plenamente consciente deste perigo, alimentado em grande parte pelas remessas dos emigrantes e pelas despesas feitas aqui pelos turistas. E está disposto a fazer-lhe face. Em grande parte a alta de certos preços e o aumento de tarifas dos ultimos tempos tem sido resultante de compromissos anteriormente tomados para reequipamento de serviços, e de altas de salários que não foi possível travar por mais tempo. Mas já aqui chamei a atenção, uma vez, para a ilusão que é aumentar salários por causa da subida dos preços, a qual por sua vez continua porque aumentaram os salários. Se deixamos este «ciclo infernal» estabelecer-se não sabemos aonde iremos parar.

A melhoria de nível de vida só é efectiva quando a mais salário corresponde maior poder de compra. Se os preços sobem, essa melhoria não existe. Mas temos todos de colaborar na travagem inadiável do ciclo: governantes, empresários, trabalhadores. Senão é o País inteiro que a breve trecho sentirá os efeitos perniciosos de uma economia envenenada e de uma situação social deteriorada.

Temos de nos convencer, por outro lado, de que um País só enriquece produzindo valores. E o incremento da produção depende do bom emprego do capital, da utilização das melhores técnicas e do trabalho afincado. Sem trabalho qualificado e consciencioso não há riqueza, e sem riqueza não há prosperidade individual e colectiva. São verdades simples que importa repetir constantemente e ter bem presentes, sobretudo neste tempo em que tantas pessoas exigem da colectividade a satisfação imediata de muitos direitos, como se os recursos caíssem do céu, sem pensarem na correspondente obrigação de cumprir deveres.

A constituição do novo Governo

PRESIDENTE DO CONSELHO — Prof. dr. Marcello Caetano

MINISTROS:

DEFESA NACIONAL E EXÉRCITO — General Sá Viana Rebelo

INTERIOR — Dr. António Gonçalves Rapazote

JUSTIÇA — Prof. dr. Mário Júlio de Almeida Costa

FINANÇAS E ECONOMIA — Dr. João Augusto Dias Rosas

MARINHA — Contra-almirante Manuel Pereira Crespo

ESTRANGEIROS — Dr. Rui Manuel Patrício

OBRAS PÚBLICAS E COMUNICAÇÕES — Eng.º Rui da Silva Sanches

ULTRAMAR — Prof. dr. Joaquim da Silva Cunha

EDUCAÇÃO NACIONAL — Prof. dr. José Veiga Simão

CORPORAÇÕES E PREVIDÊNCIA SOCIAL E DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA — Dr. Baltasar Rebelo de Sousa

SECRETÁRIOS DE ESTADO:

INFORMAÇÃO E TURISMO — Dr. César Moreira Baptista

AERONAUTICA — Brigadeiro José Pereira do Nascimento

EXÉRCITO — General José de Oliveira Vitoriano

TESOURO — Dr. João da Costa André

ORÇAMENTO — Dr. Augusto Vítor Coelho

AGRICULTURA — Eng.º agrón. Vasco Leónidas

COMÉRCIO — Dr. Valentim Xavier Pintado

INDÚSTRIA — Eng.º Rogério Martins

OBRAS PÚBLICAS — Eng.º José Pinto Eliseu

COMUNICAÇÕES E TRANSPORTES — Eng.º João de Oliveira Martins

TRABALHO E PREVIDÊNCIA — Dr. Joaquim da Silva Pinto

SAÚDE E ASSISTÊNCIA — Prof. Francisco Gonçalves Ferreira

SUBSECRETÁRIOS DE ESTADO:

PLANEAMENTO ECONÓMICO — Dr. João Maurício Salgueiro

COMÉRCIO — Dr. Alexandre Vaz Pinto

ADMINISTRAÇÃO ULTRAMARINA — Comandante Sacramento Monteiro

FOMENTO ULTRAMARINO — Dr. Rui Martins dos Santos

ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR — Dr. Justino Mendes de Almeida

JUVENTUDE E DESPORTOS — Dr. Augusto de Ataíde

TRABALHO E PREVIDÊNCIA — Dr. Luís Nogueira de Brito

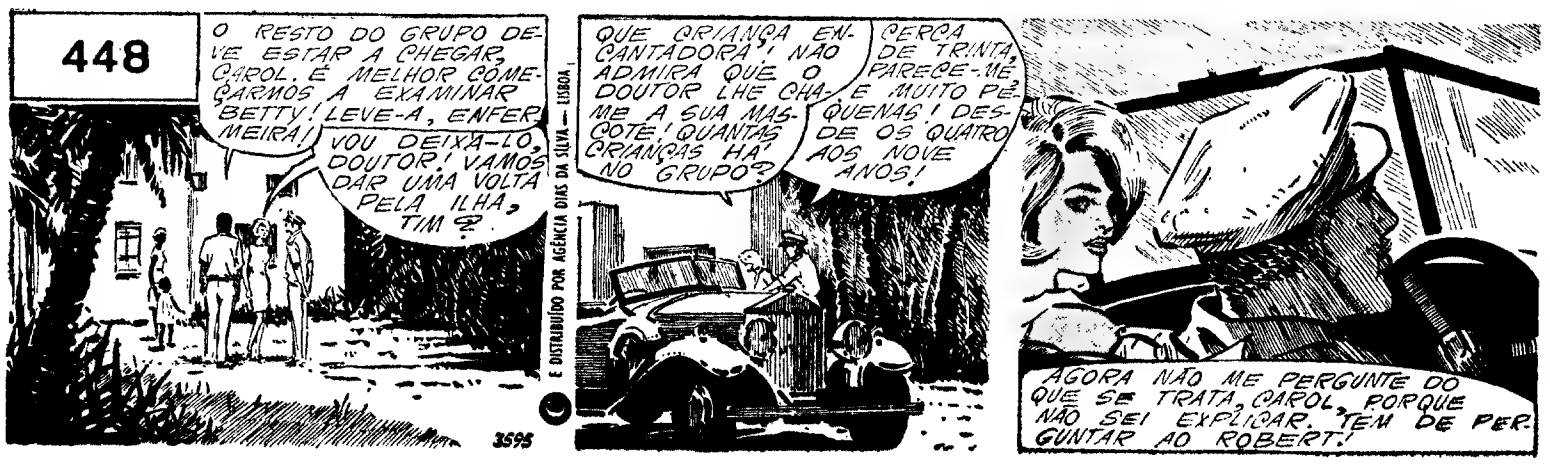
Concurso para o hino da Liga dos Combatentes

Está aberto concurso para a letra do «Hino da Liga dos Combatentes».

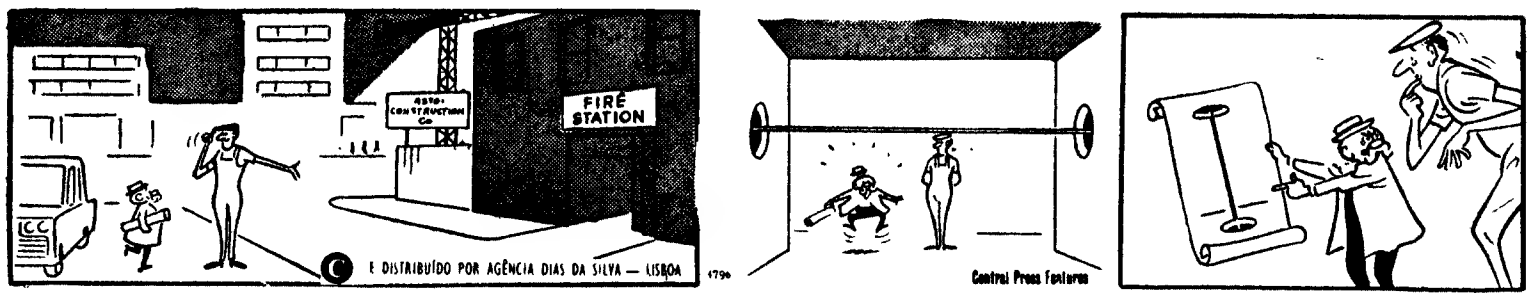
Os trabalhos devem ser entregues na secretaria-geral da Liga dos Combatentes, Rua João Pereira da Rosa, 18, até 10 de Fevereiro.

Os Peanuts

Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 15 de Janeiro de 1940 publicava:

«Segundo se lê em «Paris Soir», um soldado britânico, que faz serviço em França como agente de ligação, escreveu ao «maire» adjunto de Twickenham, pedindo-lhe que anunciasse as meninas da mesma idade — ele 22 anos — a sua intenção de se casar breve. Satisfez-lhe o desejo. As pretendentes surgiram em chusma, de mãos no ar:

«— A mim. A mim!..

«Abundam principalmente operárias, dactilógrafas e caixeiras.»

Condenado em 16 anos por homicídio

SETÚBAL, 15 — Foi condenado na pena de 16 anos de prisão maior Joaquim Ascenso Salvador, de 38 anos, julgado pelo crime de homicídio voluntário na pessoa de Albino Manuel Chaupana, de 39 anos.

O caso agora julgado ocorreu em 27 de Setembro do ano passado e teve origem numa discussão entre o acusado e a vítima por causa de um cão pertencente ao segundo. O acusado agrediu a vítima com uma pequena navalha, provocando-lhe graves ferimentos dos quais sobreveio a morte, apesar de o próprio Joaquim Salvador ter providenciado para que o ferido fosse conduzido ao hospital.

Presidiu a tribunal o juiz corregedor dr. José dos Santos Silva.

Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5417

HORIZONTAIS: 1 — Gostar muito de. Acatava. 2 — Pondo forro em. Escarnecem. 3 — Irregular (abrev.). Faleça. 4 — Lavrai. Cousa muito molhada. 5 — Nome de mulher. Invulgares. 6 — Para barlavento. Vê. 7 — Diz-se de uma espécie de sardinha (S. Tomé). Aguçam. 8 — Combina. Apertam molhos. 9 — Conjugação. Arpoam. 10 — Entrada dum bosque. Torno de madeira. 11 — Membros de aves. Fecharam as asas para descer mais depressa.

VERTICAIS: 1 — Aguçam. Entorta as pernas. 2 — Deixe de viver. Içais. 3 — Dar urros. Troça. 4 — Atmosfera. Uma das ilhas Jónias. Campeão. 5 — Preposição e artigo definido. Fileiro. Idem. 6 — Cento e um em romano. Artigo definido. 7 — Maior. Nome de letra. 8 — Os soldados. Cansa. 9 — Encolerizar. Que não é par. 10 — Notar. Olé. Mau cheiro. 11 — Gosta muito de. Preposição. Pedras de moinho.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5416

HORIZONTAIS: 1 — ANTES. Amuam. 2 — Moira. Aarão. 3 — Ata. Sal. Anc. 4 — Ra. Oó. 5 — Arredou. 6 — Matai. Irmão. 7 — Camarotes. 8 — Ol. Sa. 9 — Oro. Que. Aos. 10 — Areou. Lapas. 11 — MORTE. Ocara.

VERTICAIS: 1 — Amaram. Coam. 2 — Nota. Acinro. 3 — Tia. Ata. Aer. 4 — Er. Gramo. Tó. 5 — Sãs. Ria. QUE. 6 — Ave. Riu. 7 — Aal. Dio. Elo. 8 — MÁ. SORTE. AC. 9 — Ura. Ume. Apa. 10 — Aaro. Assoar. 11 — Mocotó. Assa.

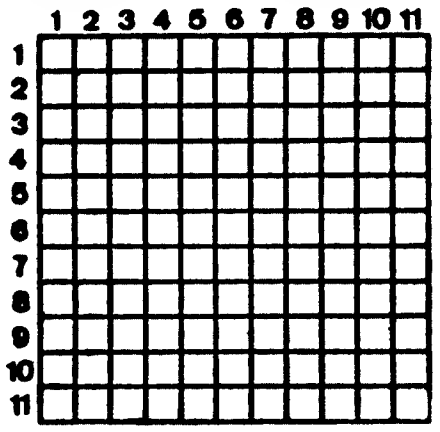
PROVÉRBIO: **Antes morte que má sorte.**

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9260

HORIZONTAIS: 1 — Nome de peixe. Fêmea do bode. 2 — Estrada magnífica que ia de Roma a Brindes. Vozes do mocho. 3 — Agarra (tig.). Nome de uma constelação. 4 — Curvas das abóbadas. Cidade de França. 5 — Tosquia (animais lanígeros). Tragédia de Shakespeare. 6 — Conjunção. Escarneça. Consentimento. 7 — Atmosfera. Instrumento de tortura. Nesse lugar. 8 — Lançara as sementes. 9 — Mamífero desdentado espécie de tatu. O mesmo que ammo. 10 — Cidade do Egipto. Estacionar. 11 — Tostou. Estimara.

VERTICAIS: 1—Cobertura. Mulher feia (Pop.) 2 — Cingir fortemente. Utensílios domésticos. 3 — Traços. Vais para fora. 4 — Freguesia do concelho de Melgaço. Outeiro. 5 — Guarneceram de asas. Alternativa. 6 — Caminharem. 7 — Canção antiga acompanhada de música sentimental. Deus dos pastores. 8 — Afie. Equipam. 9 — Caprichos. Encoleriza. 10—Tocara de leve. Grande quantidade. 11 — Pegas. Consumira (F.g.)



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9259

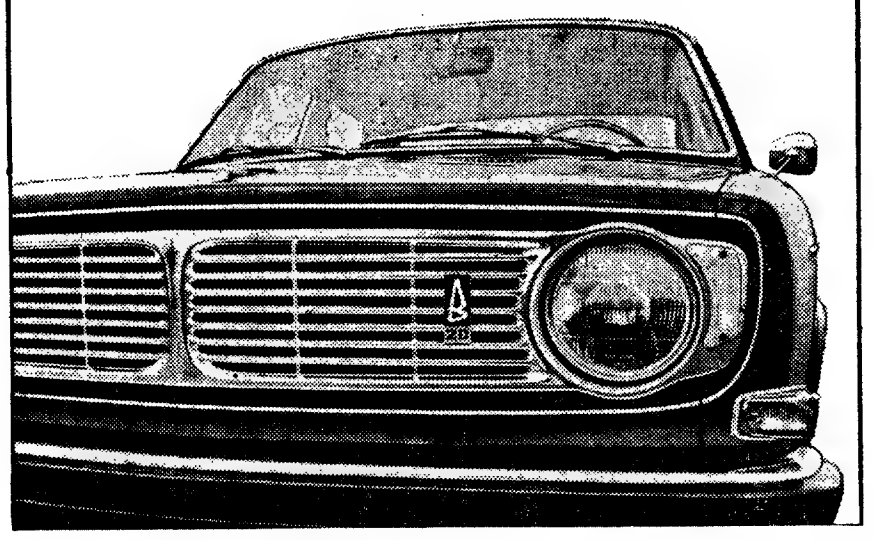
HORIZONTAIS: 1 — Ce. O'aia. Fó. 2 — Alapa. Sinal. 3 — Caber. Crome. 4 — Asara. Aarão. 5 — Ta. Sá. 6 — Ba. Sem. Sá. 7 — Cá. Peras. Mó. 8 — Armar. Solar. 9 — Irás. Lava. 10 — Dam. Meu. Par. 11 — Arame. Trama.

VERTICAIS: 1 — Caçar. Caída. 2 — Elas. Barrar. 3 — Abala. Mama. 4 — Opera. Pás. 5 — Lara. Ser. Me. 6 — Ter. Pé. 7 — Isca. Mas. Ut. 8 — Airas. Sol. 9 — Naras. Lapa. 10 — Fama. Amavam. 11 — óleos. Orara.

VOLVO 144

O que estará por detrás do novo emblema B 20?

O novo motor de 2 litros.



NOVO MOTOR

B 20 de 2 000 cm3 com pré-aquecimento da admissão de ar e emissão controlada dos gases de escape. Motor com binário de 17 Kgm a 3 500 rpm na versão de 118 HP (B 20B) e de 16,5 Kgm a 3 000 rpm na versão de 90 HP (B 20A). Alto poder de arranque e excelente aceleração em qualquer velocidade, o que o torna excepcionalmente apto a circular em condições de trânsito muito denso. Alternador, carregando a bateria mesmo em regime baixo de rotações, o que aumenta consideravelmente a sua duração e limita ao mínimo o seu desgaste, particularmente no inverno. Novo tipo de estofos que proporcionam um conforto extraordinário. Veja-o examine-o na totalidade dos seus novos pormenores nos AGENTES GERAIS.

AUTO-SUECO, LDA.
PORTO · LISBOA · COIMBRA · LEIRIA
E SEUS AGENTES DISTRITAIS

VOLVO

SALDOS DE ARTIGOS DECORAÇÃO, ESTOFOS, CARPETES e TAPETES

Artigos sem defeito

A PARTIR DE HOJE

GRANDIOSO LOTE

CARPETES, desde 100$00 TAPETES, desde 15$00 TERILENES, desde 10$00 TECIDOS desde 30$00

RAUL NETO, LDA. — Praça da Figueira, 18 - 2.°, c/ elevador (esquina Rua da Prata — Junto ao sinaleiro)

FIAT

A FIAT PORTUGUESA, SARL

tem o prazer de comunicar que nomeou Oficina Autorizada Fiat, a ELECTRO CENTRAL VULCANIZADORA, LDA. nas suas instalações

A Electro Central Vulcanizadora, Lda.

tem o prazer de comunicar que foi nomeada Oficina Autorizada Fiat nas suas instalações

OFICINAS FÉNIX

RUA PALMIRA, 62-A (junto à Igreja dos Anjos)

Telefones 84 41 69-84 81 59-84 41 83

LISBOA

A NECESSIDADE URGENTE

DE ELIMINAR A PASSAGEM DO COMBOIO PELA PARTE BAIXA DA CIDADE FOI POSTA NA REUNIÃO DA CÂMARA DE COIMBRA

COIMBRA, 15

Na reunião da Câmara Municipal, com a presença do vice-presidente e de todos os vereadores, o presidente, sr. eng. Araújo Vieira fez uma larga exposição sobre o problema da passagem do comboio pelo centro da cidade. Referiu-se ao programa de metas, cuja conclusão está prevista para o próximo ano, e no qual estão incluídas algumas das grandes realizações do Município, juntando-se, por necessidade absoluta, a estrada nacional da Bencanta e ainda outras obras na cidade, como por exemplo, as avenidas do Tovim e da Lousã com ligação à Portela, ruas do Cidral e prolongamento da Rua Nicolau Chanterene; e referiu-se ao que será uma cidade de amplas e extensas avenidas, um conjunto universitário de grandes proporções, um centro de desenvolvimento, mas com um comboio atravessando a cidade e uma estação ferroviária a estrangular todo o esforço de muitas gerações, perguntando se valerá a pena este esforço, acentuando que só na Avenida Central serão investidas dezenas de milhar de contos.

Prosseguindo, o sr. eng.° Araújo Vieira disse que ninguém neste país poderá admitir que a situação presente do caminho-de-ferro da Lousã se protele para o futuro, pois Coimbra não é só dos que aqui nasceram ou aqui vivem, mas de todos os que por ali passaram e daqui levaram as melhores recordações da sua vida.

O orador lembrou, ainda, a perturbação permanente que causa a passagem do comboio pela cidade, pois isso, além de tudo o mais impede o seu progresso. Assim, apelava para o Governo e para a C. P., para a resolução do assunto, colaborando a Câmara Municipal na obra conforme puder, adoptando um dos sistemas já previstos para a solução do problema, em três alternativas, a primeira das quais consiste na eliminação pura e simples da linha; desviar-lhe o traçado para o Vale de Coselhas ou estabelecer a passagem subterrânea até à Portela. E apontou as vantagens debatido vivamente. Foi de e as dificuldades relativas a cada uma das soluções referidas.

Outros problemas

Finda a exposição, os vereadores fizeram considerações sobre a exposição do presidente. Salienta-se a sugestão do sr. eng.° Azevedo Sobral, para a criação imediata de uma estação em São José, eliminando a inadequada Estação Nova, e fazendo-se a passagem de comboios de mercadorias apenas de madrugada.

A Câmara ocupou-se ainda do pedido de um munícipe, relacionado com uma construção feita na zona de protecção do Observatório Astronómico, problema que foi liberado que sejam demolidas, nessa construção, as estruturas que contenham ferro, mantendo-se as outras; e aprovado, também, o projecto elaborado pelo Serviço de Obras e Urbanização, relativo á construção do troço de ligação urbana de Solum a Tovim, cujo custo é estimado em 3 750 000$00, sendo deliberado solicitar a respectiva comparticipação

Por fim, a sr.ª dr.ª D. Maria Bacelar pediu providências urgentes para o Jardim da Manga, que está em estado deplorável de conservação. Foi, por isso, resolvido contactar com a entidade proprietária e responsável pela conservação de tão belo momento, para que sejam feitas as necessárias obras de conservação e limpeza.

Necrologia

FALECIMENTOS

Higino Aires Alves Viana de Almeida

Em Luanda de onde era natural, faleceu o sr. Higino Aires Alves Viana de Almeida, de 42 anos, solteiro, filho do jornalista Viana de Almeida, da redacção de «O Século». O sr. Higino Viana de Almeida que morreu quando, na praia da Ilha, tomava banho, foi funcionário da Companhia de Seguros Angolana e de outras empresas e gozava de gerais simpatias devido á vivacidade do seu espírito e á nobreza do seu carácter.

Fernando de Barros Vieira Ramos

Faleceu o sr. Fernando de Barros Vieira Ramos, de 56 anos, director comercial, casado, natural de Oeiras. O funeral, a cargo da Agência Salgado, da Rua da Rosa, realiza-se amanhã, pelas 12 horas, da igreja da Estrela (basílica), para jazigo de família no cemitério de Oeiras.

FUNERAIS

Joaquim Seco de Gouveia

VILA NOVA DE POIARES, 15 — Realizou-se, com grande acompanhamento, para o cemitério de São Miguel de Poiares, o funeral do sr. Joaquim Seco de Gouveia, falecido no lugar de Casais. Comerciante e proprietário, era casado com a sr.ª D. Maria da Piedade Coimbra e pai do sr. Celestino Gouveia e das sr.as D. Aura e D. Adelaide Coimbra de Gouveia.

Luís Plácido de Sousa

FALECEU

Maria Margarida Lourenço Plácido de Sousa, Maria Luísa Plácido de Sousa Marques, Carlos Alberto Plácido de Sousa, Kathleen Mónica Candon Plácido de Sousa, Carlos de Sousa Marques, Carlos Miguel Candon Plácido de Sousa, Luís Alberto Candon Plácido de Sousa, Ângela Margarida Candon Plácido de Sousa, Luís Carlos Plácido de Sousa Marques, Rosa Rodrigues de Sousa Simões Silva e mais família, participam o falecimento do seu querido marido, pai, sogro, avô e irmão, no lugar da Carvalha, Vila Nova da Cerveira, tendo sido o seu funeral efectuado no passado dia 8 para o Cemitério de Verdoejo. (Valença do Minho).

Por vontade expressa do extinto, não foi participado, senão, decorridos 8 dias, após o falecimento.

Luís Plácido de Sousa

FALECEU

Os seus afilhados Eugénia de Jesus Amado e Carlos do Nascimento Amado, participam o falecimento do seu saudoso Padrinho e amigo, cujo funeral se efectuou no dia 8, na Carvalha, para o cemitério de Verdoejo (Valença do Minho).

ENG. CARLOS DURO CONTREIRAS

MISSA DO 7.° DIA

A Família participa que no dia 16, ás 10,30 horas, será celebrada missa na igreja de S. João de Brito, e agradece muito reconhecidamente a todos quantos de qualquer forma lhe manifestaram o seu pesar e se dignem comparecer a este acto.

Fernando de Barros Vieira Ramos

FALECEU

Sua família, participa o seu falecimento, e que o funeral se realiza amanhã, dia 16, pelas 12 horas, da Igreja da Estrela (Basílica), para jazigo de família no cemitério de Oeiras.

AGÊNCIA SALGADO DA RUA DA ROSA — TEL. 324257

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

TOTOBOLA

Cerca das 20 e 30, Artur Agostinho apresenta os seus prognósticos, (muito falíveis, ou não?) na rubrica Totobola.

Os símbolos 1 X 2, patentes no quadro da TV, poderão dar (ou não?) uma ajuda no caminho da fortuna ao telespectador mais indeciso.

Programa Juvenil: O JOGO POLO

Pelas 19 e 45 é apresentado no Programa «Juvenil» um documentário sobre o jogo do «Polo».

Este filme de origem inglesa apresenta o tratamento dado aos cavalos especialmente seleccionados para um dos desportos mais populares da Grã-Bretanha (e o predilecto de Filipe, príncipe consorte): o jogo do polo, o «hóquei» a cavalo.

As regras deste jogo são também explicadas e exemplificadas em sugestivas imagens captadas pelas «câmaras» da NBC.

Convergência

Na sua edição de hoje, o programa «Convergência», de Edmiro de Jesus, realizado por Luís Miranda, começa por falar da «Literatura e Qualidade», tema desenvolvido por Duarte Ivo Cruz.

Segue-se a rubrica «Rosa dos Ventos» versando Marta de Lima e o seu livro «Um Dia São Dias»; Luísa Dacosta e «Vóvó Ana, Bisavó Filomena e Eu» e «Invocação ao meu corpo» de Vergílio Ferreira, com colaboração de Álvaro Benamor.

Exibe-se também um filme evocando André Gide.

POSTA-RESTANTE

Z. O. L. — Porto — Coincidência. Natércia da Conceição gravou muito recentemente.

J. F — Covilhã — No 1.º Programa não voltará a ser repetida a actuação de Elianora Pitman, em «show» especial. Pensa-se, todavia, segundo julgamos saber, no Lumiar, em contratá-la novamente, talvez no Carnaval.

N. A. M. — Amadora — Horizonte está «fechado» temporàriamente. Mas voltará, sem duvida, ao que pensamos, como bom programa. Bom e apreciado.

D. M. F. — Lisboa — Sim. No programa de Variedades do próximo domingo, poderá ver uma retrospectiva dos êxitos musicais que desfilaram no Tele-Ritmo.

L. M. — Lisboa — Paulo Jorge não tem, actualmente, qualquer programa gravado na R. T. P. Pode ser que, em breve, o possa ver num programa de Variedades.

R. C. S. — Lisboa — Não se fala, que saibamos, na renovação do quadro de locutores... Inscreva-se, no entanto.

H. L. M. P. — Algés — O seu entusiasmo pela brasileira Elian Pitman é compreensivo. Talvez a R. T. P. pense repetir o seu «show». temente um programa de fados, realizado por Pedro Martins. Nesse programa ela cantou esse fado a que se refere. Concedeu-nos, aliás, e então, uma mini-entrevista para «TV dia-a-dia», que aparecerá em data oportuna.

J. L. C. A. — Estoril — A nova fase da série «Bonanza» teve assinalável êxito na TV. E. Menos «chôcha» que os ulimos episódios da anterior, apresentados pela R. T. P. parece conquistar a popularidade dos seus «bons velhos tempos».

Gene Barry é o famoso protagonista da série «O Jogo da Vida».

«O JOGO DA VIDA»: «A FLOR DE ANANÁS»

Intitula-se «A Flor de Ananás» o episódio filmado da série policial «O Jogo da Vida», a transmitir pelas 22 horas. Conta com a interpretação de Gene Barry, Cliff Potter, Don Stroud e Susan Saint James.

Desenrola-se ele num ambiente falsamente «hippie» e de cantores de musica moderna. Aí se descobre a miséria moral de alguns que não olham a meios para atingir os seus fins criminosos.

II PROGRAMA ZIP-ZIP

Prestes a terminar a repetição do popular programa «Zip-Zip», os telespectadores podem voltar a ver hoje, pelas 22 horas, o programa que foi transmitido, em estreia, no 1.º Programa, em 15 de Dezembro passado.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira — Programa da tarde — «Canções do nosso tempo»; 17 e 25: A orquestra de...; 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 10: Portugal missionário pelo padre Augusto Maio; 18 e 40: Musica e sonho; 19 e 45: Rádio rural — Musica só musica; 20: Diário sonoro. 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40. 3.º episódio do folhetim «Roca»; 21 e 05: Conjuntos ligeiros, 21 e 40: Canções de Portugal, 23 e 30: Noite de teatro: «Similia Similibus», de Julio Diniz, numa adaptação do dr Leopoldo de Araujo, Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: 1.º acto da ópera «Fidelio» (Beethoven); 18: Musica do século XX — Obras de compositores polacos; 19 e 10: Folclore português: Musica da Beira Alta recolhida por Arthur Santos, 19 e 25: Musica de piano: «Quadros de uma exposição», de Mussorgsky, por Yuri Boukoff; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica instrumental. Abertura «Viagem a Reims», de Rossini. 20 e 30: Concerto pelo Coro Polifónico de Viana do Castelo, sob a direcção do padre Dulcínio de Vasconcelos; 21: Musica de camara; «Divertimento n.º 11, em ré maior, K 251, de Mozart; 21 e 30: «Panoramas da História», pelo dr. João Ameal, 21 e 50: Recital de viola por Ana Bela Chaves; 22 e 08: O clarinetista Ulysse Delecluse toca Schumann: «Fantasia para clarinete e piano, op 73» Ao piano, Jacques Delecluse; 22 e 20 «Poemas sinfónicos; «Praga», de Suk, Orquestra Sinfónica de Braga, dirigida por Vaclav Smetacek

Programa MF 2 — 94,3 mc/s. — Às 23: Musica de Tecla; 23 e 30: Concerto pelo Coro de Camara da Radiotelevisão Holandesa; sob a direcção de Anton Krelage; 23 e 50: Musica Sinfónica, «No Reino da Natureza»; 1: Fecho

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 15: Temas da Universidade; 19 e 45: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,18 m — 1034 kc/s. — Às 16: Programa C. D C.; 18: Eis e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de Abertura e Noticiário; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 08: Tempo-Novo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Musica tradicional e palestra religiosas; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P. B X»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D C; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gê-Gê; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 8 e 45: «Matinée» teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64, 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: Contrastes musicais; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Carrossel-3; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — Às 16: Radiorama; 18 e 05: Claquete; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Artistas portugueses; 21 e 45: A orquestra de Coravelli; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada, 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANÍBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

ANDARES

Vendem-se os últimos que restam alugados, a renderem 7 e 8%, aos preços de 150 e 220 c., num dos melhores locais da Vila de Sacavém. Trata «A Diligente». Tel. 4 13 64, Rua Carlos Mardel, n.º 2, 2.º.

canal da crítica

«ETERNO ROMANTISMO»

I

É muito difícil escrever a sério em presença de uma peça como a que nos foi apresentada ontem em «noite de teatro». É muito difícil.

As «noites de teatro» da televisão portuguesa criaram tradições de mediocridade não quebradas por qualquer estrela de onde em onde — estrela que vem sempre em jeito de cadente no universo decadente.

Essas tradições mantiveram-se e reforçaram-se até com a actual série crismada de «Eterno Romantismo». Aparentemente a série destinava-se a ir ao encontro das grandes massas, falando-lhe ao «eterno» coração através do «eterno» romantismo, ou seja: dos *eternos* rasgos do amor.

II

Já foi entre nós apontado á literatura como fim supremo o tratamento de temas eternos: o amor, o ciúme, a morte, etc., etc. Será melhor não entrarmos na discussão do que é e do que não é eterno pois, para ela, precisávamos de uma eternidade e só podemos contar com o espaço efémero de meia duzia de linhas tipográficas.

Não teremos, no entanto, dúvidas em admitir que nenhum objecto é eterno considerado na perfeita imobilidade — com muito boa vontade faremos uma excepção para o céu azul — e as nuvens efémeras existem para isso mesmo: para lhe quebrar a monotonia...

Tudo quanto é do homem modifica-se com o próprio homem. O homem não reage de igual modo em todas as latitudes e em todas as sociedades. O amor assume diferente carácter numa sociedade esclavagista ou feudal ou burguesa, porque os homens também não são os mesmos nos tipos de sociedade considerada. Como serão outros os homens da sociedade do futuro.

Quem admitir que são idênticos o amor da folha de parra e o amor numa sociedade de consumo, pode prender-se a aspectos superficiais das relações amorosas. Mas as relações amorosas não são apenas relações superficiais...

III

Todas aquelas tiradas se gastaram no arsenal dos palcos. Goethe se pudesse tornar a este mundo certamente se esforçaria por retirar o seu «clavigo» do mercado, como fazem os poetas envergonhados do seu primeiro sarrampo lírico

Porque se a peça não era boa, ninguém a defendeu um bocadinho. Pedro Martins entregou, humildemente, a pasta da direcção de actores a Armando Cortez e este mandou fazer como se faz no palco em lugar de dizer ás câmaras que fizessem como na televisão. Pedro Martins ainda tentou, algumas vezes, dar força ás imagens — mas a breve trecho desistiu e alistou-se na rotina.

Os actores, mal dirigidos, não souberam disfarçar a literatice das tiradas, não souberam aquilo que, para qualquer actor, é fundamental, não souberam, ao menos, falar.

(Continua na pág. seguinte)

VIDA MUSICAL

Primeira audição mundial da ópera «Mariana Pineda»

Em representação da Academia de Amadores de Musica, partiu para Marselha o compositor Fernando Lopes Graça, que vai assistir á primeira audição mundial da ópera «Mariana Pineda», sobre o drama do mesmo nome de Frederico Garcia Lorca.

Esta ópera, da autoria de Louis Saguer, compositor, pedagogo e ensaísta francês conhecido nos meios musicais do nosso País, onde já regeu um Curso de Composição de Musica Contemporanea e, mais recentemente, um Curso de Análise Musical naquela Academia, obteve em 1967 o Prémio de Composição Príncipe Raimier II de Mónaco. Recorda-se, a propósito, que Fernando Lopes Graça é outro laureado do Concurso de Mónaco, relativo ao ano anterior, 1966.

A estreia absoluta de «Mariana Pineda» decorrerá na ópera de Marselha, amanhã.

AMANHÃ — **I Programa** — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Juvenil; 20 e 15: Cartaz TV; 20 e 30: Habitações Económicas; 20 e 55: «Casei com uma Feiticeira»; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: O Jogo da Verdade; 22 e 40: «Departamento S»; 23 e 30: Marcha do Mundo, Meditação e Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; (22: Noite de Cinema «As rochas brancas de Dover»; 23 e 50: Fecha.

LICEUS • Ciclo Preparatório 2.º e 3.º Ciclos

PROFESSORES MUITO COMPETENTES E DIPLOMADOS EM TODAS AS DISCIPLINAS

RESULTADOS INCOMPARÁVEIS

EXCELENTES INSTALAÇÕES • EDIFÍCIO PRÓPRIO • AMBIENTE «SUI GENERIS», PROPÍCIO AO ESTUDO

EXTERNATO SÁ DE MIRANDA

Telef.: SECRETARIA — 45310 Rua Alexandre Braga, 17
DIRECÇÃO — 537532 (Estefânia — Alm. Reis)

Compre a melhor vista de mar comprando APARTAMENTOS MOBILADOS OU MORADIAS A J. PIMENTA, S. A. R. L.

EM CASCAIS E PAÇO D'ARCOS

RENDIMENTO DE 6 A 10 %, GARANTIDO POR ESCRITURA PÚBLICA, DURANTE 6 E ATÉ 18 ANOS, À ESCOLHA DO CLIENTE

Compre a sua propriedade e não mais terá preocupações, pois receberá directamente em sua casa, no n/ escritório, ou no Banco o rendimento certo e seguro a que tiver direito. Pode ainda habitar ou explorar directamente o aluguer da sua propriedade

Preços dos Apartamentos mobilados: 150, 175, 180, 185, 190, 195, 200, 215, 225, 230, 250, 255, 265, 305, 325, 350, 470 e 600 contos

» » Andares: 4 assoalhadas 300 contos; 5ass. 380 contos, 6 ass. 440 contos; 9 ass. 750 contos e 12 ass. 880 contos

Locais onde possuímos andares e apartamentos: Amadora, Reboleira, Venda Nova, Paço d'Arcos (Espargal), Parede, Cascais e Lisboa.
Moradias Luxuosas: 9 divisões assoalhadas, 3 casas de banho, cozinha, garagem, quintal e jardim. Magnífica vista de mar e serra situadas na R. José Ferrão Castelo Branco, em Paço d'Arcos. Facilita-se parte do pagamento.
Apartamentos em exposição nos seguintes locais: Lisboa — Pr. Marquês de Pombal; Reboleira — R. D. Dinis; Venda Nova — por detrás da Garagem Eduardo Jorge; Paço d'Arcos (Espargal) e Cascais (retaguarda do Hotel Baía)

TEMOS ANDARES E APARTAMENTOS PRONTOS A FAZER ESCRITURA

Escritórios: LISBOA — Praça Marquês de Pombal, n.º 15-1.º — Telefones 45843 e 47843
QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Telefs. 952021/22: AMADORA-REBOLEIRA — Telef. 933670

A NOSSA ORGANIZAÇAO VENDE MAIS BARATO E COM MAIS GARANTIAS PORQUE É A ÚNICA DO PAIS DEVIDAMENTE APETRECHADA NA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DO RAMO

Oferta excepcional

15 VOLUMES ENCADERNADOS A ESCOLHA
PAGOS SUAVEMENTE

em 10 prestações mensais de 52$50
Entrega das obras contra o primeiro pagamento
Obras encadernadas em balacuir de

ALEXANDRE HERCULANO
AQUILINO RIBEIRO
CAMILO CASTELO BRANCO
CHARLES DICKENS
JÚLIO DINIS
STEFAN ZWEIG
WALTER SCOTT

170 autores de várias nacionalidades, sendo: 200 volumes originais de autores portugueses e brasileiros — 200 volumes, traduções portuguesas, mencionados numa lista que remetemos, grátis e sem qualquer compromisso, a quem a solicitar. Todas as obras têm o formato mínimo de 0,19×0,12 m. O numero de exemplares disponiveis para esta oferta é limitado. Solicite imediatamente a lista á LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — PORTO — Telefone 22286, ou á sua Filial em Lisboa — Av. Almirante Reis, 102, r/c., Dt.º — Lisboa-1 — Telefs. 58796 e 58798

Recortar este cupão e remeter a

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO
Rua Alberto Aires de Gouveia, 27
PORTO

D. L. — Desejo receber, grátis e sem qualquer compromisso, a lista das obras da OFERTA EXCEPCIONAL e um impresso-proposta para a sua aquisição.

Nome .....
Morada .....
.....

Canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

IV

Talvez seja o Teatro, de todas as formas de arte, aquela que mais precisa de viver a partir de dados imediatos do real pois se destina ao consumo também imediato. O palco falseia a sua missão sempre que não é uma maneira de pensar a sua.

Não se exige, para a TV, peças de vanguarda ou brutamente intelectuais todos os dias. Mas o público tem direito a que não lhe forneçam as emoções deterioradas de qualquer «Clavigo». Já é tempo de pôr cobro a estas aventuras sem futuro, não?

MÁRIO CASTRIM

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

CAPITAL 640 000 CONTOS
Rua do Comércio, n.os 95 a 119
LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

São convocados os senhores accionistas para reunirem-se em assembleia geral ordinária no dia 6 do próximo mês de Fevereiro, pelas 16 horas, na Sede do Banco, a fim de:

Discutirem, aprovarem ou modificarem o relatório e contas do Conselho de Administração e o parecer do Conselho Fiscal relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1969.

Procederem à eleição de dois administradores; e

Procederem à eleição dos cargos vagos da Mesa da Assembleia Geral.

Lisboa, 10 de Janeiro de 1970.

O Vice-Presidente
da Assembleia Geral
Pedro de Queirós Pereira

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

CAPITAL 640 000 CONTOS
Rua do Comércio, n.os 95 a 119
LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

São convocados os senhores accionistas para reunirem-se em assembleia geral extraordinária no dia 6 do próximo mês de Fevereiro, pelas 17 horas, na Sede do Banco, a fim de deliberarem sobre propostas do Conselho de Administração referentes ao aumento de capital social por emissão de acções e incorporação de reservas; à alteração do valor nominal das acções; à exclusão do direito de preferência na subscrição das novas acções representativas do aumento de capital que for votado, conforme o art.º 5.º, § 1.º dos Estatutos; à alteração de algumas disposições dos estatutos, nomeadamente dos seus artigos 4, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 15, 16, 18, e 21.

Lisboa, 10 de Janeiro de 1970.

O Vice-Presidente
da Assembleia Geral
Pedro de Queirós Pereira

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

CONSULTE O AGENTE
M. L. FERREIRA
RUA DE DONA ESTEFÂNIA, 48-A — LISBOA-1
TELEFONES 45019-58958-560498
MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA RUTON
PROGRESSO EVIDENTE NO TEMPO PRESENTE

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

GABINETE DO NOVO AEROPORTO DE LISBOA

ANÚNCIO

1. — O Gabinete do Novo Aeroporto de Lisboa, criado pelo Decreto-Lei n.º 48 902, de 8 de Março de 1969, pretende seleccionar uma firma ou um grupo de firmas constituindo consórcio, para a elaboração de um Estudo de «PREVISÃO DE TRÁFEGO» relativo ao NOVO AEROPORTO DE LISBOA.

2. — Para o efeito, convida a inscreverem-se até ao dia 1 de Março de 1970 firmas que demonstrem, através de documentação autêntica, terem executado a partir do ano de 1966 estudos similares no domínio da Previsão de Tráfego.

3. — As condições de inscrição, os elementos relativos à pré-qualificação pretendida e outros esclarecimentos que se entendam necessários deverão ser solicitados ao GABINETE DO NOVO AEROPORTO DE LISBOA — AVENIDA DE BRASÍLIA — LISBOA-3, com o telefone 67 29 24, a partir de 20 do corrente mês.

Lisboa, 13 de Janeiro de 1970.

O SECRETÁRIO
Jorge São Pedro Vieira

VENDE-SE

Tractor MF 130 — Vinhas — em estado novo

LEMOS & IRMÃO, LDA.

Rua 5 de Outubro — Telefone 23456,7 — VISEU

BONS PRÉDIOS EM BENFICA

VENDEM-SE
A RENDER 6% COM RENDAS MODERNAS E ANTIGAS

TRATA:
FERMIN GALLEGO
Av. 5 de Outubro, 23-1.º
Telef. 4 59 34

AUTOMOTORA DE «FIM DE SEMANA»

A C.P. informa que as estações do Ramal de Lagos passam a vender bilhetes para a automotora especial que circula aos sábados e domingos de Vila Real de Santo António - Guadiana a Barreiro, e volta, com ligação em Tunes e no Barreiro, respectivamente, ás circulações e carreiras normais.

CONCURSO DE EMPREITADA NA ILHA DA MADEIRA

MATUR, Sociedade de Empreendimentos Turísticos da Madeira, S. A. R. L., com Sede em Lisboa, na Avenida Infante Santo, 66-F, põe a concurso a construção de um conjunto residencial, denominado FLATS 1, em Água de Pena, Machico, Ilha da Madeira.

Todos os elementos necessários encontram-se á disposição dos interessados no Gabinete Técnico desta empresa, sito na morada acima indicada, onde poderão ser consultados, ou adquiridos e se prestarão todos os esclarecimentos.

O prazo para entrega das propostas termina no dia 9 de Fevereiro de 1970, pelas 12 horas, devendo estas, devidamente lacradas e seladas, serem entregues até essa data na Sede desta empresa, onde serão abertas, em sessão publica, no dia 11 de Fevereiro de 1970, reservando esta empresa o direito de não adjudicar á proposta mais baixa, sempre que o não achar conveniente.

A ADMINISTRAÇÃO

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

RALLYE MONTE CARLO

ALGUNS FAVORITOS PARTEM DE LISBOA

Com partida de oito cidades europeias, incluindo a capital portuguesa, começa a disputar-se depois de amanhã o 39.º «Rallye» Monte Carlo.

Estão inscritas 223 equipas representando 25 países. A representação mais numerosa pertence á França, com 45 equipas, seguida da Itália (40), Alemanha (29) e Noruega (14).

De Lisboa partem 16 equipas, incluindo alguns favoritos.

A lista dos concorrentes que escolheram Lisboa para local de partida é a seguinte: n.º 3 — Jean Vinatier-Jean François Jacob («Alpine Renault»); 23 — Sandro Munari-Arnaldo Bernacchini («Lancia Fulvia HF»); 38 — Sérgio Barhasio - Mário Mannucci («Lancia Fulvia HF»); 51 — Jean Luctherier-Marcel Callewaert («Alpine Renault»); 64 — Ramon Griffol - José Salvador («Anthi BMC»); 83 — Jesus Saez de Buornager-José Sunsundegui («Seat»); 125 — José Leucina-Ricardo Muñoz («Lancia Fulvia»); 130 — Timo Makinen-Henry Liddon («Ford Escort TC»); 152 — Claude Constant («Fiat»); 180 — José Garcia de La Rosilla-J. Garcia del Ouro («Seat»); 190 — Eladio Doucel-Lucas Sainz («Lancia»); 200 — V. Dominguez Ochoa-J. Lascaño («Anthi»); 207 —Emílio Zapico-Gerardo Van Dulken («Renault 8 TS»); 209 — Alberto Reuz Gimenez-Enrique Ruiz Gimenez («Lancia 1600»); 227 — Jesus Ripalda Crespo-José Erdocia - Landa («Alpine Renault»); 228 — Miguel Carbajo-Pedro Alvarez («Seat 1430»).

Alterado o percurso de estrada do Grande Rallye Nocturno do Sporting

Em virtude de não se prever uma melhoria acentuada de condições atmosféricas e ser francamente mau o piso de algumas estradas florestais, inicialmente marcadas, para o Rallye Nocturno do Sporting, foram anuladas as passagens pelas estradas florestais «Gofio-Argamil» e «Trevim». Os concorrentes passarão, assim, a utilizar as estradas nacionais n.º 342 e 236

O percurso por força desta alteração sofre um aumento de 18,9 km, com vantagem pela melhoria das estradas utilizadas.

Ginásio Clube do Sul

No dia 23, ás 21 horas, decorre a assembleia geral ordinária do Ginásio Clube do Sul, de Cacilhas, para aprovação do relatório e contas da gerência de 1969 e eleição dos corpos gerentes para este ano.

Em ALGÉS o «DIARIO DE LISBOA» vende-se na Tabacaria Moderna. Rua Almirante Candido dos Reis, 6.

TOTOBOLA
O NOSSO PALPITE

Leixões-Braga	1
Sporting-Setúbal	1
Boavista-U. Tomar	1
CUF-Barreirense	X
Académica-Porto	X
Belenenses-Varzim	X
Guimarães-Benfica	X
Salgueiros-B. Mar	1
A. Viseu-Tirsense	2
Famalicão-Sanjoanense	X
Torrilense-Atlético	1
Montijo-Farense	1
Oriental - Portimonense	X

Este aumento implica que, a chegada do primeiro concorrente ao Estádio Alvalade, seja retardada de 28 minutos sobre o horário inicial que previa as 11 e 11.

Andebol

Os jogadores convocados para a «Taça Latina»

Prossegue a preparação da equipa de «esperanças», com vista á «Taça Latina». O Conselho Técnico federativo convocou os seguintes jogadores, após a conclusão da primeira parte do seu plano de preparação para aquela competição:

Sporting: Paulo, Trigô, Armando, Adão e Carlos Correia. *Belenenses:* Carrasco, Franco, José Manuel, Cascais, Mendes e A. Ferreira. *Benfica:* C. Ferreira e Carriço. *V. Setubal:* Sousa, Morais e Custódio. *P. Manuel:* Esteves. *Técnico:* Amaral. *F. C. Porto:* Melo, Leandro e Tavares da Rocha.

Deste lote de jogadores sairão os 16 que formarão a equipa definitiva, prevendo-se a chamada de outros elementos que venham a justificar a escolha.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

O «DOSSIER» ZOLTAN VARGA FOI REABERTO PELA F. I. F. A:

● O PORTUGUÊS PODE VIR A SER LÍNGUA OFICIAL DO ORGANISMO MÁXIMO DO FUTEBOL

CIDADE DO MÉXICO, 15. — (A. N. I.) — Durante a reunião que realizou na Cidade do México, a Comissão de Emergência da Federação Internacional de Futebol (F. I. F. A.) tomou as seguintes decisões:

— Remeter de novo à Comissão de Regulamentos de Jogadores o caso do futebolista hungaro Zoltan Varga, que abandonou a equipa olímpica de futebol do seu país quando dos Jogos Olímpicos de 1968 e acerca do qual a Federação de Futebol da Alemanha Ocidental pediu que fosse levantada a suspensão de três anos imposta pela F. I. F. A.

— Propor ao Congresso da F. I. F. A. que vai realizar-se em Junho, a filiação permanente das Federações de Futebol da Mauritania e da Guiana e a filiação provisória do Nepal.

— Propor ao mesmo Congresso a organização de um campeonato mundial das confederações dos clubes campeões de futebol, incluindo a Europa, as Américas do Norte, do Centro e do Sul, a Ásia, a África e a Oceania.

— Foram apreciadas outras propostas, que devem ser debatidas antes de serem apresentadas ao Congresso para voto. Essas propostas são as seguintes:

— A Etiópia, secundada pelo Egipto e pelo Sudão, pede que seja revista a filiação da Rodésia na F. I. F. A.

— A Suécia, apoiada pela Alemanha Ocidental e pela Holanda, propõe que se dê ás Confederações de Futebol direitos idênticos aos das federações nacionais, á excepção do direito de voto nos congressos da F. I. F. A.

— O Canadá sugere a criação da Confederação de Futebol da América do Norte, constituída apenas pelos países de língua inglesa.

— O Brasil pretende que o português seja uma das línguas oficiais da F. I. F. A. (já há cinco línguas oficiais: Francês, Inglês, Espanhol, Alemão e Russo).

— A Federação de Futebol do Peru pede que seja encurtada a pena de doze meses de suspensão imposta a dois dos seus jogadores: Fuentes e Mifflin, por terem agredido o árbitro de um dos encontros da fase eliminatória do Campeonato Mundial.

Neste ultimo caso, foi decidido pedir a opinião da Comissão Disciplinar da F. I. F. A. para saber se a pena pode ser reduzida para nove meses, o que permitiria aos dois jogadores alinhar nos encontros da fase final do Campeonato Mundial.

Empate da Inglaterra no jogo com a Holanda (0-0)

LONDRES, 15 — (A. N. I.) — Resultados dos encontros de futebol realizados ontem:

INTERNACIONAIS (amigáveis):

Em Wembley: Inglaterra-Holanda, 0-0.

Em Telavive: Israel-Roménia (B), 0-1.

MENOS DE 23 ANOS:

Em Aberdeen: Escócia-País de Gales, 1-1.

TAÇA DAS CIDADES COM FEIRA (terceira eliminatória)

PRIMEIRA «MÃO»:

Em Iena: Carlo Zeiss (Alemanha Oriental)-Ujpeste Dedozsa (Hungria), 1-0.

Em Barcelona: Barcelona-Inter de Milão, 1-2.

SEGUNDA «MÃO»:

Em Dunfermline: Dunfermline (Escócia)-Anderlecht (Bélgica), 3-2. (O Anderlecht passa aos quartos-de-final, devido aos golos marcados «fora», com 3-3 nos dois encontros).

Em Southampton: Southampton (Inglaterra)-Newcastle (Inglaterra), 1-1. (O Newcastle qualificou-se para os quartos-de-final pelo golo marcado «fora», com 1-1).

HUMOR NO DESPORTO

A CHAMA E A CHUVA

Acontecimentos DE ONTEM

ANDEBOL

Reservas: vitória do Sporting sobre o Benfica, num jogo de repetição

Em Campo de Ourique, com grande interesse do público, que compareceu em grande número, realizou-se, ontem, uma jornada que incluiu três encontros importantes, dois do «Regional» de juniores, outro em repetição, aquele em que se defrontaram as reservas do Benfica e do Sporting, e que os «encarnados» tinham protestado.

Os resultados foram os seguintes:

Sporting-Almada (jun.) 17-9

Sporting-Benfica (res.) 23-17

O jogo Benfica-Belenenses, que, pràticamente, decidia o campeonato de juniores, não se realizou, por a Polícia não ter comparecido.

No encontro de «reservas», os «leões» voltaram a vencer. No jogo protestado tinham ganho por 22-18, e, desta feita, a sua superioridade foi evidente, com larga contribuição do seu guarda-redes Bessone, que teve excelente primeira parte. Pedro Feist, com dez golos, Adão (6) e Daniel (5) foram jogadores também em evidência, nos vencedores, enquanto no seu adversário, Guimarães, Pedro (6) e Martins se distinguiram.

VOLEIBOL

«Regionais» de Lisboa

Resultados apurados nos encontros disputados ontem, a contar para os campeonatos «regionais» lisboetas, nas diversas categorias:

SENIORES — Moscavide-Sintrense, 2-3.

JUNIORES — Benfica-Nacional de Ginástica, vitória do Benfica, por falta de comparência do Nacional. O jogo Lisboa Ginásio-Moscavide, foi adiado para amanhã.

JUVENIS — C. I. F.-Benfica, 0-3.

FEMININO — C.I.F.-C.D. U.L., 1-3.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

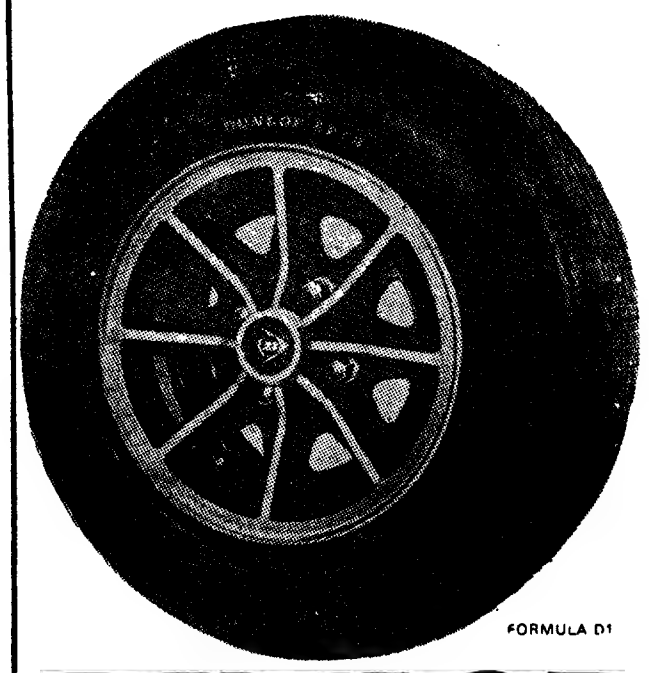
O BENFICA CONVIDADO A JOGAR NA VENEZUELA

CARACAS, 15 — (A. N. I.) — A Federação de Futebol da Venezuela anunciou que a selecção de futebol que a Russia vai enviar ao campeonato mundial participa num torneio triangular que se realiza de 3 a 8 de Fevereiro.

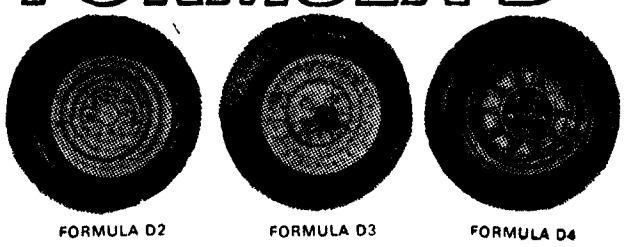
Das outras duas equipas, está práticamente assegurada a vinda do Atlético de Madrid e é provável que a terceira seja a do Benfica.

Encarregado pela Federação venezuelana, o empresário Agustin Lisbonna já garantiu o contrato do Atlético de Madrid e irá a Lisboa para tratar do contrato do Benfica.

JANTES LEVES



DUNLOP
FORMULA 'D'



IMPORTADOR EXCLUSIVO

escape

RUA CASTILHO, 72-A — TELS. 561616/561919

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS	SAÍDAS	PORTOS DE DESTINO
«P. PERFEITO»	22 de Janeiro	Funchal, Luanda, Lobito, Durban, Lourenço Marques e Beira.
«MOCÂMEDES»	24 de Janeiro	Leixões, Cabinda, Sazaire (se necessário), Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito, Moçâmedes e, se necessário, Porto Alexandre e Cuio.
«BEIRA»*	5 de Fevereiro	Luanda, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala.
«ANGOLA»*	12 de Fevereiro	Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cabo, Durban, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia.

* Com escala prévia por Leixões.

LISBOA — R. DO COMERCIO, 85; TEL. 323021;
PORTO — R. INFANTE D. HENRIQUE, 63; TEL. 22438

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIAS DE HOJE

Missão no Ártico — no CONDES e ROMA
Comando Suícida — no EDEN

CONDES
(M. 12 anos) T. 522523-326710
Às 21.30
ESPECTACULAR ESTREIA
70 mm
Um desafio aos seus nervos... Uma aventura no topo do mundo
MISSÃO NO ÁRTICO
Panavision - Metrocolor
com Rock Hudson, Ernest Borgmne, Jim Brow

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
Às 16.15 (p. r.) e ás 21.30
ÊXITO TOTAL
UM VENDAVAL DE PAIXÕES PROVOCADAS PELA CONDENAÇÃO DE UM GRANDE AMOR
MARIA ISABEL
com Silvia Pinal e José Suarez
A odisseia de uma jovem presa ao segredo de um pecado de uma amiga...
— EASTMANCOLOR —

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
Às 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Nada fascina tanto como um crime misterioso e uma mulher provocante...
QUE IMPORTA MORRER
TECHNICOLOR
Kirk Douglas e Sylvia Koscina

Metro: Estação Picoas

MONUMENTAL
(M 12 anos) Tel. 555131
Às 15 e 21.30
EM 5. SEMANA
GOODBYE, MR. CHIPS
com Peter O'Toole, Petula Clark e «Sir» Michael Redgrave

QUINZENA DE FICÇÃO CIENTÍFICA
AMANHÃ (Adultos), 18.30 h.
FRANKENSTEIN CRIOU A MULHER
de Terence Fisher; com Peter Cushing e Susan Denberg.
Próxima Quinzena
CINEMA INGLÊS (início a 19)

EUROPA
(M 17 anos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
Para o público que só aprecia o melhor!
A QUADRILHA SELVAGEM
Technicolor — 6.ª semana
com William Holden e Ernest Borgnine

CASINO ESTORIL
Às 21.30 h. (M. 12 anos)
ATAQUE À MURALHA DO ATLÂNTICO
com Llody Bridges e Andrey Keir

ROMA
(M. 12 anos) Tel. 727778
Às 21.30
ESTREIA
Uma aventura no topo do mundo
MISSÃO NO ÁRTICO
Panavision - Metrocolor
com Rock Hudson, Ernest Borgmne

ESTUDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 15.30, 18,30 e 21.45
9.ª SEMANA
A espantosa comédia de PIETRO GERMI
DIVÓRCIO À ITALIANA
com Marcello Mastroiani

AVIS
(Adultos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Um policial de grande nível
MUITO PARA VIVER... POUCO PARA MORRER
com Cláudio Brook — Daniela Bianchi
Technicolor — Techniscope

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
4.ª SEMANA
KATHARINE HEPBURN é
A LOUCA DE CHAILLOT
com Danny Kaye, Giulieta Massina, Paul Henreid, Yul Brynner, Charles Boyer e Richard Chamberlain

ESTÚDIO
(M. 17 anos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
A obra-prima de MARCEL CARNÉ
EM 2.ª SEMANA
TRES QUARTOS EM NOVA IORQUE
com Annie Girardot

IMPERIAL
(M. 12 anos). Tel. 45933
Às 21 horas
PROFISSIONAIS PARA UM MASSACRE
O NOSSO AGENTE EM VIENA

RESTELO
(M. 12 anos) Tel. 610375
Às 21.30 h.
Desejos... rancores, ciume num filme violento
NOITE DE VIOLÊNCIA
c/ Dean Martin, Jean Simanons

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
Às 21 horas
BYE BYE, BARBARA
O ESTRANGEIRO

EDEN
(M. 12 anos) Tel. 320768
Às 21.45
ESTREIA
Technicolor — Techniscope
ALDO RAY em
COMANDO SUICIDA

Às 18.30:
D. Quixote sem mancha (M. 12 anos)

SÃO JORGE
(17 anos) Telefs. 5 41 53/4
HOJE: Às 15, 18.15 e 21.30
Em 2.ª SEMANA de um êxito fora de série
007 AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE
com George Lazenby — Diana Rigg — Telly Savalas

TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde p. red. e 9.30 da noite
EM 5.ª SEMANA
UM FILME INCOMPARAVEL em TODD-AO cor de Lux
com
BARBRA STREISAND
HELLO, DOLLY
UMA MARAVILHA

POLITEAMA
(M 17 anos) Tel. 326305
HOJE, ás 15.15 (p. r.) e ás 21.45
4.ª SEMANA TRIUNFAL! do filme de grande classe espectacular
A PELE DE UM MALANDRO
com o famoso idolo CLINT EASTWOOD

HOJE, ás 18.30 (M. 17 anos)
SESSÃO CLÁSSICA

VOX
(Adultos) Tel. 720803
Às 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
QUE IMPORTA MORRER
com Kirk Douglas, Sylvia Koscina e Eli Wallach
num filme de amor, violência e imprevisto!

R. Bulhão Pato (á Av. Roma)

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Às 21 horas)
DAVEY, O FOLGAZÃO O REGRESSO DOS 7 MAGNÍFICOS

LIDO
Praça D. João I — AMADORA
(M. 12 anos) Tel. 937593
Às 21.30 horas
O espectacular filme em 70 m/m e som estereofónico
GUERRA E PAZ
2.º episódio — NATASHA
Versão integral russa do melhor filme do ano

SÃO LUIZ
(M. 17 anos) Tel. 327172
Às 15.15,18.15 e 21.30
O regresso de INGRID BERGMAN que com WALTER MATTHAU forma o par mais sensacional do momento!
A FLOR DO CACTO
Concurso Firmos: Sorteio de automóveis Hillman na sessão da noite neste cinema, ao intervalo do filme.

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
Às 15.45 e 21.45
Technicolor
o regresso de Ingrid Bergman que com Walter Matthau forma o par mais sensacional do momento
A FLOR DO CACTO
a mais deliciosa comédia cinematográfica do ano!

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «O caso espanhol» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «As mãos de Abraão Zacut» (17 anos)
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «Tombo no Inferno» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «O vison voador» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Esperteza saloia» (17 anos).
VARIEDADES — Às 20 e 45 e ás 23: «Peço a palavra» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 21: «Zorro, o rebelde» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «Espião por acidente» (17 anos).
IDEAL — Às 21: «A fonte barrefra» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Operação Kid Brother» (17 anos).
ORIENTE — Às 21: «O grande pistoleiro» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «Rasto de violência» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «Um lugar para amar» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «Um homem chamado Gringo» (12 anos).
LUMIAR — Às 21: «O regresso de um ídolo» (17 anos)

● Linha de Cascais
ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «O 41.º» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS - CINE — Às 21: «O Corvo» e «Perry Grant, agente secreto» (17 anos).
PAREDE — ROYAL - CINE — Às 21: «A minha profissão é matar» e «Que tal o minha irmã» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Ataque á muralha do Atlântico» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «O vilão do Arizona» (17 anos)

● Outra Banda
ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «A leste do Killimanjaro» (12 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «O homem que ri» (17 anos)

● Linha de Sintra
DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «7 homens do Texas» (12 anos).
VENDA NOVA — CINE - PORTUGAL — Às 21: «O gladiador de Messalina» e «Objectivo Paris» (12 anos).
AMADORA — REGRESSOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Eu sou mau!...» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Repulsa» e «Contrabando nos nuvens» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «O Salto» (17 anos).
SINTRA — CINE-TEATRO — Às 21 e 15: «7 pistolas para os Mac Gregors» (12 anos).

«TOMBO NO INFERNO»
— À BEIRA DA 100.ª REPRESENTAÇÃO

O público prepara-se para prestar justa homenagem a Aquilino Ribeiro na centésima representação de «Tombo no Inferno», que encerrará a carreira da peça que inaugurou o Teatro Maria Matos. Durante a semana popular que decorre, o povo da capital tem demonstrado quanto aprecia a obra de um autor dos maiores da língua portuguesa a quem todos deviam uma homenagem e um agradecimento não só pela sua acção como romancista mas, ainda, como homem que se interessou pela gente do seu País.

Durante os últimos espectáculos com «Tombo no Inferno» continuará em vigor a baixíssima tabela de preços, com balcão a 10$00 e 25$00 e plateia a 30$00, 40$00 e 50$00, permitindo ao público de Lisboa, especialmente ao das classes menos favorecidas, assistir a um espectáculo de teatro português, digno e de qualidade, em que o seu autor se dirige ao povo numa linguagem que o povo entende e aplaude.

Aproxima-se a estreia de «A Relíquia»

Continuam à venda os bilhetes para os primeiros espectáculos com «A Relíquia», cuja data de estreia ainda não foi marcada definitivamente mas que está a despertar o maior interesse do público que todos os dias se dirige às bilheteiras do Teatro Maria Matos procurando assegurar-se da sua presença nas primeiras representações.

«A Relíquia», de Eça de Queiroz, em teatralização de Sttau Monteiro e Artur Ramos, é o segundo espectáculo apresentado por Igrejas Caeiro no Teatro Maria Matos e nele colabora, como autor dos cenários e figurinos, João Abel Manta

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno M
ALCÂNTARA — Probidade, R de Alcântara, 115-A-B (6818589).
AJUDA — Lídia Almeida, Calçada da Ajuda, 170 (6373118).
ALTO DO PINA — Eusil, R. Barão Sabrosa, 104 (841912).
ALVALADE — Rainha Santa, Rua Alf. Lopes Vieira, 57-B (765262) ✲ Alentejo, Av. da Igreja, 28-B (712682).
ANJOS — Guerra, Rua Andrade, 32-36 (845518).
AREEIRO — Belo, Av. de Roma, 53-A (776314) ✲ Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B (725859) ✲ Central do Areeiro, Av. Paris, 2-2 A (720820).
AVENIDAS NOVAS — Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A (763016) ✲ Cardote, Lda., Av. Visconde Valmor, 28-A-B e C (772291) ✲ Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53-55 (443938).
BAIRRO AZUL — Sirius, R. Filaitho de Almeida, 38-A (44000).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, Rua 27, 41 (811216).
BAIXA — Frazão, R. das Portas de St.º Antão, 72 (328180) ✲ Durão, R. Garret, 90-92 (324166)
BENFICA — Marques, E. de Benfica, 648 (700096) ✲ Vitex, Est. de Benfica, 873-B (780548) ✲ S. João, Est. do Luz, 124-A (788179).
CAMPO DE OURIQUE — Condestável, R. Coelho da Rocha, 1119 (666206) ✲ Almeida, R. Silva Carvalho, 186 (681726).
CAMPOLIDE — Imparcial, R. General Taborda, 28 (680931) ✲ Ruelte, Lda., Rua do Alto do Carvalhão, 5-A e 5-B (651721).
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 — Galinheiras (790969).
CHILE — Lab.º do Brasil, R. Alves Tango, 29-31 (46848).
CONDE BARÃO — Lys, R. da Esperança, 17-19 (660918)
CONDE REDONDO — Branco, Av. Duque de Loulé, 61-65 (45048).
ESTRELA E LAPA — Gama, Calç. da Estrela, 180 (660339).
GRAÇA — Anunciada, R. do Vigário, 74 (866360) ✲ Progressiva, Rua Santa Marinha, 18 (863619).
LUMIAR — Petutela, Herdeiros, R. do Lumiar, 1122-1124 (790832)
OLIVAIS — Fernandes Borges, R. C., 3, Lote 300 (311091) ✲ Central dos Olivais, Rua Alfenes Barrilaro Ruas, 7-C Olivais-Norte (315539)
PAMPULHA — I. ...te, R. do Olival, 290 (668100).
PATRIARCAL — Cunha, Rua da Escola Politécnica, 16 (325455).
PEDROUÇOS — Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (610741).
PENHA DE FRANÇA — Dimar, Rua Conde de Monsaraz, 17-B (842533).
PICHELEIRA — Marluz, Calç. da Picheleira 140-B-C (702703 e 728395).
REGO — Prates & Mota, Rua da Beneficiência, 91 (773728).
SANTO AMARO — Santo Amaro, Rua F. Elísio, 29-A-B (637070).
SÃO PAULO — Ultramarina, Rua de S. Paulo, 101 (321771).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Grijó, Rua do Grilo, 25 ✲ Alves de Carvalho, Rua do Vale de St.º António, 7-9 (840125).

● Linha de Cascais
ALGÉS — Nite — Av. Comb. G. Guerra 64 (Tel 21 2070)
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, ...-A (Tel 242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade de Brás — Rua Costa Pinto, 186 (Tel 2432034)
OEIRAS — Central, R. João Teixeira Simões, 18 (2430058)
PAREDE — Brandão — Av. da Republica, 77-C (Tel 2471054)
ESTORIL — S. João, S. João do Estoril (Tel 26...86)
MONTE ESTORIL — Suíça — Cruzeiro (Tel. 260087)
CASCAIS — Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel 280 170) ✲ Nova — Est. de Alvide (Fontainhas) (Tel 28...044)

● Linha de Sintra
AMADORA — Dias — Av. Marquês de Pombal, lote 9 (Tel. 934589); Campos; — Rua Elias Garcia, 85 (Tel 930072); Clabel — R. António Sardinha 23-D (Tel 938551);
DAMAIA — Confiança, Est. Militar, Lote D (Tel. 971028).
QUELUZ — Correia, L. do Mercado, 3 (950905) ✲ Zeller, R. da Republica, 83 (950045).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia 55 (Tel. 2940034).
MEM MARTINS — Quimia — Est. Mem Martins, 285 (T 29100...2).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Marrazes — L. Rafinha D. Amélia (Tel. 980058).
COLARES — Colares — Abrex (Tel 299088)

● Outra Banda
ALCOCHETE — Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef (284100).
ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Cândido dos Reis, 30 (T 224020)
ALMADA — Nuno Álvares — Av. D. Nuno Álvares Pereira 39 (Tel 270504
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est Nacional 74 (Telefone 224302).
BARREIRO — Pimenta — R. Dona Joaquim António Aguiar 259 (Tel 2273012)
COVA DA PIEDADE — Atlântico, Quinta do Pomba ...274365).
MOITA — Silva Rocha — P. da Republica, 16 (Tel 239029)
MONTIJO — Giraldes — Rua Almirante Reis 45 (Te ...30008).
SESIMBRA — Leão Av. ...brazar (Tel 229471)
SETUBAL — Costa Largo da Misericórdia (Telef 22760) Brasil, P. do Brasil (Te 24788
SEIXAL — Godinho — L. do Igreja 51 (Tel 22...8560)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones
ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 861353 ✲ Companhias Reunidas, 537011 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidla, (dem e feriados 382069.
BOMBEIROS — Sapadores ...22222 Voluntários, 538524
POLICIA e G. N. R — Serviços de emergência, 115 ✲ Segurança Publica, 866141 ✲ Judiciária, 535380 ✲ Marítima, 326456 ✲ Internacional, 362721 ✲ Viação e Trânsito, 42205 ✲ G.N.R. (área rural) 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 ✲ Enfermagem permanente, 766161 ✲ Enfermagem de urgência, 43738 ✲ Hospital de Santa Maria, 775171 ✲ Hospital de S. José, 860131 ✲ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✲ Transfusões, soros e oxigenio, 538524 ✲ Centro de Intoxicações (informativo), 767777 761176 e 763450.
TRANSPORTES—Aeroporto, 720111 ✲ Caminhos-de-ferro, (C. P.), 869029 ✲ Caminhos - de - ferro (Estoril) 861121 ✲ Estação fluvial (T Paço), 325345 ✲ Estação marítima de Alcântara, 668195 ✲ Estação Marítima de Rocha, 672445 ✲ Estação fluvial (Belém), 638511.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
(Maiores de 15 anos)
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIARIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE

NOVO RESTAURANTE
SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef 790211
JANTARES DANÇANTES
AOS SABADOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)

CHOUPAL
CERVEJARIA E RESTAURANTE
SERVIÇO REQUINTADO
AMBIENTE SOSSEGADO
AR CONDICIONADO, MÚSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE, 9 (junto ao Parque Mayer)
Telef. 42963

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

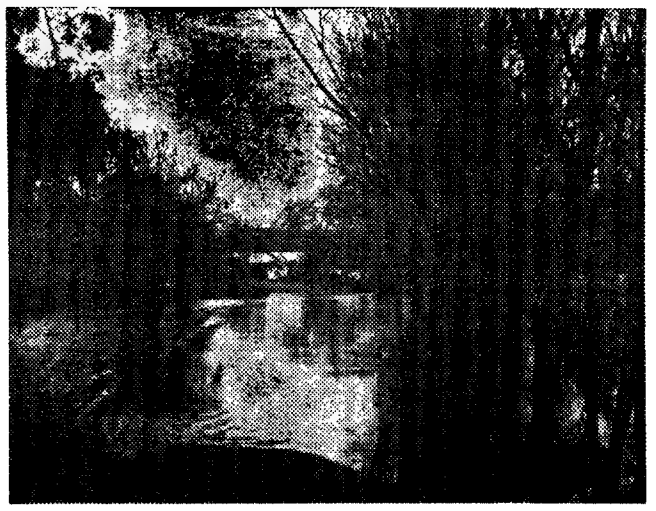
POVOAÇÕES ISOLADAS
E MILHARES DE TRABALHADORES INACTIVOS

SANTARÉM, 15 — O Ribatejo mantém-se alagado e dia a dia tornam-se mais graves as consequências das cheias: crise agrícola, com atrasos e perda de culturas e milhares de trabalhadores desempregados. Não há esperanças de que a situação se altere num período breve de tempo, apesar das ligeiras descidas de nível do rio verificadas nas escalas hidrométricas. Essas escalas acusavam os seguintes valores, durante a manhã de hoje: às 3 horas — em Vila Velha de Ródão, 14,68; em Abrantes, 11,15; em Barquinha, 8,10; em Santarém, 7,52; às 6 horas — 14,40; 11,17; 8,9; 7,52; respectivamente; às 9 horas — 14,20; 11,02; 8,8; e 7,53.

Devido às cheias continuam interrompidas as estradas Santarém - Lisboa, Tramagal-Rossio ao Sul do Tejo; Chamusca - Golegã, Azinhaga - Golegã, Pombalinho-Mato Miranda; Pombalinho-Vale de Figueira; Pombalinho - S. Vicente de Paul; Alcanhões-Ribeira de Santarém; Tapada-Alpiarça; Almeirim-Benfica do Ribatejo; Valada-Cruz de Campo; Valada-Cartaxo; e Santarém-Ponte do Soeiro.

Encontram-se alagados todos os campos marginais do Ribatejo, com consequências funestas sobretudo nas culturas de trigo, fava, centeio e culturas temporãs.

De um modo geral a situação pode considerar-se desalentadora: há povoações isoladas, falta de alimentos nalgumas localidades (devido às interrupções de trânsito), pequenas aldeias quase submersas. Por outro lado o movimento dos comboios está a ser afectado, porquanto a sua circulação, em certas zonas, tem de ser feita com a maior precaução.



Entre Porto Alto e Samora Correia a água cortou a estrada e não dá passagem. Agora só de barco

A linha do Douro continua interrompida

PORTO, 15 — A linha férrea do Douro, entre a Régua e Barca de Alva, continua interrompida por um enorme pedregulho que ontem, cerca das 10 e 12 se despenhou na via, perto de Ferradosa, e destroçou completamente uma carruagem integrada no comboio 6251, que seguia em direcção ao Pocinho e que, felizmente, circulava vazia.

A brigada de via e obras da C. P., que da Régua seguiu logo para o local, continua a empregar esforços no sentido de desobstruir a linha. Entretanto, e dado o grande volume do pedregulho, prevê-se a hipótese de só amanhã de manhã aquela estar desimpedida.

O tráfego mantém-se mas há a necessidade de se proceder ao transbordo de passageiros.

Efectuam-se hoje os funerais dos três homens que morreram na Azambuja

AZAMBUJA, 15 — Efectuam-se esta tarde os funerais dos três homens que morreram na cave da Adega Agrovil, no momento que águas das cheias destruíram uma parede e inundaram o recinto. Os corpos das vítimas foram ontem autopsiados e esta manhã, ás 13 horas, realizou-se missa de corpo presente, que teve larga concorrência de população, muito consternada em virtude do acontecimento. Depois da missa saem os funerais de Manuel Sequeira e José Vaz Dias, para o cemitério de Azambuja, e o de José Carlos Carvalho de Miranda para jazigo de família no cemitério do Alto de São João.

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava em geral muito nublado e o vento era fraco a moderado de Noroeste; caíam aguaceiros em todo o território.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE, ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Régua, 17°; mínima: Penhas da Saude, — 2°.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 8°; Penhas Douradas, — 1°; Coimbra, 7°; Portalegre, 4°; Lisboa, 8°; Faro, 18° e Funchal, 14°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 11°,5; na água do mar, 14°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu por períodos muito nublado, vento fraco a moderado de Noroeste, por vezes com rajadas; aguaceiros diminuindo progressivamente de intensidade.

Amanhã
Nascer ás 8 e 54
Ocaso ás 18 e 40

Dia 22 Dia 30 Dia 6 Dia 13

MARÉS:

PREIA-MAR: **Dia 15** — 10 e 17 (3,5 m); 22 e 58 (3,3 m). **Dia 16** — 11 e 20 (3,3 m). **Dia 17** — 0 e 01 (3,3 m); 12 e 40 (3,3 m). BAIXA-MAR: **Dia 15** — 3 e 37 (1,5 m); 16 e 21 (1,6 m); **Dia 16** — 4 e 50 (1,6 m); 17 e 30 (1,6 m). **Dia 17** — 6 e 07 (1,7 m); 18 e 40 (1,7 m).

As indústrias de conservas ameaçadas pelo mau tempo

PORTO, 15 — Os portos nortenhos continuam encerrados á navegação, á excepção do porto de Leixões. Em virtude desta consequência do mau tempo torna-se aflitiva a situação dos pescadores que, com as embarcações de pesca abrigadas nos seus ancoradores, vêm-se forçados, como tantas vezes sucede, a recorrer ao fiado.

Há já oito dias que as traineiras de Matosinhos não vão ao mar. Se não se verificar nestes dias mais próximos melhoria das condições meteorológicas atingir-se-á o período do defeso da pesca da sardinha — que se iniciará no fim do corrente mês —, o que ocasionará graves transtornos não só aos pescadores mas também á industria das conservas, já bastante afectada pela exiguidade das ultimas safras.

Entretanto, sairam para o mar os arrastões da praça de Matosinhos, que têm sido os unicos a trazer algum peixe para a lota.

O rio Douro voltou a subir

As informações vindas da Régua não são nada animadoras. O rio Douro voltou a subir e esta manhã ás 9 horas estava com 8,36 metros, acima do seu normal, com tendência a crescer ainda mais.

Contudo, no cais da Ribeira e nas artérias marginais, a vida processa-se com normalidade, muito embora todos tenham os olhos postos no grosso caudal do rio...

Biafra: As causas da derrota

(Continuação da 1.ª página)

guém, esta atitude geral dos biafrenses.

Logo a seguir á secessão, em Maio de 1967, alguém perguntou a Ojukwu se o major-general Yakubu Gowon, o dirigente federal, estaria a fazer *bluff* com a sua ameaça de invadir o Biafra e esmagar a rebelião.

— Não! — **respondeu** Ojukwu — **Não me parece** que ele esteja **a fazer** *bluff*. **Fazer** *bluff* pressupõe uma **certa** dose de inteligência.

Os biafrenses supunham, também, que as tribos da Nigéria não se manteriam coesas o tempo suficiente **para** prosseguirem uma guerra, com êxito.

Mas, se tivessem previsto a luta sangrenta que se seguiu, teriam pensado duas vezes acerca da secessão e ter-se-iam batido por uma forma de autonomia limitada dentro da Federação nigeriana.

Os biafrenses confiavam plenamente em que poderiam resistir a qualquer ameaça nigeriana — essa confiança era total mas falsa.

Enquanto a guerra prosseguia e a boa estrela se apagava, os biafrenses tiveram muitas oportunidades de negociar um acordo com o Governo Federal, o qual lhes teria dado muitos mais direitos dos que agora podem esperar.

Mas os biafrenses, animados pelas suas ilusões românticas, recusaram obstinadamente. Acreditavam pura e simplesmente em tudo quanto os missionários lhes tinham ensinado na escola: a razão acaba por vencer, Deus há-de salvá-los, o povo bom do mundo não deixará, indiferentemente, que a injustiça continue o seu caminho.

Mesmo com todos os seus erros de cálculo, baseados na arrogância e no romantismo, os biafrenses estiveram quase a conquistar a sua independência, ou, pelo menos, um certo grau de autonomia.

Os biafrenses foram incapazes de ver que as potências do mundo não iriam deter os nigerianos. Entendiam que tinham sido vítimas de graves atentados á sua dignidade. Em 1967, as tribos do Norte tinham massacrado 300 000 ibos, o que veio precipitar a secessão. Mais de um milhão de pessoas, na sua **maioria** crianças, morreram de subnutrição e fome, em consequência do bloqueio federal. Os biafrenses pensavam que os bons cristãos do mundo não tardariam, decerto, a acabar com isso. Inteligentes e educados como eram, os dirigentes de Biafra nunca se aperceberam das realidades políticas de um mundo duro e nada romântico.

Nos primeiros meses da guerra, os biafrenses, num ataque de surpresa, atravessaram o Niger e invadiram o território federal, chegando a uns 170 quilómetros de Lagos. Alguns observadores pensam que nesse dia, se os biafrenses tivessem continuado a sua marcha, podiam ter tomado Lagos e derrubado o Governo. Mas, surpreendidos com o seu próprio êxito, sustaram o avanço. Daí a poucos meses eram rechaçados para Biafra.

Com 150 000 homens para 40 000 e com o emprego de enormes fornecimentos de armas, vindas da Inglaterra e da União Soviética, os nigerianos atacaram Biafra em três frentes ao mesmo tempo.

Incapazes de ripostar á força de combate, e enfraquecidos por **quase** dois anos de fome, os biafrenses acabaram por ver que as suas ilusões já não podiam mantê-los por mais tempo. E foi o colapso.

SAIU HOJE

motor

COM UM SUPLEMENTO ESPECIAL DEDICADO AO XVI RALLYE NOCTURNO DO SPORTING

Neste número poderá ainda ler:

- SEGURANÇA NO TRÂNSITO (eng. Farinas de Almeida)
- OS 7 CAMPEÕES NACIONAIS
- O GRAMA GIRATÓRIO (Bandeira de Lima)
- PARA UMA REESTRUTURAÇÃO DO AUTOMOBILISMO PORTUGUÊS — DEPÕE MÁRIO DE FIGUEIREDO (Avelãs Coelho)
- GRUPO 1 — DA LÓGICA À REALIDADE (J. Filipe Nogueira)

As habituais secções, profuso noticiário e

TUDO SOBRE O RALLYE DE MONTE CARLO

PREÇO 2$50

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

N.º 595/15 DE JANEIRO DE 1970

HOJE, NAS PÁGS. INTERIORES

TEXTOS DE ANTÓNIO RAMOS ROSA, ALEXANDRE O'NEILL, ALEXANDRE PINHEIRO TORRES, ROCHA DE SOUSA E VASCO GRANJA, ALÉM DE UMA NOVA SECÇÃO («AUTORES DE HOJE») E DAS SECÇÕES HABITUAIS («O CINEMA QUE VEMOS», «EXPOSIÇÕES» E «PRONTUÁRIO DAS LETRAS»). PARA A SEMANA HÁ MAIS... É SÓ QUESTÃO DE LER.

Na morte de

Régio

por Vergílio Ferreira

MORTO RÉGIO, cuspiu-se-lhe razoàvelmente em cima. A coisa, aliás, começou um pouco mais cedo — por altura da fábula do leão moribundo. Não tive com o poeta relações de amizade. Pràticamente, uma só vez falei com ele, há uns vinte e tantos ano. E a recordação que me ficou disso não é boa. Há todavia a obra e, quanto à obra, estando longe, como é óbvio, de lhe admirar tudo, admiro-lhe profundamente o todo. Mas quem ignora que mesmo a obra de um grande génio, como Picasso, tem desde já uma grande margem de desperdício? Perguntaram um dia a Faulkner quais os maiores escritores da América. Faulkner disse: A, B e C (já não recordo quais) — e ele. Porque — acrescentava — a grandeza de uma obra não está só na sua grandeza: pode estar também no seu fracasso... O que não é o caso de Régio. Nem de Faulkner, evidentemente. Mas o que me força a escrever não é o desejo de prová-lo, necessàriamente inatingível num curto escrito como este; o que me força a escrever é introduzir uma breve nota discordante neste estridente coro de assobios. Que poucos escritos, ao que li, são discordantes comigo. Relembro entre outros um breve apontamento de José Cardoso Pires, uma evocação comovida de Urbano Tavares Rodrigues, uma homenagem (e protesto) de Natália Correia.

Uma vez morto um escritor, ele entra forçosamente no Purgatório. É essa a lei da vida, ou seja, da morte de todo o artista. Do Purgatório subirá ao Paraíso da glória — se pode falar-se ainda em «glória» — ou se apagará definitivamente no rio do esquecimento. Com Régio, porém, o Purgatório começou mais cedo, como disse. É a lei da pressa com que tudo hoje se esgota, porque precisamente nada leva tempo a esgotar. O nascimento dos filhos é a morte dos pais — disse Hegel. E bom é que assim seja, para que a vida se continue sem excessiva monotonia. Mas se o nascimento dos filhos é a morte dos pais, não é decerto o seu assassinato. O que todavia mais perturba em tudo isto é uma implícita e ingénua convicção dos que os «assassinam»:— de que, se os filhos «matam» os pais, eles próprios, filhos, não virão um dia a ser «mortos».

É-me impossível, repito, num breve e apressado apontamento, explicar porque muito admiro Régio. Teria, aliás, para isso, de (re)ler toda a sua obra. Mas um Jorge de Sena, pelo menos, e ao que suponho, vai ocupar-se demoradamente do escritor. E ninguém melhor, decerto, do que ele para o fazer. Porque há, além do mais, que confrontar uma vez ainda José Régio com o *Orfeu*, mormente com Pessoa (com quem teimosamente é sempre confrontado) para sabermos definitivamente se «em globo» lhe foi muito inferior — para sabermos sobretudo em que é que ele próprio *recusou* esse confronto. Que o *Orfeu* não foi só um Pessoa, mas pelo menos também um Sá-Carneiro. E com esse, Régio estabeleceu de facto um diálogo. É um diálogo que se não pôs ainda suficientemente em evidência, não tanto, talvez, por não ser evidente, como por não ser evidente a grandeza de Sá-Carneiro — que assim o merecesse — enquanto sobre ela pesar a sombra densa de Pessoa. Há que determinar o que deve a Régio o ensaísmo moderno e o teatro (o maior de hoje, diz Luís Francisco Rebelo — que sabe do que fala) e o romance e *mesmo* (poderei dizer «mesmo»?) a poesia.

E no entanto, um autor pode estar todo num só livro. O génio é «monótono» —Régio o lembrou. Essa «monotonia» foi a sua. Ela o será menos sensível, talvez, quando toda a sua obra vier a ser lida *em bloco*. Porque a monotonia dele é a de um Camilo, de um Eça, mesmo (ou sobretudo?) de um Pessoa.

E eis que, repassando à pressa os seus livros (mas outros o terão já dito possivelmente), sofro o impacto desse breve instante de génio que é *Mário ou Eu próprio — o Outro*. E toda a vasta obra de Régio se me ilumina. Tal peça dramatiza esse terrível poema *O Fim* — Sena o lembrou; mas origina-se numa novela de *O Céu em Fogo* que o próprio Régio dir-se-ia ocultar ou ocultar-se. Porque o próprio seu estudo magistral sobre Sá-Carneiro não alude, parece-me, sequer a tal novela. E todavia estará aí a génese de toda a obra do mesmo Régio. Assim essa pequena peça é o vértice de toda ela. Um pouco supérfluos serão assim os Prefácios e Posfácios com que o autor a turbou. Até porque o que ressuma de tais escritos é menos um desejo de esclarecimento do que um desejo de engrandecimento. Bom Régio. Como esse Posfácio a *Poemas de Deus e do Diabo* — refundido meses antes de morrer — é suficientemente irritante. Fosse ele sensível ao menos não à vaidade, mas ao orgulho — que é do género masculino... O pior da obra de Régio não é a obra mas *ele próprio*. Quando se esquece de si e deixa a obra ser livre (para sermos livres nela) é que essa obra sobe ao máximo. É tal erro visível sobretudo na prosa (ou no que como prosa passou aos versos), porque é sobretudo aí que ele *governa* a sua expressão. Exceptuamos disso a maior parte do seu teatro. Mas o teatro, mesmo em prosa, nunca foi «prosa».

O único grande tema de Régio é o confronto dele consigo, como vàriamente se terá dito. Mas isto que

(Cont. na pág. 6)

Régio durante as filmagens de «La Jeune Morte», de Claude Faraldo (foto de Ernesto de Oliveira)

Descoberta da poesia de Alfredo Guisado

por Urbano Tavares Rodrigues

AO ESCREVER DE PARIS a Alfredo Guisado em carta datada de 20 de Julho de 1914. «Não imagina como me orgulho de as suas poesias se incluirem na mesma escola que as minhas obras e as do Fernando Pessoa», Mário de Sá-Carneiro emitia um juízo crítico de indubitável valor, que me apraz aqui registar no início desta breve tentativa de interpretação estética, não porque careça de autentificar a minha opinião, mas para plantar uma das estacas que no tempo delimitam a mais lúcida e penetrante compreensão da poemática de Alfredo Pedro Guisado. O segundo marco, após um longo período, senão de esquecimento, que não será bem o caso, de alheamento desta lírica (alheamento para o qual o próprio poeta terá contribuído, negando-se até agora à reedição dos seus livros) foi Oscar Lopes quem o fixou ao escrever: «O mais injustamente esquecido dos poetas do «Orpheu» é Alfredo Pedro Guisado.» Oscar Lopes destaca sobretudo a «inventividade da metáfora» e o «equilíbrio do gosto» nos sonetos publicados em «Anfora». Chama também a atenção para o carácter imaginativo e original do saudosismo de Alfredo Guisado, para as suas liberdades lexicais e sintéticas e, acompanhando o curso da sua obra, adere com veemência ao poder evocativo e à ternura dos versos galegos de *Xente d'Aldea*, onde detecta poesias de resistência à exploração social que poderiam classificar-se de «exemplarmente neo-realistas.»

Se intentarmos uma pesquisa de temas e motivos nos livros de Alfredo Guisado vai-se-nos deparar, para além dos tópicos o saudosismo decadentista, o carácter radicalmente incerto e problemático do ser e do acontecer («E sei que existe quando em lagos inquietos me debruço»). O medievismo é apenas uma convenção que serve a análise pessoal dos sentimentos, a descoberta constante do efémero, do fugaz, a permanente transformação de entes e coisas. Incessantemente, na poesia de Alfredo Guisado, o «eu» é posto em causa («E sinto minha lágrima de seda / serem mãos com que alguém me afaga o rosto»). Também Deus e a Religião são apenas motivos de comédia estética, não raro paradoxal («...Cavaleiro que de falar na cruz é mais pagão»). A despersonalização toma um cunho dramático, por vezes mesmo histriónico, em paisagens de pura tapeçaria meros cenários com alas da rainha, deuses e reis do Egipto, palácios onde «o medo é o bobo do silêncio.» O que importa são apenas as imagens refractadas, o que através da ousadia metafórica ou das regências anómalas («Apagaram-se bronzes os cirios que sonhara») nos transmite a intercomunicação secreta das coisas: o poeta assistindo aos fenómenos do seu existir e lançando-se aos pedaços a espelhos mágicos com áurea moldura, que parecem sumptuários e afinal abrem suas portas para outro universo.

A propósito desse valor fenomenológico, atente-se em «Cair da Tarde», o mais patúlico, o mais exasperado dos

(Cont. na pág. 2)

Prosador di lá, poeta de cá

Guimarães Rosa

UM DOS MAIORES escritores de sempre da língua portuguesa morreu há dois anos debruçado sobre a escrivaninha onde retocava a sua última obra. Para João Guimarães Rosa, ficcionista, diplomata, reinventor do verbo e andarilho impenitente das terras sertanejas, o fim veio a um domingo em que — escritor de todas as horas, criador infatigável — **impava** a ganga de **«Histórias de Vovô»**.

Evocou-o em fins de 1968 a embaixada brasileira em Lisboa com uma exposição biobibliográfica (inaugurada na presença da filha, também escritora) e uma série de conferências a cargo de Adónias Filho, Óscar Lopes, Curt Meyer-Clason e Vitor Manuel Aguiar e Silva. Os textos destas últimas foram agora reunidos no pequeno volume simplesmente chamado «**Guimarães Rosa**», primeira edição do Instituto Luso-Brasileiro. Trata-se de um auxiliar precioso para os leitores portugueses da obra roseana, que encontrarão boas achegas no que respeita à estrutura da sua ficção ao estilo do autor e às dificuldades de transposição (caso de Meyer-Clason) deste universo, só à primeira vista impenetrável, para uma língua estrangeira.

O poeta Aleixo

FOI PASTOR de cabras, cauteleiro, homem de ofícios pobres ou menos que isso. Do Algarve, onde era já conhecido, veio tratar-se perto de Coimbra (Sanatório dos Covões), e ali cresceu o respeito pelo poeta quase iletrado: António Aleixo de seu nome, aquele que disse uma vez «*de vender a sorte grande. / confesso, não tenho pena: / que a roda ande ou desande / eu tenho sempre a pequena*».

Pois de Aleixo — o poeta Aleixo — está finalmente reunida a obra completa. Reunida e á venda em Lisboa, com distribuição da Bertrand. Título: «*Este livro que vos deixo.*» O volume custa 60$00, juntando na mesma capa as quadras de «*Quando começo a cantar...*» e «*Intencionais*» e trução civil Vitalino Martins Aleixo, que acaba de regressar do Canadá.

Apesar da sua hora de os três «*Autor*» («*da vida e da morte*», «*do curandeiro*» e «*do Ti Jaquim*»).

Entre outras boas vontades o livro completo de Aleixo deve-se também a um dos seis filhos vivos do poeta (nasceram catorze ao todo), o operário da construção civil Vitalino Martins Aleixo, que acaba de regressar do Canadá.

Apesar da sua hora de glória (póstuma) no Zip-Zip, Aleixo continuava praticamente inacessível: nove mini-edições de quatro obras haviam-se esgotado ao longo dos anos. Aí estão, por fim, quadras e autos reunidos, com a inclusão de um inédito que é o «*Auto do Ti Jaquim*». Urgente: (re)descobrir esta voz singular onde habitava um genuíno talento.

António Aleixo

Colóquios sobre cinema

Para se discutir «o que tem sido o Cinema em Portugal; o que é o Cinema em Portugal; o que deveria ser o Cinema em Portugal», o Cineclube Imagem organiza um ciclo de colóquios, a realizar na Sociedade Nacional de Belas Artes, pelas 21 e 30 horas dos dias 16, 19 e 27 do corrente.

Assim, amanhã, 16, Manuel Neves e Seixas Santos serão os animadores do debate (que se pretende o mais concorrido possível) sobre a «Evolução (da actividade cinematográfica) na última década, em Portugal». No dia 19 debater-se-á a «Situação Actual do Cinema, em Portugal», tomando a palavra, entre outros, Henrique Espírito Santo, Manuel Ruas, Fernando Lopes e Sérgio Ribeiro.

Finalmente, no dia 27, Vítor Silva Tavares, Adelino Cardoso e Correia da Fonseca falarão das relações entre o Cinema e os outros meios de informação, a TV e a Imprensa.

Descoberta da poesia de Alfredo Guisado

(Cont. da pág. 1)

poemas de Alfredo Guisado, que é, ao mesmo tempo, uma obra-prima como realização orquestral do soneto na nossa literatura:

«Comungo luz ao sol-poente em frisos
[de oiro...
Todo o meu ser regressa a mim para
[voar...
Abraço-me de mim. Rezo-me em som-
[bras, a arfar
No meu olhar teu riso enferma em rosas
[de oiro.

Nos meus braços em cruz, perdido de
[ânsia expiro...
E quem encerrará meus olhos fitos longe?
E a minha alma depois divagará em
[monge
Na voz doce, febril, das fontes que deliro.

Desce por mim a tarde. Enluto o teu
[olhar.
Tudo perdi. Sou claustro Ardo em meu
[Ser a orar...
E o meu olhar abraça um horizonte em
[calma...

Tarde! Roxa presença; Enroxecendo
[ensombra...
Virgem do meu Sonhar, freira dos véus
[de sombra,
Velhinha que teceu a ideia da minha
[Alma!

No seu estudo «L'Imaginaire — Psychologie phénoménologique de l'imagination», escreve Sartre que o objecto em imagem é uma irrealidade. É certo que está presente, mas está, ao mesmo tempo, fora de alcance. Não posso nem tocar-lhe nem mudá-lo de lugar: ou, por outra, posso, de facto, fazê-lo, mas com a condição de o fazer irrealmente, de renunciar a servir-me das minhas próprias mãos para recorrer às mãos fantasmas que distribuirão a esses rostos golpes irreais: para agir sobre esses objectos irreais é forçoso que eu próprio me desdobre, me irrealize. De resto, nenhum desses objectos exige de mim uma acção, uma conduta. Não são pesados nem confrangedores, nem incómodos: são pura passividade, esperam.

Ora na poesia pampsiquista de Alfredo Guisado, tão depressa expectante como alucinatória, o fundamental é esse acto de irrealizar-se, em que o pormenor e a construção são infinitamente mais importantes, mais reveladores do que aquilo que aparentemente se diz. Destaquemos por exemplo alguns versos-chaves: «As minhas mãos, praias de mim, bem longes» ou «Sou a tocha onde acenderam / Meus cabelos esparzidos» ou ainda «Adivinho-me além, noutra paisagem / / onde o luar me reza de joelhos».

Óscar Lopes apontou já, com justeza, o mundo de coisas-almas, o neoplatonismo subjectivista desta poesia de dissolução da personalidade, onde coruscam joalharias verbais do tipo das de Oliveira Soares e de Eugénio de Castro (e das de Albert Samain), mas onde igualmente se nos depara uma consciência nova da imprecisão e do fantástico da imagem, que achamos igualmente em Mallarmé e entre nós só em Fernando Pessoa: «E agora com as mãos do meu lembrar-me / Traço gestos nos quais vou encontrar-me / Gestos arcadas calculando risos...» Do mesmo modo se observa a percepção fenomenológica daquele «fantástico» em sinestesias táctéis-visuais como «Sentia a cor ser cetim/Passando entre as mãos e as rosas» ou na iluminação moral dos «gritos brancos», do «ruído luar dos teus afagos», de sensações intelectualizadas: «E eu sinto que rezam cor / os lábios da minha Dor.»

É mais na revolução sintáctico-psicológica (que Fernando Pessoa levaria às suas últimas consequências) do que nos requintes verbais de uma arte esotérica que o melhor de Alfredo Guisado transparece: «Em tronos de ópio que voaram céus / e a sua cor é o estar a olhá-los Deus.» Temos assim a consciência do artista perante a complexidade de um existir dividido, difuso, só em fenómeno apreendido: «Sou distância de mim sobre os outeiros», «Passa um galope errante de corcéis / Regressando ao ser eu em véus de palma», «Em vossos olhos se acalma o mistério de o perder», «Há tanto tempo o buscamos / Que nossos braços cansados / Sobre o não vê-lo os deixamos», etc.

Aspecto bem mais decisivo para uma compreensão profunda da poesia de Alfredo Guisado do que os motivos de bordado para a palavra — as fiandeiras, as rocas, as princesas e os pagens, os bufões, as rainhas friorentas — são os valores órficos da sua expressão simbolista, as suas «harmonias de órgão», tão patentes, por exemplo, em «O Lamento das Harpas» ou em metáforas paúlicas, todas arrepiadas de aliterações, correspondências vocálicas, ecos nasais: «E eu próprio sou um guizo agonizando / Minha boca é a fresta desse guizo / Onde um pagem vermelho anda chorando». Ou em «Guarda os passos em seu seio / Pra que se alguém a seguir/Não possa encontrar-lhe os rastros».

Por vezes surge-nos em Alfredo Guisado, a um nível de misticismo estético, o clima sebástico que da realidade social transmigrou para tema literário: «Arqueia-se em azul meu próprio misticismo / E eu fico apenas cor sobre vitrais vencidos», ou, ainda mais declaradamente, em «A sempre Velada»: «Acordei há momentos. Desci Cristo. / Venho de Deus, regresso ao meu império. / E sinto que ceguei de tê-la visto / Quando embarquei de mim para o Mistério». Outras vezes, na aventura a que o arrasta um «formalismo» que é tão-só empenho absoluto na palavra como instrumento de revelação, de desvendamento do real, Alfredo Guisado ronda a ideia da metempsicose («Outrora») ou mete pelas sendas do onírico, como no excepcional soneto «Sonho Egípcio», onde tudo é ilusório, vago, mutuante, onde sentimos que o próprio poeta, mais do que a palavra (que é igualmente trânsito) está em movimento, como sinal obscuro, para algo que se lhe furta. Neste soneto, que principia por marteladas aliterações de consoantes bilabiais surdas, depara-se-nos um ser da linguagem, um «dizer» através do qual o ser se nos oferece:

Alfredo Guisado na hora de «Orpheu»

«No palácio, os pavões são apenas dizê-
[-los...
As asas cor do longe, erguidas sobre
[mim.
Existem os pavões... O meu sentir-me
[é vê-los,
E o meu sonhar-te, além, são lagos no
[jardim.

Quando passei no parque eu encontrei
[Nitócris.
Vi-a. Fitei-lhe as mãos para poder sen-
[ti-las...
Meus olhos foram naus em águas in-
[tranquilas,
Meus sentidos, anéis nos dedos de Ni-
[tócris.

Labirinto de sons. Adormeço-me oiro.
Ânsia apagada. Deus desce minha alma
[em oiro
Meus olhos para te ver, arcadas nos
[espelhos.

Rezas que nunca ouvi. Hálitos de Sau-
[dades.
E as tuas mãos, ao longe, surgindo di-
[vindades,
Cismam Ibis, pagãos, sobre tapetes
[velhos!

Importa, para a compreensão profunda de uma poesia que respeita de muito perto ao fundo do problema dos processos da comunicação, não nos determos no que poderíamos chamar com propriedade, mas superficialmente, o extraordinário talento verbal de Alfredo Guisado, nem no seu barroquismo conceptual («Balada de Portugal»), na sua personalização das abstrações («E a lua faz lembrar branca medalha / No pescoço da Noite e da Saudade») ou na convergência das artes que os seus versos documentam («Baila o silêncio a cor das lantejoilas», ecos que «são vidros a cair sobre marfim», etc.), mas sobretudo na fusão do passado e do presente, na expressão desse «eu transcendental» definido por Vossler no seu conceito de comunicação existencial. Eis como se nos oferece em Alfredo Guisado a profundeza da comunicação: «E o seu lembrar-se de andar / outro a fechar janelas / agora as anda a fechar». Com mais luxúria vocabular e aparato parnasiano no soneto Mikerinos:

«Há dentro dele a múmia de outro rei,
Um outro Nilo, uma outra Antiguidade,
Uma Mênfis de bruma, outra cidade
Onde fui sacerdote, onde habitei.»

Todo o soneto «Horas», de qualidade premonitória é, sob este aspecto, igualmente importante E tantas das regências anómadas de Alfredo Guisado: «Chuva caindo com calma sobre o meu nunca te ver», «Oiro sobre o meu esquecer-me / As minhas mãos no teu ver-me»; «Íbis voando cansados / sobre o meu sonhá-los longe»... Ora o eu transubjectivo se explicita com certa ossaturas lógica («Estou á janela de mim para me poder ver passar»), ora se torna em visão demiúrgica, descortinando faculdades anímicas nas coisas, subtilizando-se, como no soneto «A que falava com os lírios» «Que frio de julgar-me ao pé dos lírios! / Regresso-me. Sou ânsia. E posso ver / Que sendo a mesma, entre longínquos círios / Dentro em outra me formo para outra ser». O mesmo jogo de agudezas em «Se choro, chove-me a alma», verso aliás situável, até certo ponto, na linha de um panteísmo esteticista, tal como as conotações indubitàvelmente originais de «Ondeiam cortinando varandins», «Seus dedos prendem gestos mais morenos» ou «E a sua ausência vai de novo á fonte» «E os nossos dedos movem gestos vãos». Mas é mais patente, em meio de tanta lagoa absorta, de tantas portas de âmbar fechadas sobre o mar, o valor gnoseológico de versos como «As águas meditam céus / E o seu olhar dorme um cisne». O estoirar da disciplina semântica e sintáctica, mau grado o cortejo tradicional dos «sentidos doentes», dos «objectos de seda», jardins, alfombras, fios de água, etc., é que confere à poesia extremamente musical e por vezes invulgarmente bela de Alfredo Guisado o seu carácter de estranho mapa de sensações. Ainda que, pelo meio das lanças, dos corcéis e dos aros de névoa desta poesia heráldica haja que destrinçar constantemente os figurinos de uma arte exímia, não isenta de convencionalismo, e os fantasmas de uma prodigiosa, maravilhosa luta do poeta entre a palavra e a não-palavra, que visa à restituição absoluta do real.

URBANO TAVARES RODRIGUES

Um Programa para Contar

por Rocha de Sousa

JOÃO ABEL MANTA, FERNANDO CONDUTO e SÁ NOGUEIRA
Galeria Interior

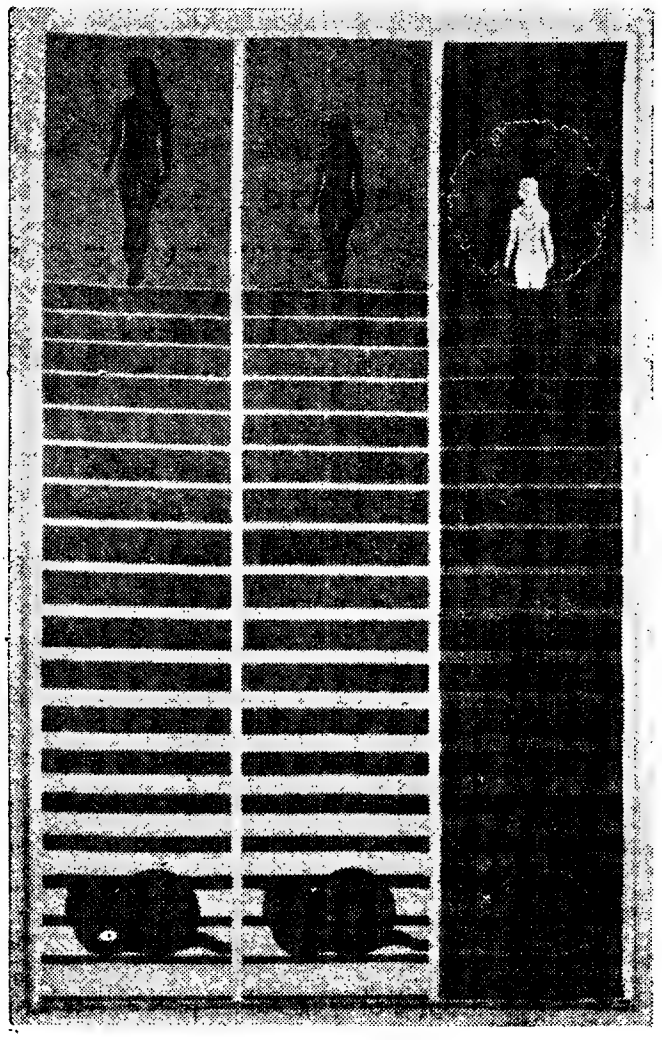
NO TEXTO de introdução à exposição pode ler-se:

Sem existir qualquer hiato nas suas actividades normais e por que são conhecidos. Contudo, João Abel Manta e Sá Nogueira expõem «objectos», tecidos aplicados e vitrais, que se extrapolam do seu universo imagético procurando corresponder a uma proposta da Galeria para que fossem conjugados os interesses comerciais com os artísticos. Do desencontro, ou aparente encontro, entre os aspectos comerciais e artísticos, nas ópticas da Galeria e dos artistas, resulta uma exposição que ambos, a níveis diversos por vezes coincidentes, põem em causa mas é consequência da situação conjuntural de uma determinada estrutura.

Da clivagem das situações e das intervenções surgiram os objectos expostos, da produção artesanal na procura de semi-industrialização, integrados numa abordagem de outros problemas ditos de ordem decorativa, que lúcidamente recusam, surgindo como caminho paralelo ou divergente na totalidade da obra dos expositores.

A validade é encontrada ao nível experimental da sintaxe que se integra nas pesquisas realizadas pelos artistas para manterem a coerência das sus propostas. O que se expõe são os mitos menores, reflexos dos objectos-ícones com que mantemos uma relação quase apaixonada, na verificação do que nos envolve.

É essa a relação mais detectável com a obra que os artistas reclamam sua. É também essa a leitura possível, e talvez a que os produtores desejam, que nos é permitida perante os vitrais, «objectos» e tecidos aplicados expostos ou comercializados por Sá Nogueira, Conduto e João Abel Manta, que mantém a legitimidade das obras classificadas de arte e não têm o carácter efémero dos objectos artesanais.



João Abel Manta: aplicação de tecidos

Num apêndice ao catálogo da exposição pode ainda ler-se:

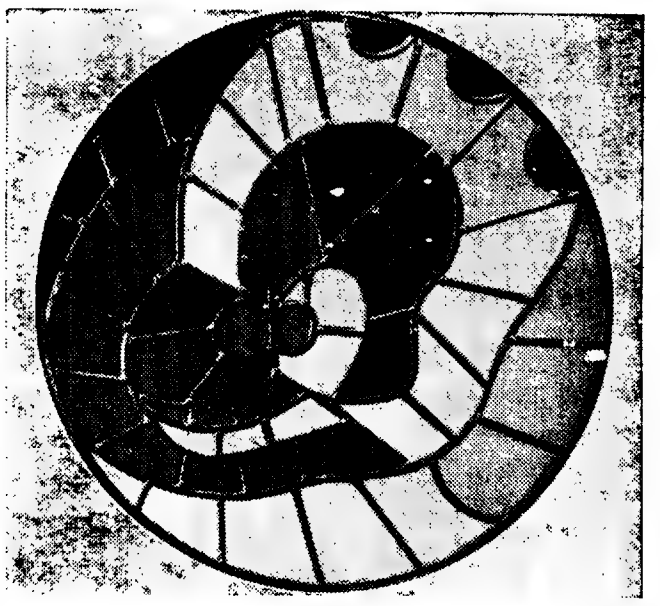
Próximas exposições: Charrua (Janeiro); Maria Velez (Fevereiro); Sá Nogueira (Março). Todos estes autores vão expor pintura. Conduto mostrará escultura e objectos em Abril. Em Maio será a vez de João Abel Manta expor desenho e pintura. Em Junho haverá uma exposição colectiva dos seis autores ligados á galeria, todos os já citados e ainda António Sena.

O PROGRAMA

Ao tomarmos subitamente contacto com este programa, não resistimos á tentação de o transcrever da própria letra que os autores lhe emprestaram, por pensarmos que essa responsabilidade lhes cabe por inteiro e por entendermos ainda que só a eles devemos pedir uma definição de tal natureza. Por tal texto julgamos poder entender que os autores em causa mantêm as suas reservas em relação á situação conjuntural do mercado, mas pensam que está no domínio das suas atribuições, igualmente, a tarefa de desmistificar duas realidades em geral aceites sem grande controvérsia: a dos produtos de uma obra dita decorativa e a dos limites *aristocráticos* da produção artística comum. Pela exposição programada na Galeria Interior ficamos a saber que os artistas ali agrupados entendem como possível e até desejável uma determinada produção que, sem os desvincular da sua experiência conhecida e da sua pesquisa plástica, os situe provisoriamente num canal de outra natureza, onde as exigências são também de outro tipo mas onde os resultados não devem ser considerados menos nobres no seu objectivo e na sua estrutura formal. De uma forma sumária, é feita uma abordagem decisiva ao mercado lisboeta na presente situação e é constituída uma realidade que põe mais uma vez em causa a definição dos géneros e um escalonamento obsoleto que em relação a eles ainda parece vigorar.

Não há duvida que a experiência se pode considerar aliciante a muitos níveis e afigura-se-nos que ela não foi tentada entre nós senão de uma forma marginal ou sobremaneira equívoca, isto é: desviando-se para um campo de

(Cont. na pág. 6)



Sá Nogueira: Vitral

Poliakoff na «111»

A Galeria 111, prosseguindo o seu programa de exposições para a presente temporada, apresentou uma significativa exposição de litografias de Poliakoff, que termina no próximo dia 22. Para além da representatividade da obra de Poliakoff, que, naturalmente, corresponde a uma dimensão histórica no plano da pintura abstracta, sublinha-se aqui o papel da 111 ao trazer a Portugal artistas estrangeiros de importância reconhecida, o que, apesar dos limites impostos ao tráfego de obras de arte, tem de facto um interesse didáctico e comercial de primeira ordem.

Para além desta exposição, a Galeria 111 fez alvo, nas suas instalações da cave, de uma apresentação de tapeçaris de Manuel Casimiro, iniciativa que merece ser ponderada de futuro com obras de outros autores e de maior importância estética no domínio em referência.

No dia 23, a Galeria 111 inaugura duas exposições simultâneas, uma com trabalhos de Jasmim numa figuração que recupera o detalhe e o pequeno objecto, atingindo uma veia sarcástica contundente, e outra do pintor Eduardo Nery, na continuidade de uma obra cujo rigor experimental é justamente reconhecido entre nós.

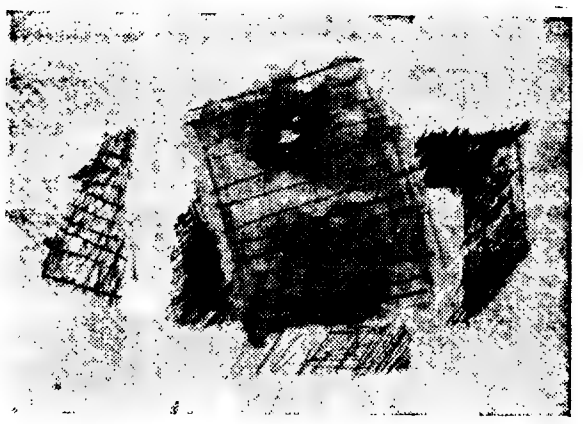
Em relação à actividade das outras galerias, há a assinalar para Fevereiro, na Buchholz, um exposição sobre a obra de António Pedro. Na Galeria Judite Dacruz, em data que se deve confirmar depois da presente exposição de João Vieira, inaugurada no dia 12, deve ser apresentada parte do trabalho mais recente do pintor e gravador João Hogan. Também a Galeria de Arte Moderna, da S. N. B. A., e após a exposição de pintura de Noémio Ramos, aberta no dia 13, apresentará pinturas de Leonor Praça, na primeira quinzena de Fevereiro.

EXPOSIÇÕES

GALERIA INTERIOR *Rua Camilo C. Branco*	**JOÃO ABEL MANTA, SÁ NOGUEIRA E CONDUTO,** numa exposição de aplicação de tecidos, vitrais e «objectos», segundo uma linha que se dirige de um modo particular a novas tendências de consumo.
GALERIA JUDITE DACRUZ *Rua do Alecrim*	**JOÃO VIEIRA,** pintura e objectos, numa tentativa de renovação empreendida pelo autor em torno dos problemas habitualmente postos pela sua pintura.
GALERIA DE ARTE MODERNA S. N. B. A. *Rua Barata Salgueiro*	**NOÉMIO RAMOS,** um jovem autor com pintura que se inscreve numa linha neo-figurativa, procurando penetrar irónicamente na realidade envolvente, aí se comprometendo.
GALERIA 111 *Campo Grande*	**POLIAKOFF,** com litografias que ilustram as tendências mais conhecidas da sua obra. **MANUEL CASIMIRO,** com tapeçarias de certo apelo sensorial, mas cujo valor plástico se denuncia pela desigualdade.
GALERIA QUADRANTE *Av. Luís Bivar*	**ANTÓNIO FERRAZ e PAIZANA,** numa exposição em que o trabalho de equipa aparece enunciado e em que a criação de objectos dinâmicamente articula os problemas do espaço e da percepção.

AUTORES de HOJE

ANTÓNIO SENA



ANTÓNIO SENA nasceu em Lisboa, em 1941. O primeiro aparecimento público da sua obra, num sentido já significativo, fez-se em 1964, por intermédio da Galeria 111 e da Sociedade Nacional de Belas-Artes. Nessa data, expôs pela primeira vez individualmente na Galeria 111 e participou nos salões Claro-Escuro e da Primavera da S. N. B. A. Em 1965 voltou a expor na 111 e na galeria Divulgação, integrando-se igualmente no Salão de Novembro (desenho) da S. N. B. A. Nesse mesmo ano expôs no Porto, também na Divulgação. António Sena participou entretanto na VIII Bienal de Tóquio e no 1.º Salão de Verão da S. N. B. A. Participou ainda no II Salão de Novembro, numa Exposição de Arte Moderna na Faculdade de Direito e na I Exposição de Arte Moderna do Funchal, em 1965. Expôs individualmente na S. N. B. A. em 1967 e em 1968, na Galeria de Arte Moderna. Em 1967 foi-lhe atribuído o Prémio GM e em 1968 foi distinguido no Prémio Soquil. Integrado em 1969 no grupo de artistas apoiados pela galeria Interior, expôs colectivamente nas Instalações da Longra e depois individualmente naquela galeria.

A obra de António Sena caracteriza-se por uma grande coerência formal ao longo de todo o seu aparecimento nestes últimos anos. Inspirando-se de início nos sinais e caligrafias infantis, que assumia sobretudo na sua dimensão poética e na sua significação plástica, o autor evoluiu para uma pintura sublinhada pela pobreza dos meios e recortada, na sopragem, por um clima de intenso despojamento. Sem abdicar da sua experiência inicial, conferindo à mão um papel preponderando e meditando o aparecimento da escrita, essa pintura passou a resolver também o confronto de real e da sua representação. No domínio da colagem e do desenho, António Sena provocou ùltimamente a convergência dos meios estudados e inclinou-se para a exaltação da sua escassez e do seu imediatismo, ressalvando sempre o carácter poético e afectivo da linguagem desenvolvida.

Uma tendência na nova poesia portugue

por António Ramos Rosa

O LEITOR que tiver lido atentamente a IV série das *Líricas Portuguesas* que eu organizei, talvez já tenha discernido a tendência a que quero referir-me. Essa tendência não é exclusiva de qualquer grupo de poetas, mas estende-se, de um modo geral, a todos eles, embora, claro está se manifeste mais claramente nuns que noutros. (Parece-me escusado dizer, entre parêntesis, que a minha selecção não obedeceu a qualquer preferência por esta ou aquela corrente, porquanto tive a preocupação de representar todas as correntes poéticas significativas, obedecendo predominantemente a um critério qualitativo). Esta tendência dominante poder-se-á considerar a um tempo realista e «formalista», o que logo implica uma suposta contradição para aqueles que, no campo da crítica de poesia e de arte, ainda mantêm as velhas e como que inextirpáveis dicomotomias do género arte pela arte — arte social, conteúdo — forma, estética-ética, etc., etc., comprovadamente inaptas a uma fecunda aproximação da complexa realidade dos fenómenos poético e artístico. Parece-me que o seguinte trecho de Roland Barthes nos pode ser bastante útil para sabermos, com alguma precisão, em que consiste a tendência que pretendo definir: «Durante séculos, os nossos escritores imaginavam que fosse possível considerar a literatura (a própria palavra é recente) como uma linguagem, sujeita como qualquer outra linguagem à distinção lógica: a literatura não reflectia nunca sobre si própria (por vezes apenas sobre as suas figuras, mas nunca sobre o seu ser), ela nunca se dividia em objecto que, simultaneamente, olha e é olhado; em suma, falava, mas não falava de si mesma. E, depois, provàvelmente com os primeiros abalos da consciência burguesa, a literatura começou a sentir-se dupla: ao mesmo tempo objecto e olhar incidindo sobre esse objecto, palavra e palavra dessa palavra, literatura-objecto e meta-literatura» (2).

«Le réalisme, ici, ce ne peut donc être la copie des choses, mais la connaissance du langage; l'oeuvre la plus «réaliste» ne sera pas celle qui «peint» la réalité, mais qui, se servant du monde comme contenu (ce contenu est d'ailleurs étranger à sa structure, c'est-à-dire à son être), explorera le plus profondément possible la réalité irréelle *du langage».*

ROLAND BARTHES

Essais Critiques, p. 164

Por conseguinte, a poesia da poesia — a meta-poesia — não será uma poesia que se alheia do real pelo facto de, sobre si se debruçar como auto-reflexão que é. Parece-me que não me enganarei se indicar que tal linha de rumo constitui uma tendência essencial da poesia mais significativa desta década. Por exemplo, a poesia de Luiza Neto Jorge, como digo na nota bibliográfica que lhe diz respeito, «é uma poesia de reflexão do acto poético, isto é, uma poesia da consciência poética, o que de modo algum se opõe, neste caso, à espontaneidade criadora». Para Luiza Neto Jorge o «poema» vai *«ao encontro do cabo onde a terra abate / e a fecunda ausência excede».* Não se poderia definir melhor o despojamento total de uma poesia que exige uma lúcida consciência de submersão nessa «noche oscura» que o poema atravessa para se encontrar nesse extremo em que o que se ganha equivale a uma perda de si mesmo, a um desabar de todas as falsas seguranças.

Maria Alberta Menéres, cuja evolução se tem processado no sentido de uma exploração formal em que a perscrutação interior se alia à subtileza sensorial e a uma verdadeira intimidade cósmica, debruça-se, também, sobre o próprio acto poético, como o testemunha o seu «Belo belo poema...». Toda a angústia e insegurança da identidade individual no tempo e no espaço, tão característica da poesia de Ruy Belo, em que se revela, também, uma constante preocupação pela linguagem e pelo acto poético, está conjugada com uma inquirição do real, uma investigação ontológica que tem por fim alcançar o *lugar* verdadeiro, onde *«o homem é... ou era mesmo agora»: «O adro a árvore a casa onde se está, onde se entra e mora / Aqui o homem é... ou era mesmo agora».*

De um modo geral, pode notar-se que esta angústia perante o real e esta consciência da negatividade que assumem outras formas noutros poetas, constitui uma das características da tendência em questão. De facto, bem se pode dizer que, hoje em dia, não existirá literatura viva que não acuse a incerteza de todos os critérios da verdade, de quaisquer conceitos do real, a dificuldade de uma relação com a realidade, ou, se se preferir, com o ser. O reconhecimento incerto da realidade poderá ser considerado indício e um novo tipo de realismo ou do próprio neo-realismo poético mais recente. Uma outra poesia também exemplar deste novo realismo é a de Armando da Silva Carvalho, pois nela encontramos, apesar de tudo, um discurso cuja desconexão e abertura acusam ao nível da linguagem a desorientação procedente do próprio espaço real que o poeta detecta. Gastão Cruz, com o tema individual do desencontro e do desamparo, com as suas ressonâncias elegíacas e pungentes, insere-se, igualmente, numa pesquisa da linguagem e do real, em que a rarefacção do espaço poético recusa as facilidades sentimentais e nos transmite algo que não releva apenas da subjectividade do poeta. Assim, a exploração da linguagem, as próprias dúvidas e incertezas da operação poética constituem, por paradoxal que pareça aos desatentos, elementos positivos e renovadores desta nova geração. É, decerto, particularmente relevante o papel de Herberto Hélder, cuja evolução se processa no sentido de um construtivismo imaginístico, em que o poema é assumido inteiramente como criação autónoma até ao seu ponto originário. Assim, o poeta pode reunir dois movimentos de criação de sentidos opostos (ver o excerto reproduzido). E. M. de Melo e Castro tem vindo a desenvolver um notável esforço numa direcção predominantemente experimentalista, mas em que se encontram elementos comuns aos poetas mais significativos desta década, particularmente na tendência para a polaridade tradição-renovação que partilha, por exemplo, com Gastão Cruz. O experimentalismo de Melo e Castro também se insere dentro de uma preocupação positiva de comunicação em que a negatividade do real e todos os elementos individuais da angústia e desorientação existencial contam como factores de criação e abertura ao real. Mas esta dominante apresenta-se, também, sob a forma de uma violenta contestação social. Luiza Neto Jorge exprime essa contestação com uma força admirável a partir de raízes biológicas. Manuel Alegre circunscreve a contestação ao nível político e social, com uma arte que possui, sem dúvida verdadeiros méritos. José Carlos Ary dos Santos e Maria Teresa Horta participam, também, nesta corrente contestacionária que tende à proclamação, com certos riscos retóricos que são o preço de uma comunicação mais directa com o público na conjuntura presente. No último livro de José Carlos Ary dos Santos, *Sofrimen-*

POEMACTO, I (excerto)

... ...

Eu agora mergulho e ascendo como um copo.
Trago para cima essa imagem de água interna.
— Caneta do poema dissolvida no sentido primacial do poema.
Ou o poema subindo pela caneta,
atravessando seu próprio impulso,
poema regressando.
Tudo se levanta como um cravo,
uma faca levantada.
Tudo morre o seu nome noutro nome.

... ...

HERBERTO HELDER

IN SOFRIMENTO

5.

Diremos outras vezes
que uma esbelta palavra se levanta
e canta
o perfeito silêncio que a inventa.
Outras vezes diremos
que uma palavra tenta
ser apenas
o acto
que a desvenda.

JOSÉ CARLOS ARY DOS SANTOS

PRONTUÁRIO DAS LETRAS

BECKETT E A UNIVERSIDADE

O caso vem relatado no número de Dezembro de «Books and Bookmen»: um professor da Universidade de Dublin, Robert French, pediu a Samuel Beckett, antigo aluno desta «alma mater», alguns manuscritos originais de que por acaso pudesse dispor; Beckett disse inicialmente que tinha muita pena, nada havia de interessante na sua mão, mas acabou por presentear a Universidade com uma encomenda. Aberta esta, revelou aos olhos naturalmente gulosos do prof. French os esboços de «Malone meurt» e «Fin de partie», o manuscrito corrigido de «Textes pour rien» e várias notas pessoais. (Para maior precisão: a oferta foi feita antes do Nobel.)

«BARRAL, FUERA!»

O poeta Carlos Barral deixou de ser gerente da famosa editora catalã Seix y Barral, na qual, descobriu-se agora, não empatara nunca um centavo. Os autênticos proprietários ofereceram-lhe a direcção literária da casa, mas Barral, que revelou em castelhano autores como Robbe-Grillet, Tanizaki e Marguerite Duras (além dos sul-americanos Vargas Llosa e Cortázar, que tiveram na Seix y Barral a primeira janela aberta para a Europa), não parece muito disposto a aceitar. «No quiero entrar en el fondo de la cuestión administrativa ni acusar a nadie», escreve A. M. no diário «Madrid». «Lo que deseo simplesmente es advertir que si los malos presagios de este sucesso elegan a cumplirse todos, unos y otros habíamos perdido algo».

JAMES BOND RUSSO?

Os norte-americanos, auxiliados pelos neo-nazis da Alemanha Federal, conceberam uma gigantesca conspiração anti-U. R. S. S.: minar as resistências internas à base de produtos ocidentais como a música negra, representada «in loco» por voluptuosas cantoras em «tournée», e naturalmente o amor livre, de que se encarregam turistas (no feminino) de pouca virtude. Este seria o tema de um romance de espionagem publicado em folhetins na revista «Oktyabr» pelo seu editor, Vsevolod Kochetov, e que teria causado grande sensação nos círculos literários soviéticos, a fazer fé na publicação (inglesa) de onde respigámos tal nota.

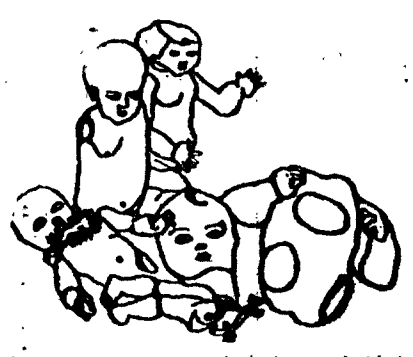
E. P. COELHO EM AIX

O nosso colaborador Eduardo Prado Coelho, leitor de Português na Universidade de Aix-en-Provense, está a dar um minicurso de literatura portuguesa contemporânea em que os textos para conhecer são «Nome de guerra», de Almada Negreiros, «A cidade das flores», de Augusto Abelaira, e «A paixão», de Almeida Faria. Entretanto, numa outra universidade francesa, a de Montepellier, o dr. Adrien Roig, prestou provas de doutoramento de Estado (e foi aprovado, além de felicitado pelo júri) com uma tese de cinco volumes 1200 páginas sobre o poeta quinhentista António Ferreira.

NO PEQUENO CIRCUITO

Aos seus amigos mandaram os Estúdios Cor a habitual oferta de Natal: desta vez um conto de Manuel da Fonseca, «Tempo de solidão», ilustrado com desenhos de Maria da Luz Lino. É pena que o volume, embora com escassas trinta e tal páginas, fique obrigatòriamente no pequeno circuito «inter-amicos»...

O mesmo, mas por outras razões, sucede em relação à «Arte de furtar», finalmente reeditada (não havia à venda de jeito nenhum) também pelos Estúdios Cor. É um clássico do nosso século XVII: apareceu em 1652 e com a indicação de um nome — o do padre António Vieira — que iria dar origem a grande querela. Atribui-se hoje, com certa propriedade, a António de Sousa de Macedo. Crítica de costumes, denúncia de corrupções e crimes económicos encapotados, receou o autor qualquer acesso de mau génio e escudou-se com a assinatura (falsa) de Vieira... Passaram entretanto muitos anos, muitas discussões e algumas reedições da obra. Aí a temos de novo, belamente ilustrada por João Abel Manta — autêntica edição de luxo, digamo-lo sem rebuço. De onde o pequeno circuito a que aludíamos e que nos faz desejar —porque não?— uma versão barata, popularizável, ao alcance de muita gente, que continuará a desconhecer o clássico.



sa (1)

...lo in *Sofrimento*, é notória, e por vezes bem conseguida, a sua tentativa de síntese de uma poesia da linguagem com uma poesia de carácter social (ver o excerto reproduzido). A poesia de Fiama Hasse Pais Brandão, que, em *Barcas Novas*, inclui alguns dos mais belos poemas de denúncia social escritos nesta década, apresenta, também, nessa mesma colectânea e nos poemas posteriormente publicados em revistas, uma característica sensorial que revela uma extrema atenção ao valor e ao lugar das palavras correlativos do próprio espaço do real, de tal modo que o poeta pode dizer: *Esta manhã / hoje / é um nome.*

Façamos, agora, um pequeno, ou grande desvio. Vejamos o que nos diz o grande físico Schrodingen: «Que é a Vida?: a cada vez mais complicada molécula na qual cada átomo e cada grupo de átomos desempenha um papel individual não inteiramente equivalente aos outros.» «Quando se diz que um pedaço de matéria está vivo? Quando continua fazendo algo, trocando matéria com o ambiente.» «A matéria evita a decomposição pelo equilíbrio.»

Não parece virem a despropósito estas afirmações de um cientista. É que pretendemos frisar a importância individual de cada poeta e a contribuição que cada um dá a um *processus* que é, de facto, colectivo, uma vez que pensamos que a poesia é feita por todos, como disse Lautréamont.

Dito isto, passemos em revista mais alguns poetas significativos desta última década. Estarão, por exemplo, Pedro Támen e José Bento fora da linha de

SINTAXE

Perderam-se as palavras. E nós perdê-
[mo-nos
no vácuo que elas nos deixaram
— sem uma possibilidade, sem um me-
[lhor acorde,
com a consciência perfeita de que tudo
[nos levaram.

Perderam-se. Mas seguem-nos — deli-
[rantes, confusas,
descrentes, sem saber onde ficaram.
E assim por toda a vida: tanto mais
[elas nos seguem
tanto mais já nos deixaram.

JOÃO RUI DE SOUSA

rumo apontada? Parece-nos, ao invés, extremamente exemplar o caso da poesia de Pedro Támen. A preocupação pela linguagem é nela preponderante, mas, para além dela e por meio dela, propõe-se-lhe a tarefa, não de reflectir o mundo, nem de representá-lo, mas de suscitá-lo, torná-lo presente na sua própria presença, no acto de se apresentar, o que imprime a toda a sua poesia o dinamismo de uma presentificação em que o acto poético tem um papel essencial. *Escrevo estes versos de grãos de terra na mão: eis a prova.* A prova é o próprio enunciado poético que eliminou a distância representativa de uma poética em que a linguagem não aderia plenamente ao instante vital. Poesia a um tempo religiosa e cósmica, a consciência surge aí simultâneamente como uma revolta, uma assunção, um não e um sim. A poesia de José Bento possui idêntico carácter negativo e positivo. Ela vai

O NOME LÍRICO

Esta manhã
hoje
é um nome

Nem mesmo amanheceu
nem o sol
a evoca

Uma palavra
palavra só
a ergue

Com um nome
amanhece
clareia

Não do sol
mas de quem
a nomeia

FIAMA HASSE PAIS BRANDÃO

até ao ponto extremo da consciência da morte e da destruição, como no seguinte passo: «*... Qual o horizonte / que de súbito irrompe numa cova quando dois punhados de terra / alongam o aceno de duas mãos vivas só para dizerem adeus / e tudo fica submerso num turbilhão de sinos gastos pelos soluços que percutem?*», e se o poeta chega a afirmar «*que todo o espaço é inútil para mim como para uma ave cega*», a verdade é que ele aponta a uma redenção total: «*por mim os cadáveres e quanto é feito da matéria dos cadáveres libertar-se-ão em chamas, serão claridade / e chegarão a pão pela dádiva das cinzas, / a última dádiva, / a total.*»

O caminho percorrido por José Augusto Seabra indica-nos a tendência dominante que estamos pondo em foco. Partindo do neo-realismo com certo carácter proclamatório, José Augusto Seabra chega ao reconhecimento de que «*só a palavra salva*»: «*Ilumina-me o abismo. Tombo aos pés do silêncio. Só a palavra salva*». As vozes, tão diferentes e pessoais, dos surrealistas António José Forte e António Barahona da Fonseca vêm-nos provar que a ambiguidade poética no seu mais alto grau continua a ser uma fonte digna de ser explorada, embora seja este último que se adianta mais nesse caminho, uma vez que para ele o poema é uma criação ao nível do puro imaginário ou onírico, enquanto que António José Forte mantém as ressonâncias de um real cujo trágico transpõe num discurso poético autónomo. Digamos que em António José Forte predomina a imaginação, ao passo que em António Barahona da Fonseca domina a fantasia.

Cremos que desta rápida análise podemos concluir que o carácter renovador e crítico desta poesia não se pode confinar nos limites do formalismo, no sentido pejorativo que em geral se dá a esta palavra. Se quisermos definir a tendência dominante que une poetas tão diversos como Pedro Támen, João Vário, Armando da Silva Carvalho, Casimiro de Brito e Fernando Assis Pacheco, talvez possamos defini-la nestes termos: esta poesia é uma tentativa de recuperação do real pela linguagem, o que pode, também, ser uma proposta para um novo tipo de realismo. Se há crise geral dos critérios do real, porque há uma crise da própria sociedade, não poderá deixar tal crise de se reflectir no domínio da linguagem. Citemos uma elucidativa síntese de Sanguinetti, poeta italiano experimentalista: «Todas as pontes entre as palavras e as coisas se desmoronam: a língua enquanto representação do real é doravante um conceito disparatado. Todavia, o reconhecimento do real continua a ter por alvo o acto de escrever.» O poema «Sintaxe» (aqui reproduzido) de João Rui de Sousa, pode ilustrar o que afirma Sanguinetti, como, aliás, também o poema de José Saramago «Não diremos mortais palavras», de que citamos estes versos: «*... as palavras / São as sombras confusas, agitadas, / Do vertical silêncio que se expande.*» Em Fernando Guimarães (3), as palavras «nome» e «poema» são palavras-chave. Um dos seus poemas termina com este verso: «*escutar o teu nome — nu, sem sílabas, visível...*», o que indica claramente que se pretende fazer conter o *inexpresso* no espaço «visível» do poema, o «não dito» no que é dito.

É ao nível da própria linguagem que a difícil recuperação do real tende a ser feita. Daí a sua abertura e indeterminação, as tensões complexas e as obscuridades que estes poemas apresentam, porventura desconcertantes para muitos leitores. E se, decerto, a ambiguidade ou arbitrariedade poderá algumas vezes aqui ser fácil e de sinal negativo, ela constitui como que a necessária repercussão dessa falha originária, desse fosso entre as coisas e as palavras, cuja compreensão por parte dos poetas veio pôr termo a uma poética da representação. Isto significa, também, que a negatividade desta poesia é uma aproximação do real, em que não há lugar para respostas positivas, em que todo o progresso se faz por via interrogativa, experimental e crítica. O realismo de tal poesia não será, por isso, um reflexo do real objectivo, mas sim uma pesquisa que se orienta para uma realidade prèviamente desconhecida, através das possibilidades e das disponibilidades da linguagem. Assim, a poesia é «uma loucura de palavras», como diz Ruy Belo, a aventura de uma operação em que o poeta se bate com o desconhecido, comprometendo-se inteiramente no acto poético. Como rejeitamos as falsas dicotomias, podemos afirmar que a «loucura de palavras» em que a operação poética se resume não se opõe à detecção do real, a um encontro que bem poderá ser também um desencontro ou um recontro com a realidade. Toda a arte, segundo Gaëtan Picon, é «uma rectificação e uma negação para poder ser uma descoberta. É necessário cessar de reconhecer o real para o conhecer; é preciso restituir o mundo ao caos para fazer surgir por fim uma imagem reveladora» (4)

(1) Este texto reproduz, com algumas pequenas alterações, a apresentação que fiz de uma leitura de poemas incluídos na IV Série da antologia *Líricas Portuguesas* (Portugália Editora), que se realizou a 12 de Dezembro de 1969, na Galeria 111.

(2) In *Essais Critiques*, p. 106.

(3) Referimo-nos aqui aos poetas Fernando Guimarães, João Rui de Sousa e José Saramago que, com Ana Hatherly e António Reis, só não foram incluídos nesta IV Série porque o critério cronológico que fomos obrigados a seguir o não permitiu, uma vez que, por uma diferença de alguns anos de idade, estes poetas vão aparecer na 2.ª edição da III série, organizada por Jorge de Sena. E, por sinal, dois deles são, ao que suponho, do rio Douro para cima...

(4) *Panorama des Idées Contemporaines*, p. 36.

MARJORIE FREITAS

Marjorie. Tu.

Escondias, Marjorie, as bolas de ténis soblusa? De raquete peneirando o ar, Mar, como coravas ao passar por mim, lesma escorrendo pelo muro!

Lesma com coração de pardal, era eu quem passava por ti, Mar, quando tu — branca, loura, rósea, azul — passavas! Lesma-relógio-de-sol no muro. Relógio de sol com descompassos de relógio de corda.

Marjorie de um verão — de raquete peneirando o tempo!

☆

Mrs. Freitas. Você.

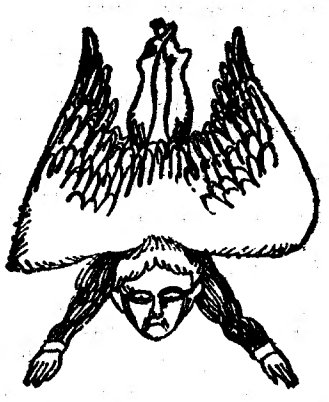
Que fez você dos seus quinze anos? Freitas é um boçal. Não é? Ora... Inglesa do Cabo Submarino nas mãos de corticeiro alentejano. Seis filhos. Sabe que mais? Mulher quer é estabilidade, segurança. Uma vara de filhos. Fins-de-semana no monte. Férias no monte. A manápula do Freitas na garupa, como se diz em português-macho. Ou no copo?

Que fez você, Marjorie, dos seus quinze anos?

Lesma engravatada, escorro entre muros e traições. Que fiz eu dos meus quinze?

Marjorie. Mar.

As bolas de ténis soblusa?



por Alexandre O'Neill

O CINEMA QUE VEMOS

	Ad.C	Ar.C	APV	DL	JVP	LA	MML	VST
O Circo (Charles Chaplin)	5	4	5	—	—	5	5	5
A Louca de Chaillot (Brian Forbes)	—	—	—	—	—	0	2	0
Hello Dolly (Gene Kelly)	2	—	—	2	—	4	3	1
007 ao Serviço de Sua Majestade (Peter Hunt)	—	—	—	—	—	0	0	—
Divórcio à Italiana (Pietro Germi)	3	3	0	3	3	3	3	3
A Pele de Um Malandro (Donald Siegel)	1	2	0	—	3	4	2	2
Goodbye, Mr. Chips (Herbert Ross)	1	—	0	—	1	1	1	1
A Quadrilha Selvagem (Sam Pechinpah)	4	4	0	4	5	5	4	4
A Lição Particular (Michel Boisrond)	0	—	0	—	1	1	1	—
Três Quartos em Nova Yorque (Marcel Carné)	—	—	0	—	—	0	—	—
A Flor do Cacto (Gene Sakes)	—	—	—	—	0	0	0	0
Que Importa Morrer (David L. Rich)	—	—	—	—	2	2	0	—
Muito para Viver... Pouco para Morrer (Michèle Lupo)	—	—	—	—	—	1	—	—

Os números: 0 (Abominável); 1 (Banal); 2 (Com certo interesse); 3 (Bom); 4 (Mesmo bom); 5 (Excepcional).

OS VOTANTES: Ad.C (**Adelino Cardoso**, Rádio e Televisão); Ar.C (**Armando Caeiro**, dirigente cineclubista); APV (**António Pedro Vasconcelos**, Jornal de Letras e Artes); DL (**David Lopes**, ABC Cine Clube de Lisboa); JVP (**José Vaz Pereira**, Seara Nova e D. L.); LA (D. L. e Programa «PBX»); MML (**Manuel Machado de Luz**, Seara Nova e D. L.) e VST (**Vítor Silva Tavares**, D. L.).

Na morte de Régio

(Cont. da pág. 1)

é evidente a um simples exame, não o será tanto, talvez, na significação desse encontro e no que aí mesmo se enfrenta. Da acusação de *umbiguismo* (de um verso célebre das *Encruzilhadas*) Régio, apesar de tudo, não soube nunca defender-se. Porque perspectivada dessa breve peça *Mário*, toda a obra de Régio nos abre em profundeza e complexidade — e em tragédia — a significação desse Outro que dará o veneno ao pobre poeta. É um Outro que duplamente se define como *espelho* e como *ideal* — como a verdadeira imagem do que se *é* e implicitamente o absoluto do que se *deseja ser*. O Anjo ou Deus, ou o Papão, ou agora claramente em negativo, esse perturbante Jaime Franco de *O Jogo da Cabra-Cega*, ou o Bobo que encarna o Anjo em *Jacob e o Anjo* ou o Profeta do evangelho em branco de *A Salvação do Mundo* ou enfim o Outro de *Mário* são os comparsas que definem em «máscara» (e este é um título de uma sua obra juvenil) a máscara que o poeta em si descobre. Porque o Outro é o absoluto em positivo ou em negativo a que irresistivelmente se aspira na sua obra. Todo o projecto de uma vida não curta como a de Régio foi assim a definição de um antagonismo entre a realidade e o que ela encobre — sendo profundamente o que ela encobre a vocação ao Absoluto. Mas assim mesmo, se este Absoluto é fundamentalmente Deus, nem sempre ele é determinável em «Deus» (em que o poeta algures, se bem me lembro, diz não «crer»), nem sobretudo é determinável no Bem. A positivação em «Deus», aliás, quando se efectiva, empobrece a sua poesia, transferindo-se do sagrado para justamente um «positivismo» religioso. O que num Pessoa, anotemos, raramente acontecerá. Mas que de passagem se frise: se a poesia de Pessoa é grande, é porque à horizontal superfície mais visível ele contrapõe o invisível da verticalidade, que foi a razão grave dessa aparência. E aí ele *sofreu*. Do que se esquecem os que o imitam — porque só a maneira se imita. Além de que «sofrer» não é brilhante... (E eis do que se esquecem também os admiradores de um Hemingway, tão neste caso parecido com Pessoa).

Mas o não se identificar sempre o Absoluto com o Bem é uma característica e mesmo originalidade de *O Jogo da Cabra-Cega* — um dos três maiores livros de ficção deste século português (já «septuagenário»...) com *Humus* e *A Confissão de Lúcio*. Quando da reedição deste livro (há meia dúzia de anos) um crítico declarava não entender o «histerismo» dos actos de Jaime Franco e do narrador Pedro Serra, achando «hilariantes» os intelectuais do livro, admitindo deliciosamente que Régio tivesse querido escrever uma «sátira à camada pequeno-burguesa intelectual-*parvinciana*». Ora «hilariante» e «*parvinciano*» é evidentemente este esforço com que um crítico se entretém a cuspir para o ar. Seria útil refazer-se a análise deste livro — o que não é possível aqui. Refazê-la pelo mau e pelo bom. Porque Régio — já o dissemos — não é um «prosador». Não tanto, aliás, neste livro, como noutros — nesse longo e incompleto e desesperante *A Velha Casa*. Seria útil, logo aqui, distinguir os vários níveis da prosa de Régio, muito mais equilibrada, por exemplo, no «realismo psicológico» de *Histórias de Mulheres* ou nas cenas «realistas» de *O Jogo*. Seria útil, a propósito, dissertar um pouco sobre a prosa portuguesa deste século para a qual constantemente nos inventam «marcos miliários» ou «chefes de fila» — que existem, sem dúvida, e em grande número, mas sem «fila»... O «escrever mal» de Régio tem que ver com a sua tendência discursiva — não apenas nos ensaios (em que há o defeito de não confiar na inteligência do leitor) mas ainda algumas vezes, como disse, na poesia. É um discursivismo cujas raízes não podemos agora analisar, mas que genèricamente, e sem intenção «pejorativa», poderá ligar-se ao seu acentuado «espírito de seriedade» (particularmente visível nas suas «sátiras») em que se implicam juízos de valor na própria adjectivação (como em «pequeninas, queridas coisas», ou «a nossa pobre e querida felicidade terrena», ou «sobre a toalha modesta», etc.). O que significa não poder Régio esquecer a sua irresistível vocação de «moralista» — ou seja, a de adiantar-se ou sobrepor-se è livre escolha dos outros. Que o moralismo do poeta não nos perturba muito quando deliberadamente e numa dimensão prática *moraliza* — como a propósito do filme *Bonnie e Clyde*. Turba-nos é numa dimensão vivencial, ou seja, na sua arte em que exigimos ser livres.

Mas o que é grande em *O Jogo da Cabra Cega* vence o que nele é menor e salva o livro em grandeza. Porque Jaime Franco é o Outro do narrador (Pedro Serra) é que o seu mútuo e *ex abrupto* reconhecimento intrigará o crítico ou o leitor para quem isto se passa noutro comprimento de onda... E todavia, antes de emitirmos juízos «hilariantes», seria útil (re)ler precisamente o início da novela (ou toda) *Eu-próprio o Outro* de Sá-Carneiro, tão nitidamente presente no livro de Régio. Jaime Franco (como o Outro de Sá-Carneiro) *já era* conhecido do narrador, porque *só assim* ele é tocado de transcendência. O seu encontro foi marcado «desde toda a eternidade» e só havia que andar atento à sua efectivação. Deus ou o Diabo não se encontram mas *aparecem*, mesmo que os encontremos num café entre dois cigarros e duas «bicas»... «Hoje encontrei-o pela primeira vez — diz Sá Carneiro — (...) Ninguém nos apresentou e já conversávamos os dois.» «Já conheço o teu novo conhecimento» — diz o narrador de *O Jogo* a Luís Afonso, referindo-se ao desconhecido «reconhecido» num café e a quem ainda nem falara. Porque o Outro é o duplo de nós — para o Bem ou para o Mal. Justamente o que o Jaime Franco, de Régio, tem de singular — creio que de singular — (em relação a outros Outros), é que ele encarna o Absoluto do Mal *como redenção*. Régio sonha com a unidade máxima — através do Bem ou mesmo do Mal — e opostamente luta contra a dualidade trágica de quem «se exibe duplo, intolerável, só.» Por influência, decerto, de Dostoievski, Jaime Franco ecoa um Stavroguine; e na autobiografia dele escrita por Pedro Serra (que lhe não conhecia tal biografia) repercute a célebre «Confissão» dessa célebre personagem de *Os Possessos*.

Mas as implicações de *O Jogo* são multiplas — desde o circunstancial e menor das intrigas do Grupo (mas que em grande parte se projectam no tema maior de Régio), até ao significado da Ironia em Jaime Franco, ao assomo do edipiano incesto pela mediação de Dona Felícia (e eis porque o narrador chega a pensar que *matou* o pai) e à ambiguidade veladamente homossexual das relações de J. Franco e Pedro Serra, através da mediação de Mlle. Dora (que repercute a mediação idêntica e talvez, segundo Régio, «inexistente» de *A Confissão de Lucio*). O Absoluto do Mal é aqui — é sobretudo aqui — uma espécie de expediente de Teologia Negativa para ascender á Perfeição pelo desespero: «Meus poemas desprezaram a Beleza... / Fi-los descendo e transcendendo todos (...) / E assim os fiz mais belos que a Beleza» (*Biografia*). Assim a «humilhação» dostoievskiana — tão frequente em Régio — é nele menos um processo de compensar esse Mal (que assim mesmo solicita o perdão) do que um modo de o *assumir*, de nele se perder, de ser por inteiro, de ser em autenticidade — um desafio em grandeza á maneira de Lucifer. Mas quase nunca o Outro é o Anjo das trevas e sim da luz. Apelo á beleza, á pureza, o Outro de *Mário* — posteriormente o havíamos de saber pela publicação da Correspondência de Sá-Carneiro (Vol. I, p. 72, por ex.) — é o «ideal» a que o poeta aspira e não atinge e o martiriza, porque nem o consegue atingir nem viver duplamente a grandeza e a pequenez. «Estás aí? Não me deixes» — pede Mário ao Outro no ultimo instante. «Estás aí, meu senhor? Tens aí as minhas mãos? — pergunta o Rei ao Bobo de *Jacob e o Anjo* na agonia.

Sombra de um sonho nunca alcançado, eco da Transcendência em nós, furtiva beleza dos instantes máximos, o Outro é a única redenção de uma miséria que nada redime — excepto a ânsia ou a revolta de o alcançar. Essa a lição de Régio que é a lição do Homem — assim mesmo com maiúscula, se mo consentem para a hipótese de os míopes o poderem ver.

Vilanagem, fartar! que estou cansado (.....)

Podeis cuspir-me á cara os vossos lodos. (Biografia)

Que importa? E daí, é talvez preferível cuspir, agora, porquanto o cadáver está quente. Isto porque... *ao terceiro dia hei-de ressuscitar (Ib.).*

Como estava previsto nas escrituras...

VERGÍLIO FERREIRA

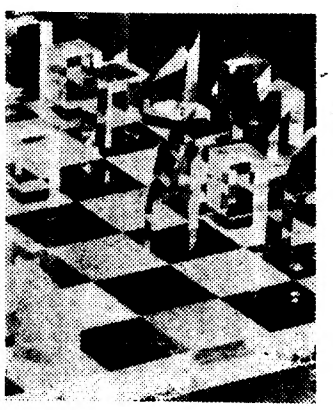
«O único grande tema de Régio é o confronto dele consigo...»

«Vilanagem, fartar! que estou cansado(...) Podeis cuspir-me à cara os vossos lodos» (Biografia)

A exp. da «Interior»

(Cont. da pág. 3)

exploração imediata do objecto de consumo, na sofisticação dos meios, ou vivendo excessivamente ligada ao objecto de arte propriamente dito. Na Galeria Interior, a proposta de Sá Nogueira, João Abel Manta e Fernando Conduto persegue uma maior clareza e uma definição mais objectiva sem deixar de se situar no domínio da obra que continuam a reivindicar, como aliás declararam no texto atrás transcrito. Trata-se, em suma, de um precedente curioso e necessário, para além da designação do seu valor intrinseco e para além de um experimentalismo de circunstância que o poderá ter afectado em certa medida. A sua contribuição para o alargamento destes problemas na realidade artística portuguesa é assaz importante na medida em que compromete artistas de consistência muito particular e cuja obra não pode ser negada num contexto histórico já determinado. O exemplo desses artistas mostra sobretudo que a sua atenção foi capaz de se concentrar em experiências alheias que podem projectar-se com inteira propriedade no nosso meio e que o teor global da sua obra não sofre qualquer espécie de diminuição ou abastardamento antes se medita e se redescobre, pe-



«Xadrez», de Fernando Conduto (pormenor)

lo facto de incluir um desvio consciente no domínio em referência. Aqueles artistas terão porventura verificado que um programa desta natureza, a disciplina e os condicionalismos que implica, é também um processo de rever uma problemática e de a pôr em causa nas suas virtudes e nas suas fraquezas. Sendo um projecto de humildade e de revisão de atitudes, ele permite ao artista trabalhar num acordo mais nítido com o artesão e com os interesses imediatos da massa consumidora. Mas ao transportar para essa dimensão os problemas desenvolvidos na sua pesquisa mais íntima, o operador plástico deve verificar em que medida a sua obra é capaz de interpretar correctamente e com dignidade as novas realidades. Então ele está a meditar e a reformular o seu próprio trabalho enquanto estabelece ou mais amplo contacto com a natureza e a direcção do mercado. Muitos artistas estrangeiros têm procurado integrar a sua obra e a sua visão do fenómeno plástico num acordo semelhante, quer através de galerias quer por intermédio de empresas que lhes facultam, em regime de equipa, um trabalho em que a utilidade e a função da forma são expostas muito mais directamente. O que se pode ver agora na Galeria Interior não tem ainda o sinal de uma ambição tão vasta, mas encaminha-se claramente nesse sentido, democratizando o objecto e conferindo-lhe uma possibilidade de integração no quotidiano de maior recorte. A produção artesanal coincide aqui com uma espécie de semi-industrialização e é possível prever-se, sobretudo através da proposta inteiramente conseguida de Fernando Conduto, a criação de peças múltiplas e portanto uma distribuição ilimitada mas plural do objecto programado. Essa perspectiva já foi referida por diversos autores, mas Vasarely aponta mesmo o lançamento da obra de arte na vida quotidiana, numa consagração à estética da casa da cidade, do urbanismo, à decoração das escolas, das fábricas, dos hospitais, da rede rodoviária, etc. Tratar-se-ia entretanto de prever e criar novas funções para as formas e para as cores. A distribuição dos resultados pela comunidade, no plano de uma cultura mais *aberta* e mais generalizada, renovar-se-ia sob a forma de «múltiplos», sendo possível criar, sem perda de qualidade, dezenas ou centenas de obras de consumo idênticamente assegurado.

OS OBJECTOS

Dos objectos expostos na Galeria Interior, os Jogos de Conduto parecem-nos os que contêm maior número de propriedades para além das simplesmente escultóricas. Mesmo nesse domínio, eles são de uma mobilidade extremamente variável rica até na sua forma «fechada», na sua arrumação de «transporte», que também é plural e potencialmente plástica. Depois disso, os Jogos são jogos em si mesmos (xadrez, galo, damas e dados) e são jogos na verdadeira extensão lúdica, o que lhes acentua particularmente o apelo.

As aplicações de tecidos de João Abel Manta (com a contribuição de Clementina Carneiro e Hermínia Tavares) prolongam com excessiva nitidez a experiência das suas colagens, o rigor gráfico, a definição de toda uma aparente estrutura de composição que se conhece à partida e à chegada. Numa aparente variação da tapeçaria, pela experiência da colagem e da associação de materiais nesse domínio, João Abel Manta recupera o gosto pelo rigor e por uma linguagem clara. Aí se notam as suas inegáveis virtudes e também os seus defeitos: a ausência do inexplicável, a arrumação asséptica, o desvirtuamento do humor pela excessiva esquematização da ideia.

Sá Nogueira, ao enveredar pela prática de vitrais circulares de aplicação funcional e de técnica sucinta, encontra um campo objectivo para a plicação das suas últimas tintas planas e para a sucessiva clarificação das formas, aqui apertadas numa armadura compositiva que decorre do corte dos vidros e do recurso ao chumbo.

ROCHA DE SOUSA

A propósito de «A Porta do Inferno»

(Cont. da pág. 8)

metropolisticamente, e com a referida mentalidade de colono, exclamará: «limitem-se à autoctonia do vosso miserabilismo que é dotado de tanta cor local! Digam, mas até ao fim, o *que* são, *quem* são e *como* são. Talvez depois vos possamos reconhecer. Reparem: vocês pertencem a um mundo que precisa ainda de ser salvo. Quanto a nós...»

Oh!, santa presunção! Então neste mundo não está quase tudo por salvar? E quem salva o mundo? A literatura quererá dar uma ajuda? E é neste momento que surge a denegrada questão. Porque o Duvalier, escamadíssimo com Greene, por detrás dos seus óculos de três centímetros de espessura, conforme o vimos há semanas no canal da BBC-2, declarou:

— A crítica literária já provou que não é função da literatura salvar ou ajudar a salvar seja o que for.

Frase que constituirá, aliás, o ponto de vista metropoloeuropeu das páginas literárias da ilha. E que outro poderia ser? É por isso que os Greene...

Mas eu vou dizer-te, caro Leitor Distraído, quando é que o mundo estará metropoloeuropeisticamente salvo: quando a polícia dos Duvalier (a quem, como se vê, já não se pode ensinar mais nada de crítica literária, porque a sabem toda, com apenas o defeito de a irem também usando para fins extraliterários) proceder como o comissário francês da Brigada do Vício:

Um dia, pouco depois da segunda guerra mundial, o escritor inglês Richard Aldington recebeu uma contra-fé para comparecer na sede da Brigada. Para lá foi, a correr assarapantado. Diabo! Que vício seria o dele?

Diz o comissário:

— Desculpe V. Ex.ª mas sou um grande admirador seu, e escrevi um ensaio sobre a sua obra para o jornal da polícia. Importa-se de lhe dar uma vista de olhos?

O que as verdadeiras metrópoles querem dizer ao importar-nos a grilheta de uma autoctonia exótica é que, neste aspecto, estamos tão longe da metropoloeuropeização como o próprio Tatti. E recusam-se a que levantemos a cabeça. Mas, onde em nós a Europa vive, ela está levantada. Assim, há quem poetise metropoloeuropeisticamente a alfarrobeira embora o drama esteja em que, desse modo, ninguém saberá como salvar-lhe metropoloeuropeisticamente a fava-rica.

VALHA-NOS A SANTA ALEGORIA

Tudo isto a propósito de Palma-Ferreira. E por que não? É que este escritor, tão metropoloeuropeu, exprime como ninguém entre nós a contradição expressa na prosa que atrás se derramou. Por um lado, a querer salvar-se da condenação do monolitismo e do realismo imediato e exótico adstritos a autoctonia miserabilista da colónia literária; a querer salvar-se, portanto, do inventário ingénuo das carências (como magistralmente em «Abismo»). Por outro lado, ainda caindo saudàvelmente nele, como em «Seis Cartas», como quem diz: «o *excesso do real* da alfarrobeira vou extravasá-lo depois de descrever os óculos de Duvalier. Se estou cá eu, para que quero o Greene?»

Eis a grande acusação indirecta contra os Taitis. Porque a verdade é esta: ninguém *ordenou* aos escritores taitianos que eles só poetisassem a alfarrobeira. Eles é que se ordenaram isso. Resultado: tiveram que importar o Greene. Porque eles até podiam falar alegoricamente de um ditador qualquer que uma vez tivesse existido nas ilhas Galápagos. Aqui para nós: se não fosse a alegoria onde é que iriam parar os escritores? A alegoria, tornou-se, pois, num lugar-comum. De tão coçada até já começa a perder a eficácia. Por isso é que, a par de «Mundo», escreve Palma-Ferreira «Seis Cartas». Por isso, um escritor como Alexandre Solzhenitsyn já não a utiliza no *Primeiro Círculo*. E para que o faria? Não nos saberá melhor ler as dezenas de páginas com que faz de Estaline carne picada, sem mais panos quentes, sem mais disfarces alegóricos com que enganasse uma polícia que, como é evidente, tem muito mais que fazer que ler Richard Aldington?

E que diríamos nós se o escritor russo, tão perseguido, em vez de nos falar da ditadura russa gastasse o seu tempo (e o nosso) a satirizar a ditadura do Taiti? Pois se ele já disfruta *in loco* de ditadura que chegue para amplo consumo próprio para que importar a dos outros?

Mas a alegoria de «Mundo», primeira narrativa de *A Porta do Inferno* não é, a papel químico, deste tipo. Ela parece implicar a tese segundo a qual o relaxamento moral da burguesia do nosso tempo é que é responsável pela sobreposição de interesses de esfera de trivialidade pessoal aos imperativos morais e sociais ambos rigorosamente categóricos e cuja essência não é esgotável por qualquer temporalidade. Para Luís, o «valor» é a gloríola pessoal, a eventualidade de publicar a «biografia de Lesseps» que pode ser uma expressão substituta de «culto da personalidade». Mas a personagem que nos narra a história (o Escritor), que no fundo nada mais é que a consciência de Luís, destrói a necessidade das «biografias de Lesseps» (que é como quem diz: a da poetisação da alfarrobeira) perante o imperativo sublime do Protesto.

O que há a notar, estilisticamente, é que Palma-Ferreira, que muito colheu da coragem das colónias literárias de países da América do Sul de que tanto tem divulgado as principais figuras (que afinal começam a impor-se à Europa das metrópoles) despacializa e intemporaliza kafkianamente a narrativa, e muito pouco exòticamente o narrador nela discorre, num tom por vezes tchekoviano, e num ritmo a um tempo quieto e sobressaltado.

De notar em «Seis Cartas», onde Fernandinho é um herói da progénie dos Alcides de *A Barca dos Sete Lemes*, de Redol, a estrutura epistolográfica, que está muito menos em desuso do que se poderá julgar. Certo que o exemplo vem de Samuel Richardson mas, muito mais recentemente, foi usado por Conrad, Samuel Butler, André Gide e até o Ring Lardner de *Some Like Them Cold*.

A ALEGORIA DA COUVE OU A QUESTÃO DA LIBERDADE

Esta história antecede «A Couve» onde pela primeira vez se equaciona entre nós o mundo tão português dos serviços médico-socio-policiais das direcções de pessoal das grandes empresas, mundo que tem dado lugar às situações mais espantosas. De abrir a boca é também a situação narrada por Palma-Ferreira, mas, além da anedota, e tudo a este respeito como a outros parece ser entre nós do domínio da pura anedota, o autor extrapola implicações no plano do simbólico, o que salva a narrativa do esquematismo excessivamente imediato que poderia ter. A crítica adquire um sabor epigramático, e tom coloquial (que é, aliás, o de quase todas as narrativas) traz as personagens para muito mais perto de nós, clarificando-se-nos meridianamente a alegoria da couve. Como se trata de uma alegoria hortícola aceitamo-la pela novidade.

Mas as grandes histórias do livro são «Penúltimos Fragmentos» e «Abismo», onde Palma-Ferreira nos exibe belíssimos efeitos de estilo: notòriamente poéticos na primeira (onde muito é do domínio do poema em prosa, e bem logrado), e singularmente dramáticos na segunda. Histórias irredutíveis a qualquer paráfrase, valem, fundamentalmente, pelo muito consciente sentido da linguagem e da composição.

Aliás, em todas elas, há uma desesperada filosofia do mundo, por vezes mórbida, mesmo com iluminações niilistas e eslavas, por vezes uma dialéctica à Borges, o que talvez nem sempre sirva para as metropoloeuropeizar a todas, ao nível do que nos é exigido pelas tais «metrópoles». Mas não se satisfarão estas com a circunstância de o *leit-motiv* principal de *A Porta do Inferno* ser, muito metropoloeuropeisticamente, uma inquirição fenomenológica sobre a liberdade segundo uma pista facultada por Stirner («um peçado da liberdade não é a liberdade) de que, na Rússia, Dostoievski havia de constituir-se em principal intérprete? Mas já por outros (António Quadros, especialmente) tem sido apontada esta linha eslava (por assim dizer) de alguma da nossa ficção deste século, o que pode querer dizer que aqueles que entre nós vivem em *si* a Europa sentem muito metropoloeuropeisticamente que é europeu quem sentir ou viver a liberdade a ponto de não ser preciso inquiri-la por ser ela a respiração que a todos alimenta. Se há um escritor (como entre nós há alguns) que a contesta (ou que apoia supressões) que esperança pode restar aos outros se não a de andar em *travesti* de cafres a clamar a sua eterna necessidade? E não se autoclassificam de metropoloeuropeus os que advogam que a missão do verdadeiro escritor é exclusivamente a poetisação da afarrobeira, e que tudo o resto é «literatura velha»? Honra a Palma-Ferreira que tudo concilia, que vê que, para já, a solução cá de dentro para as metrópoles pode estar quando muito no compromisso (no compromisso que, aliás, também é *A Paixão*, de Almeida Faria), que é esse compromisso que poderá tornar metropoloeuropeia a nossa literatura (ver Eça), e que, para além dele, não se vê onde estará a saída...

ALEXANDRE PINHEIRO TORRES

O Bravo Soldado Trnka

(Cont. da pág. 8)

nada tem a ver com os ilustres predecessores deste grande artista: Ladislas Starevitch, George Paj ou Alexander Ptuschko.

Desde o início, idealizou um tipo de marionetas com expressão individualizada, tendo no entanto à sua disposição um conjunto de máscaras distintas (normalmente cinco a seis por cada personagem principal) para exprimir os sentimentos e pensamentos fundamentais.

A sua preocupação essencial norteou-se sempre por provocar a imaginação do espectador, permitindo-lhe uma visão muito pessoal de um universo poético que não copia servilmente a realidade.

Pela primeira vez na animação, ao falar-se de Trnka pode dizer-se que o seu cinema é autêntica escultura em movimento e qualquer dos seus filmes representa uma sondagem no espaço.

A marioneta animada apresenta problemas diversos dos do teatro de fantoches ou das marionetas de fio ou luva. O animador tem a seu favor a imobilidade que antecede cada determinação de posição. A sólida consistência das marionetas de Trnka converte-se numa verdadeira arte da estatuária

«A Mão», de Jiri Trnka: um arlequim em paz até ao dia em que uma mão exigiu a modelação da sua efigie... Ele resistiu inicialmente, mas a mão é mais forte. Ela terá o seu retrato, à custa da liberdade e da vida do arlequim

onde a articulação permite movimentação perfeita, evoluindo com naturalidade num universo à sua dimensão. Não é necessário contar com a indulgência do espectador pois trata-se de uma arte adulta, autónoma, que nada deve a qualquer outra expressão artística.

Embora a carreira cinematográfica de Jiri Trnka se tenha iniciado sob o signo do desenho animado, o cineasta nunca escondeu a sua preferência pela marioneta: «Estou persuadido de que o filme de marionetas conserva melhor a factura do autor na representação das figuras e permite fisionomias mais estudadas e profundas. No desenho animado as diferentes técnicas dos numerosos desenhadores que cooperam chega a apagar a individualidade do desenho original. Além disso, as figuras desenhadas estão condenadas, pela sua natureza, a estarem sempre em movimento; não podem ter um gesto de reflexão. Isto limita as possibilidades criadoras do desenho animado...»

Trnka reconhece que o filme de marionetas dispõe de possibilidades ilimitadas e pode aflorar qualquer género corrente no cinema de imagem real. Mas para que serviria isso? Caber-lhe-ia, nesse caso, um papel de imitador. Para o cineasta, o filme de marionetas torna-se inimitável para além das fronteiras do filme interpretado por seres humanos. Neste domínio, o lirismo do tema, a estilização da cena, o jogo enfático dos actores vivos fazem nascer o sentimento do falso, do ridículo e, até por vezes, do lamentável. Em contrapartida, o filme de marionetas pode resultar nos temas satíricos, na mordacidade grotesca e no lirismo arrebatador, características que marcam profundamente a obra de Trnka.

O segredo deste realizador consistiu sempre em evidenciar o sentido poético dos assuntos que escolheu para encenar. Sabia movimentar as personagens de forma brilhante, fazendo actuar no mesmo plano dezenas de figurinhas graciosas. Conseguiu criar uma linguagem universal que não necessita de signos para se fazer entender em qualquer parte.

Procurou inspirar-se nas tradições populares, muito embora revelasse na sua obra uma cultura artística refinada. A música e o folclore do seu país não foram pretexto para especulação. A paisagem e os costumes da Checoslováquia foram admiràvelmente enaltecidos por este cineasta cujos filmes revelam um humanismo exemplar.

VASCO GRANJA

Filmografia de Trnka

Os títulos em português correspondem à tradução literal do original.

DESENHO ANIMADO

1945 — *A Avó Plantou Uma Beterraba*

1946 — *Os Animais e os Bandidos*
— *A Prenda* (com cenas de imagem real)
— *O Diabo de Molas e os S. S.*

1951 — *O Circo Alegre* (com animação de elementos recortados)
— *O Peixe Dourado*

1954 — *As Infelizes Trocas do Avô*

1958 — *Uma História Muito Simples*

ANIMAÇÃO DE MARIONETAS

1947 — *O Ano Checo* (longa metragem)

1948 — *O Rouxinol do Imperador da China* (longa metragem)

1949 — *O Moinho do Diabo*
— *A Canção da Pradaria*
— *O Romance do Contrabaixo*

1950 — *O Príncipe Bayaya* (longa metragem)

1951 — *O Circo*

1953 — *Velhas Lendas Checas* (longa metragem)

1954 — *Os Dois Frimas*
— *O Bravo Soldado Chveik* (longa metragem)

1955 — *O Circo Hurvinek*

1959 — *O Sonho de Uma Noite de Verão* (longa metragem)

1961 — *A Paixão*

1962 — *A Avó Cibernética*

1964 — *O Arcanjo Gabriel e a Mãe Pata* (média metragem)

1965 — *A Mão*

crónica crítica **alexandre pinheiro torres**

A propósito de «A Porta do Inferno»

de João Palma-Ferreira

A EUROPA DAS METRÓPOLES E DAS COLÓNIAS LITERÁRIAS

este bocadinho ao Ruben A.

A LITERATURA PORTUGUESA tem feito um enorme esforço para se metropoloeuropeizar. Ainda não há muitos anos aceitava-se que o melhor processo para qualquer país ou nação atingir esse objectivo seria através de um consciente e bem radicado apelo ao que possuíssem de mais nacional. Seria preciso apelar para as autoctonias.

Mas nesta Europa, tão diferente e tão igual, que às vezes o mais que pensa é que a heterodoxia consiste no paradoxo, Europa tão fácil de compreender nas suas ingenuidades que estas já a perdem e que poderão mesmo acabar por perdê-la, uma delas é ainda a de considerar com valor eterno a divisão segundo a qual os países se agrupam em dois compartimentos estanques: por um lado o das metrópoles e, por outro, o das respectivas colónias literárias.

Para as primeiras, que correspondem na carta geográfica do mundo às grandes potências, o que literàriamente interessava das colónias era, está bem de ver, o exotismo indígena das necessidades primárias materiais e espirituais. Mas, caro Leitor Distraído, foram-me precisos vários anos consecutivos

J. Palma-Ferreira: para já, solução no compromisso

de funções docentes numa universidade inglesa, e também vários anos seguidinhos de controvérsias com alunos ingleses de diversa origem para chegar a esta crudelíssima conclusão: quando a metrópole exige da colónia literária a litania do miserabilismo — a tal autocionia a que a reduz — essa exigência pouco mais representa que a mentalidade do colono (no sentido pejorativo que esta palavra tinha fatalmente que adquirir numa época que só é parcialmente de iluminismo).

Quanto à literatura portuguesa que vive ainda a hora da sua menoridade de colónia, já ela parece ter feito bastante para que a libertassem um pouco dessa fatalidade. Mas a Europa das metrópoles continua a exigir-nos (e muito bem) que continuemos a dizer o *quê*, o *quem* e o *como* autòctonamente somos.

Como se passam as coisas no estrangeiro em relação a nós? Vejamos um exemplo: Augusto Abelaira dá-nos em *A Cidade das Flores* um retrato cabal de uma das tais colónias, que para nós só tem o defeito de teimar em ser fiel. Tudo parece estar certo, mas, de repente, escreve *Enseada Amena e Bolor* que são das obras mais agudas que sobre as relações conjugais se escreveram. Embandeiramos em arco e afirmamos, com certo orgulho, que os metropoloeuropeus da França e da Inglaterra poderiam não fazer melhor. A questão está em que, do ponto de vista deles, as duas últimas obras pertencem à jurisdição temática das metrópoles e que os cafres não têm o direito à subtileza, que esta não é uma cacarterística da nossa autoctonia, e decretam: «Disto fazemos nós e melhor» (embora porventura não o façam).

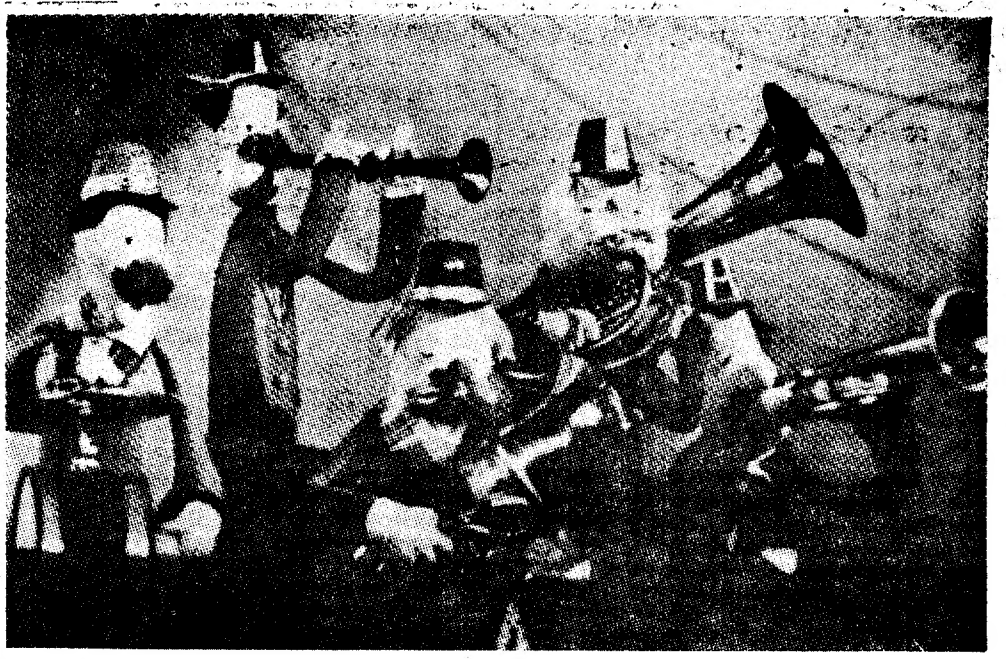
O desencontro revela-se aqui: uma certa *literatura nova*, ou que pensa que merece tal qualificativo, e ela, partindo então de nomes como Gastão Cruz ou Almeida Faria ou Luísa Neto Jorge ou António Ramos Rosa ou Herberto Hélder ou Isabel Barreno ou Nelson de Matos ou Fiama Brandão ou M. S. Lourenço ou Artur Portela Filho, etc. abrangerá até os sectores de ideologia mais de «caras» neo-realistas como o provam os «recentes» Carlos de Oliveira ou Mário Dionísio ou então Cardoso Pires ou Baptista-Bastos, parece ávida de demonstrar que já podemos até não ser às vezes *exóticos* (ou tão autóctones como isso) numa Europa a que estiveram sempre ligados, por pouco que a Europa ande globalmente feita no *nós* que teima em nos desmetropoloeuropeizar. No fundo a controvérsia pode girar em torno deste ponto: A Europa continua à espera (se é que profundamente espera seja o que for) que só falemos metropoloeuropeisticamente quando irrecusàvelmente a nossa autoctonia for europeia. Mas Ruben A. não provou na *Torre da Barbela* que ela hoje não o é, pondo muito metropoloeuropeisticamente em dúvida que jamais o tenha sido? Se assim é, é porque seremos então exóticos, apesar do esforço em se mostrar o contrário...

O GRANDE BUSÍLIS DA QUESTÃO OU: A SALVAÇÃO DO MUNDO E AS ALFARROBEIRAS DO TAITI

Que outra alternativa nos resta senão dar o que nos pedem? A *literatura nova* entre nós, responde: «mais devagar!, que literatura será a nossa se só dermos o que se nos solicita? Podemos, quanto muito, aceitar um compromisso...»

Porque o busílis está aqui: a atracção pela nossa exótica autoctonia é tão fascinante nessas metrópoles (onde se vê mais fàcilmente o argueiro nos olhos dos vizinhos que a tranca nos próprios) que os escritores delas desatam a perpetrar romances-libelo no género de *Os Comediantes*, de Graham Greene (na boa linha do *1984*, de George Orwell). O que, aliás, é até muito bem feito. Porque quando o cafre se esquece que é cafre e veste artificialmente a casaca do metropoleuropeu, vêm então os Greene sufocar-nos com a fancaria literária do romance sobre a ditadura do Duvalier no Taiti. E isto porquê? Porque talvez os taitianos, na ânsia de se metropolocidentalizarem tenham perdido o sentido da urgência nacional de falarem nos Duvalier. Assim, derramar-se-ão, sem aceitar qualquer compromisso, em poemas sobre o azul do céu e as alfarrobeiras do sítio. Para quem está de fora parece que o que lá importa em literatura é a poetisação da alfarrobeira, o que será certamente o ponto de vista da tasca literária do Taiti, na ânsia (e quem diz que não legítima?) de se metropoeuropeizar, mas não o ponto de vista da metrópole que muito

(Cont. na pág. 7)

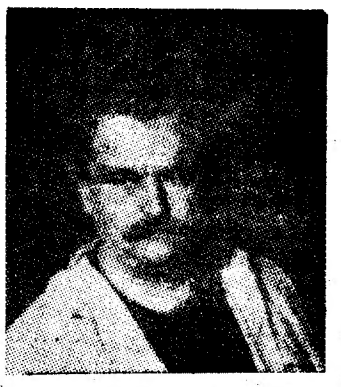


«O Bravo Soldado Chveik», de J. Hasek, na magistral versão de Trnka

O Bravo Soldado Trnka

por Vasco Granja

A MORTE DE JIRI TRNKA é um acontecimento doloroso pelo facto de que desaparece a maior figura do cinema de animação mundial. Tanto mais doloroso é este acontecimento quanto é certo que em Portugal jamais se viu qualquer dos seus admiráveis filmes. O que este desconhecimento representa nas limitações do nosso património cinematográfico é qualquer coisa impossível de imaginar.



Reconhecido e admirado por toda a parte, Jiri Trnka não foi revelado ao público português ao longo da sua fecunda carreira cinematográfica de vinte e cinco anos. Porque o conhecimento de um cineasta não se processa através de artigos ou de ensaios mas sim numa sala escura onde se projectem os seus filmes. Tanta seiva criadora, tanta inspiração num cinema diferente do outro, tanta beleza com a qual não se podem saciar os que dela necessitam para continuarem a viver e a ter esperança.

EM NENHUM PAÍS do mundo a qualidade do filme de marionetas supera o nível alcançado pelos animadores checoslovacos. Numerosos são os factores que concorrem para esta posição de relevo, sendo de destacar a influência do passado, onde se verifica uma notável tradição no domínio do teatro de fantoches, forma de espectáculo extremamente popular desde o século XVIII.

O povo checoslovaco tem uma afeição muito arreigada pelas marionetas, que sempre desempenharam um lugar de evidência nas suas manifestações artísticas. Através do teatro de fantoches o povo checoslovaco tem preservado o seu espírito independente, identificando o tema das peças representadas com o seu amor pela liberdade.

Quando da ocupação austro-húngara, em que era obrigatório os actores teatrais representarem textos em língua alemã, os manipuladores de fantoches corriam as aldeias e as cidades exortando o povo a levantar-se contra o invasor e defendendo o primado da língua nacional. Foram estes teatrinhos espalhados por toda a parte que divulgaram igualmente as obras clássicas dos autores estrangeiros. Assim se formou um vasto repertório que tomava em conta as aspirações do povo, convertendo-se o teatro de fantoches no espectáculo favorito de todas as camadas de espectadores, sem que jamais tenha sido considerado como um entretenimento exclusivamente destinado a crianças. Em 1928 os habitantes de Pilsen inauguraram uma placa em homenagem a Kasparel, personagem popular do teatro de fantoches, *por ter ajudado a destruir o império austro-húngaro*. Placa esta que os nazis, onze anos mais tarde, destruíram...

Foi precisamente nesta cidade de Pilsen que Jiri Trnka nasceu no dia 24 de Fevereiro de 1912. Estudou na Escola de Artes Industriais, de Praga, de 1929 a 1935. Ilustrou numerosos livros e organizou várias exposições de pintura, actividades que nunca deixou de exercer.

Durante a guerra fundou o Teatro de Madeira de Trnka, no qual divulgou o vasto repertório popular de dramas e comédias de fantoches. Ao mesmo tempo assegurou a decoração cénica de algumas encenações no Teatro Nacional de Praga, tendo obtido o primeiro prémio pelos cenários de *Libuse*, ópera de Smetana.

Em 1945, após a vitória contra o nazismo, os responsáveis pela nacionalização do cinema checoslovaco convidaram-no a dirigir o estúdio de animação Brativ Triku.

Ao contactar com a técnica cinematográfica, Trnka considerou as novas possibilidades que a animação lhe permitia. Daí nasceu uma concepção muito particular de animação de marionetas, que

(Cont. na pág. 7)

Porque motivo se devem fazer filmes de marionetas sòmente para crianças? Sem tomar em consideração as necessidades dos bebés, nós não podemos desprezar o facto de que não é possível estabelecer uma fronteira exacta entre a percepção da arte por crianças de idade escolar e pela juventude. Esta fronteira serpenteia e flutua segundo a natureza e a sensibilidade dos indivíduos. E isto repete-se na passagem entre a juventude e a idade adulta.

A compreensão e a atracção de certas obras são, portanto, determinadas pela faculdade de percepção e não pela idade do público. Por isso, considero sempre com uma certa reserva a arte destinada exclusivamente às crianças.

Esta é a razão pela qual, nos nossos filmes, nunca tomamos em conta a idade das pessoas mas a sua capacidade de compreensão. É evidente que certos filmes são melhor ou pior comprendidos por espectadores mais jovens ou mais idosos, mas trata-se sempre de uma atitude em relação ao tema do que em relação à maneira de fazer ou às intenções.

É a compreensão, a percepção e não a idade, que faz com que se leia na Checoslováquia «A Avó» (livro para crianças de Bozena Nemcova), «As Mil e Uma Noites», «As Aventuras de Gulliver», «As Fábulas», de La Fontaine e a vida complicada e dolorosa deste querido «Dom Quixote».

Nós que, através do mundo, fazemos livros, quadros ou filmes, não sòmente para crianças, fomos e continuaremos a ser leitores destas obras, e o nosso público é feito de crianças e de adultos que sentem a poesia naquilo que ela tem de humano.

JIRI TRNKA